

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

"MINHA PALAVRA VALE UM TIRO, EU TENHO MUITA MUNIÇÃO"
MOVIMENTO HIP HOP e a FABRICAÇÃO DE IDENTIDADES

Dissertação de Mestrado
Maria Raquel Rodrigues Vieira

Orientação: Professor Doutor Jarbas dos Santos Vieira

Co- orientação; Professor Doutor Co-Orientador: Álvaro Moreira Hypólito

Linha de Pesquisa: Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente

Pelotas, 2007.

Maria Raquel Rodrigues Vieira

**MINHA PALAVRA VALE UM TIRO, EU TENHO MUITA MUNIÇÃO
MOVIMENTO HIP HOP E A FABRICAÇÃO DE IDENTIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Professor Doutor Jarbas dos Santos Vieira

Co-Orientador: Álvaro Moreira Hypólito

Pelotas, 2007.

Dados de catalogação na fonte:
Aydê Andrade de Oliveira CRB - 10/864

V658m

Vieira, Maria Raquel Rodrigues.

“Minha palavra vale um tiro. Eu tenho muita munição”: movimento Hip Hop e a fabricação de identidades / Maria Raquel Rodrigues Vieira. - Pelotas, 2008.

148f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. Movimento Hip Hop. 2. Performatividades. 3. Identidades. I. Vieira, Jarbas dos Santos, orient. II. Título.

CDD 371.33

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jarbas dos Santos Vieira

Prof^a. Dr^a. Rochele Loguercio

Prof. Dr. Álvaro Moreira Hypolito

**"Eu não sou artista,
artista faz arte,
eu faço arma
sou terrorista."
Mano Brown - Racionais MCs**

UM SALVE! AGRADECIMENTOS

Como este trabalho não é novo, muitas pessoas passaram por mim durante a sua construção. Na intenção de não esquecer de ninguém farei um agradecimento cronológico.

Um agradecimento com amor a minha família que nem sabia que Universidade existia. Um agradecimento especial a Tica - minha irmã - que bancou financeiramente e mais que tudo, apoiou incondicionalmente.

Um salve! Aos meninos e meninas que 'passaram' pelo Projeto Amizade, pelos seus ensinamentos, pelo despertar para outras formas de ver e se viver. Pela oportunidade de conviver com muitas pessoas negras, de conhecer as periferias da cidade e o Movimento Hip Hop.

Um salve! Ao Florismar - que eu já disse - não é desse mundo - por esse jeito teimoso e flexível. Por ter criado o Projeto Amizade e ter pensado numa Universidade muito além das salas de aula.

Um salve! A Rita Pinto e a Pati Maionese por me inserirem no Projeto Amizade. Um Salve! Também ao Betinho e ao Waguinho, amizade feita durante o Projeto Amizade. Este projeto deu certo! Estes me acompanham desde o meu início nestes projetos - O Amizade e a minha pesquisa -.

Um salve! Para o pessoal da AMIZ - Betinho, Wagner, Eliana, Cátia, Florismar. Tudo tem seu tempo.

Muitos salves! Ao pessoal do Movimento Hip Hop que participaram da minha pesquisa. Carinhosamente ao Beethoven - por sua atrapalhão, alegria e sempre intenção de ajudar. Ao Gagui - que tomou a frente do Programa Comunidade Hip Hop possibilitando este espaço para minha pesquisa. Ao Anjo - pelo encaminhamento que dá ao Movimento e por também ter se tornado um amigo e ao Brown pela sua humildade, leveza e compromisso com o Movimento - amigos da antiga. Sinceramente ao Ligado, Vovô, Marcinho, Maisson figuras importantes e reconhecidas neste Movimento e, portanto essenciais em minha pesquisa.

Um salve! Ao Mano Davi - rapper da Banca CNR - que nem sabe que eu o admiro tanto.

Agradeço ao meu orientador Professor Doutor Jarbas dos Santos Vieira, que aceitou o desafio do tema e da orientação. Mesmo com minhas dificuldades não abandonou o trabalho.

Agradeço muito ao Professor Doutor Álvaro Moreira Hipólito pela co-orientação, pelas dicas, as motivações, a leitura séria e competente do meu projeto, também pela oportunidade do trabalho com a iniciação científica durante a graduação. Com certeza foram meus primeiros passos até aqui e daqui pra frente.

A professora Doutora Rochele Loguércio pela leitura 'obsessiva' e dicas contundentes ao meu trabalho.

O sincero agradecimento aos amigos Jarbas, Álvaro e Rochele (amiga temporária e de outros carnavais) pelo apoio e encorajamento.

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo investigar o processo de construção/fabricação das identidades dos participantes do Movimento Hip Hop na cidade de Pelotas. Para tanto foram realizadas análises de entrevistas, através de um programa de rádio: Comunidade Hip Hop, em quatro (4) programas para apresentação de temáticas ligadas a trajetória do movimento Hip Hop em Pelotas e a inserção de alguns participantes neste movimento. Este material foi analisado e, entendendo que somos fabricantes deste tempo e deste meio, dirigi meu olhar para o processo de fabricação de identidade dos participantes do Movimento Hip Hop de Pelotas, através do conceito de Performatividade de Judith Butler (1999, p. 92) que nos sugere a "concepção de identidade como movimento e transformação". Nas entrevistas apresentam-se atos performativos que classifiquei em: messiânicos, políticos, estéticos, lingüísticos, territoriais e étnicos. Outras operações como: mercado, mídia, família, cultura, gênero, perpassam os atos performativos. Após o processo de análise dos dados foi possível concluir que o movimento Hip Hop de Pelotas assim como no Brasil ainda é um movimento de periferias. A fabricação de suas identidades ou o modo que operam suas vidas se dá em forma de apropriação e resistência. O movimento Hip Hop brasileiro se manifesta, borra fronteiras, cria, fabrica identidades e transforma violência, miséria e preconceito em música, em manifestação cultural.

Palavras-chave: movimento Hip Hop, identidades, performatividade

ABSTRACT

"My word is worth a shot, I've got lots of munitions."

This dissertation aimed to investigate the process of construction/production of identities on the participants of the Hip Hop scene in the city of Pelotas. With this purpose interviews from the radio program Comunidade Hip Hop were analyzed using four program episodes, presenting themes connected to the movements of the Hip Hop scene in Pelotas and with the participation of some members of that scene. Analyzing this material and understanding that we are the constructors of this time and this environment, I have turned my attention to the identity production of the Hip Hop members in Pelotas through Judith Butler's (1999, p.92) concept of performativity, which suggests the "understanding of identity as movement and transformation". The interviews show performative acts that I have called: messianic, politic, esthetic, linguistic, territorial and ethnic. Other productions such as market, media, family, culture, gender also go through the performative acts. After the data analysis it was possible to infer that the Hip Hop scene in Pelotas, as well as in Brazil, still is a movement from the suburbs. The construction of their identities or the way they manage their lives is built on appropriation and resistance. The Brazilian Hip Hop scene manifests, blends borders, creates, produces identities and transforms violence, misery and prejudice into music, into cultural manifesto.

Key-words: Hip Hop scene, identity, performativity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Desenho 1 - "Graffiti Não é Crime" - Mano Leco participante do Projeto Amizade (em folha ofício).....
- Fotografia 1 - Fotografia da Logomarca do Projeto Amizade.....
- Fotografia 2 - Participantes do Projeto Amizade 'tomando banho' no chafariz da Praça Coronel Pedro Osório (central) de Pelotas.....
- Fotografia 3 - Almoço durante as atividades do Projeto Amizade.....
- Fotografia 4 - Tatuagem de Gagui IDV "Hip Hop Salva" - Pelotas.....
- Fotografia 5 - Graffiti do Comitê de Desenvolvimento Dunas 1 - Pelotas.....
- Fotografia 6 - Grupo de Rap "Mensageiros da Paz" - Loteamento Dunas.....
- Fotografia 7 - Graffiti do Comitê de Desenvolvimento Dunas 1 - Grafiteiro: Beethoven - Pelotas.....
- Fotografia 8 - Graffiti do Comitê de Desenvolvimento Dunas 2 - Grafiteiro: Beethoven - Pelotas.....
- Fotografia 9 - Graffiti do Comitê de Desenvolvimento Dunas 3 - Grafiteiro: Bodão - Pelotas.....

LISTA DE ABREVIATURAS E/OU SIGLAS

B. Boy - Break Boy - dançarino de break - dança do movimento Hip Hop

Dj - Disc Jôquei

ESEF - Escola Superior de Educação Física

FASE - Fundação de Apoio Sócio Educativo

MC - Mestre de Cerimônia

Rap - abreviatura de Rithm and Poetry - Ritmo e Poesia - música do movimento Hip Hop

SUMÁRIO

Resumo	07
Abstract	08
O começo do Graffiti	14
1 "(...) Agora pare, pense, olhe para trás não entre nessa meu amigo, se torne um bom rapaz Agora pare, pense, olhe para o lado. Estenda sua mão para o menor abandonado (...)." Projeto Amizade e o Movimento Hip Hop	21
2. "O berço da cultura Hip Hop" O Movimento Hip Hop nos Estados Unidos da América	26
3. "Eu só quero é ser feliz, andar tranqüilamente na favela onde eu nasci, é e poder me orgulhar e ter a consciência de que o pobre tem seu lugar." Movimento Hip Hop no Brasil	32

4. "A nossa arma tem que ser a cabeça, a caneta e o papel." Pelotas e o Movimento Hip Hop	47
5. "Hip Hop é atitude" Movimento Hip Hop: Compondo Identidades	62
6. "Eu não achei o Hip Hop, o Hip Hop me achou". A fabricação de Identidades no Movimento Hip Hop	68
7. Para recolher as tintas, limpar os pincéis... O Graffiti	101
Grafiteiros e Grafiteiras - Referências	106
Anexos	119
Anexo A - Letras de Raps	120
Anexo B - O que é Fanzine	139
Anexo C - Glossário	140
Anexo C - Relação de Participantes do Movimento Hip Hop de Pelotas	143
Anexo D - Programas de Rádio, Televisão e Sites	145



"MINHA
PALAVRA
VALE
UM TIRO,
EU TENHO
MUITA
MUNIÇÃO"

Desenho do Mano Leco - participante do Projeto Amizade (em folha ofício), 1999.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

O começo do Graffiti

Ao iniciar o projeto desta dissertação tinha como intenção um esboço. Entendendo esboço como linhas iniciais de uma obra artística ou intelectual, um rascunho, um ensaio. Tinha como intenção unir a obra artística e a intelectual para compor um *graffiti*¹ que mais adiante poderia se tornar este trabalho.

Utilizo-me da metáfora do *graffiti* na tentativa de uma maior aproximação e exemplificação de um dos meios usados como manifestação do Movimento Hip Hop.

Canclini (1998) é um autor que caracteriza o *graffiti* como uma escrita que delimita espaços, impõe estilos:

"(...) uma escritura territorial da cidade, destinada a afirmar a presença e até a posse sobre um bairro. Suas referências sexuais, políticas ou estéticas são maneiras de enunciar o modo de vida e de pensamento de um grupo que não dispõe de circuitos comerciais, políticos ou do mass media para expressar-se, mas que através do graffiti afirma o seu estilo. (...) É um modo marginal desinstitucionalizado, efêmero de assumir as novas relações entre o privado e o público, entre a vida cotidiana e a política." (p. 336).

Peguei em uma lata de *spray*² para esboçar este possível graffiti e fiz esta pintura.

Pinte, primeiramente, o que acredito ser o início deste estudo. Pinte minha inserção no **Projeto Amizade** que foi desenvolvido na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

Ao lado, dando continuidade, pinte um pouco da história de um outro país, de um lugar muito distante, suas histórias, suas expressões e impressões de vida: **O Berço da Cultura Hip Hop - O Movimento Hip Hop nos Estados Unidos da América.**

Num movimento de afastamento e aproximação pinte um pouco do Brasil, também suas histórias, expressões, impressões e manifestações culturais: **O Movimento Hip Hop no Brasil.**

¹ Optei pelo uso da grafia Graffiti por esta ser a utilizada no Movimento Hip Hop.

² Tinta usualmente utilizada para a pintura dos graffitiis.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Pintei também algumas vivências de algumas pessoas de uma cidade do interior do Brasil, com seus estilos, expressões, territórios e manifestações: **Pelotas e o Movimento Hip Hop.**

Com o muro terminado, olhei para a pintura e re-vi as personagens que a compõem. **Compondo Identidades.**

Neste re-olhar, está à pintura pronta. **Análise dos Dados.**

Para pintar o que pretendia, necessitei das personagens, das cores, traços, vozes.

Essas vozes e traços que fundamentaram minha pintura são de **Grafiteiros e Grafiteiras – Referências.**

Mostro também os desenhos, os rabiscos, as fotos, as músicas, as tintas, os pincéis utilizados. **Anexos.**

Para a pintura, havia a necessidade de um destaque nos traços, nas formas, nas cores, nas margens: o **Graffiti – Metodologia.**

Conforme citei no projeto, tenho a pretensão de também fazer arte, escrever, grafitar. Com o esboço já apresentado, re-visto e re-organizado é hora de olhar o traçado 'final' ou provisório. Na apresentação do projeto muitas discussões, muitos caminhos foram apontados.

Reafirmo que o campo de Pesquisa dos Estudos Culturais, não aponta uma forma única e específica para a investigação. Contrariamente as formas são múltiplas, plurais, compreendem diversos caminhos que se entrecruzam e que dependem do traçado, das linhas e do desenho que se pretende.

A tinta ou o traçado que escolhi usar não tinham a intenção de garantir a pintura perfeita, mas apresentar traços, contornos, cores; Assim organizei minha pesquisa.

Na pretensão de, segundo Gottschalk (1998), um “mapeamento de um território cultural”, apresentei meu projeto à qualificação. Neste momento, prazeroso de discussão onde tive a oportunidade de re-olhar meu trabalho, logo o capítulo referente à metodologia foi esvaziado. Mas isso foi muito bom, percebi conforme orientação da banca que a metodologia que propunha era 'dura', era rígida e completamente desconhecida da proposta do projeto. Ao apresentar uma metodologia com tantos limites a seguir, acabaria fazendo recortes que não me indicariam o processo de fabricação de identidade no Movimento Hip Hop, muito pelo contrário, o que produziria seriam pinceladas retas, quando a intenção é borrar as tintas.

Então o Professor Álvaro Hipólito propôs que buscasse os organizadores do Programa de Rádio:

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Comunidade Hip Hop, que é apresentado em uma rádio comunitária da cidade a Rádio Comunidade ou Rádio Com, como é chamada e que é mantida por diversos sindicatos para realizar minha pesquisa durante os programas. Aprovei a idéia e organizei um encontro com um responsável pelo programa. Apresentei meu Projeto de Dissertação e propus a minha participação em quatro (4) dias de programas para apresentação de temáticas ligadas a trajetória do movimento Hip Hop em Pelotas e a inserção de alguns participantes neste movimento. Esta primeira conversa foi feita com o Gagui IDV, apresentador do Programa. A proposta foi muito bem aceita e combinamos ir até o programa para apresentar o projeto. No dia 01 de julho de 2006, às 18h compareci nas dependências da Rádio Com. e participei do programa apresentando meu projeto e a idéia de comparecer nos próximos quatro programas para entrevistar pessoas ligadas ao Movimento Hip Hop de Pelotas, aproveitei a oportunidade e refiz o convite a alguns participantes para que se fizessem presentes. Refiz o convite, porque neste tempo entre o acordo com o Gagui e a minha participação no programa entrei em contato com diversas pessoas e fiz o convite para que fizessem parte da pesquisa através da participação nos programas.

A escolha de participantes/entrevistados se deu conforme propunha anteriormente no projeto de dissertação. Segui os seguintes critérios.

- a - foram convidados a participar dos encontros pessoas envolvidas com o Movimento Hip Hop a no mínimo cinco (5) anos. Como em outros movimentos culturais criam-se grupos e desaparecem muito rapidamente. Neste intuito busquei participantes que já tinham uma história no movimento tanto em grupos ou individualmente;
- b - participantes com algum reconhecimento tanto na mídia como pelos próprios participantes do Movimento Hip Hop;
- c - participantes, preferencialmente de diferentes regiões da cidade;
- d - participantes que eu pesquisadora tinha contato e proximidade.

Tive dificuldades para contatar algumas pessoas como: telefones trocados, telefones cortados, não atenderem ao telefone. Mas também tive ajuda de dois convidados que se propuseram a entrar em contato com outros conhecidos. Assim compareceram aos programas as seguintes pessoas:

Gagui IDV (Ideologia de Vida) - rapper; Tiago da Costa Moura

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Beethoven - grafiteiro; Beethoven Mendonça dos Santos.

Makabra - rapper, Almir Bastos Silva Junior

Anjo DB (Da Baixada)³ - rapper; do Grupo Mensageiros do Apocalipse. Sandro Luís Duarte Mesquita

Vovô (ou Té) - bailarino de break e dança de rua, coreógrafo e diretor do grupo Piratas de Rua; Uanderson de Oliveira Farias.

Brown - rapper; Grupo Calibre 12 MCs. Jair Duarte Corrêa

Ligado - rapper; do grupo MCs Radicais; Otoniel Junior.

Marcinho - rapper gospel e B. Boy; Grupo Originais; Márcio Heleno De Oliveira Dias

Maisson Barboza da Silva - operador de som;

Outras pessoas também foram convidadas, como integrantes da Banca CNR, antigo grupo Consciência Negra, e Zulu - grafiteiro ambos moradores do Loteamento Dunas; Jorginho e Lasier do Grupo Piratas de Rua, Izair do grupo Guerreiros do Rap - do Bairro Navegantes, Wagner DJ (disc Jockey). Por motivos como: trabalho, falta de tempo, chuva, não compareceram aos programas.

Durante o mês de julho de 2006, foram realizados quatro programas consecutivos, nos dias: 08, 15, 22 e 29. Aos sábados, das 18h às 19h30min no estúdio da Rádio Com 104.5 FM, que se localiza no Centro da cidade de Pelotas.

Descrevo agora, um pouco da dinâmica dos encontros e seus participantes.

No primeiro encontro dia 08 de julho de 2006, sábado, estavam presentes: Gagui, Makabra, Anjo DB e operando na mesa de som, Maisson.

Neste encontro não sabia como se dava a organização do programa, se quer sabia que podíamos ficar conversando enquanto 'rodavam' as músicas. O rapper Gagui abriu o programa, fez a sua saudação habitual e apresentou-me. Por minha vez tornei a me apresentar e explicar o que pretendia fazer. Os outros presentes fizeram as suas saudações, ouvimos músicas na seqüência e na volta do primeiro intervalo o Gagui passou a palavra para que eu iniciasse o as entrevistas. Pedi então que os presentes se apresentassem dizendo nome, a que grupo

³ Referindo-se ao Bairro Navegantes.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

pertencia e qual a atividade exercida neste grupo e após deveriam contar as suas aproximações com o Movimento Hip Hop, ou como conheceram este movimento. Neste primeiro encontro o rapper Anjo DB, Makabra e Gagui IDV fizeram este relato.

No dia 15 de julho, estavam presentes: Gagui, Makabra, Vovô, Brown, Beethoven e Maisson.

Neste encontro já mais acostumada com a dinâmica do programa e com outros presentes, foi a vez de entre saudações e músicas, os rapper Vovô e Brown fazerem o seu relato. Houve uma polêmica devido ao tempo, pois alguns queriam que o Beethoven começasse o seu relato e este não quis porque teria pouco tempo para falar já que faltava pouco para acabar o programa. Combinamos que no próximo programa ele começaria o seu relato.

No dia 22 de julho, estavam presentes: Gagui, Anjo DB, Beethoven e Maisson. Assim foi o Beethoven começou com o seu relato e entramos em outro tema: O que é o Movimento Hip Hop pra ti? Os outros presentes falaram do entendimento que tem sobre o Movimento Hip Hop.

No dia 29 de julho, estavam presentes: Anjo DB, Beethoven, Ligado, Marcinho e Maisson. Este foi o último encontro e devido à variação de presença dos entrevistados, neste encontro acabou acontecendo mais debate do que nos demais, pois houve uma troca mais efetiva de experiências sobre o Hip Hop com os entrevistados. Outras temáticas como economia, mídia, linguagem e estética fluíram intensamente.

No projeto de pesquisa, não apresentei um roteiro de debate com questões e temas já fechados ou prontos, mas percebi que se tinha como objetivo investigar o processo de construção/fabricação das identidades dos participantes do Movimento Hip Hop na cidade de Pelotas, algumas questões-chaves como: - significado, - histórico e - estética contemplavam o meu objetivo de pesquisa. Segui estas questões e debati junto aos participantes qual o significado do Movimento Hip Hop, como opera em suas vidas, que representação, que importância tem nas suas construções individuais; conheci através dos participantes a história do Movimento Hip Hop em Pelotas, bem como as histórias de suas vidas neste movimento; visualizei as construções estéticas de cada participante e do Movimento, suas vestimentas, vocabulário e expressões, aspectos que contribuíram para identificar estas fabricações.

Após o processo de qualificação do projeto e realização da pesquisa acabei por tomar certo

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

distanciamento do trabalho, devido ao envolvimento em minhas atividades profissionais. Também havia certa dúvida de como tratar dos dados pesquisados. Com olhares, leituras, discussões retornei ao trabalho para apresentar então a análise dos dados coletados.

**"vida da rima mostrou luz e foi além, resgatou,
trouxe à tona os bandidos do bem. só favela
repito só favela, r.a.p. é alforria,
afasta a alma do guerreiro de dentro da cela.
e é só por ela, pela rima
eu vejo vários irmãos,
no desconforto viu a arte como salvação.
hoje quem conduz microfone, spray, technics,
do crime foi refém e afundou tipo titanic,
fui resgatado pelo rap, pelo dom,
pela bic".**

*'Se me Chamaram'
Gagui idv e Banca CNR*

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



**"Hoje eu caminho pelas ruas da cidade
agitando com a galera, curtindo de verdade
sei que muitos só querem ver o meu mal
são otários, ciumentos que só vão se dar mal
pois conheço meu futuro, meu passado, meu presente
já fui alvo de intriga pra muita gente
por isso que eu te digo e volto a repetir
Anjo é meu nome e eu estou aqui"
Rap: 'Anjo MC' - Rapper: Anjo
Pelotas - RS**

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

1. “(...) Agora pare, pense, olhe para trás
não entre nessa meu amigo, se torne um bom rapaz
Agora pare, pense, olhe para o lado. Estenda sua mão para o menor abandonado (...)”⁴.
Movimento Hip Hop - Projeto Amizade

O Movimento Hip Hop surgiu em minha vida, não ainda como movimento, mas através do rap (música) e do break (dança). Durante o último ano da graduação em Pedagogia (1998), que cursei na Universidade Federal de Pelotas, trabalhei no projeto de extensão da Escola Superior de Educação Física, intitulado Projeto Amizade. Este projeto teve seu início em 1995 como projeto de pesquisa com crianças, adolescentes e jovens que viviam em situação de vulnerabilidade social nas ruas da cidade de Pelotas, oriundos de diversos projetos sociais existentes na cidade. Com o tempo o número de participantes aumentou consideravelmente e surgiu a proposta desta pesquisa se tornar um projeto de extensão, vindo a funcionar na ESEF⁵. Ao chegar ao Projeto em 1998 lá trabalhavam em torno de cinco estudantes e um coordenador com cerca de 100 crianças e adolescentes, meninos e meninas que viviam na e da rua e 'passavam' pelo projeto. Este 'passar' pelo Projeto compreendia a participação livre em atividades abertas, podiam 'ir e vir' quando quisessem, mas mesmo sem a obrigação de frequência, eram motivados a participarem. No decorrer do projeto faltaram recursos para alimentação e desenvolvimento de algumas oficinas, as atividades foram se esgotando o que levou o projeto a se tornar somente um ponto de encontro e, mesmo assim, eles e elas continuavam vindo. Vinham para se encontrar, para conversar, para 'trocar umas idéias com os tios e as tias', jogar futebol e ouvir música. A música era especificamente o rap⁶. A primeira coisa que fazíamos após abríamos os portões da antiga sede era 'liberar o aparelho de som' para que fossem colocados os CDs, trazidos pelas crianças e adolescentes e assim era do momento que se chegava até a hora de ir embora, se ouvia rap o tempo todo, preferencialmente o grupo paulista Racionais MCs, conseguir

⁴ Refrão de Rap feito por participantes do Projeto Amizade em 1999 - segue anexo.

⁵ Escola Superior de Educação Física.

⁶ Rap - Estilo Musical. Um dos elementos do Movimento Hip Hop. Rithm and Poetry, traduzido para Ritmo e Poesia.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

ouvir outro tipo de música só após longa negociação. Qualquer participante ou visitante do Projeto podia perceber a estreita relação destes jovens e adolescentes com este estilo musical. Esta relação levou-nos a entrar em contato com alguns rapazes que escreviam e cantavam *rap's* com o intuito de trabalharem com as crianças e adolescentes do projeto, mas esta proposta não funcionou pois estes se dizendo entendedores da música, da dança, diziam que aqueles só copiavam os outros grupos, não criavam e não sabiam de nada. Apesar deste episódio, a vivência da música e da dança continuou: assim, o grupo construiu alguns *rap's* e apresentaram-se em diversos locais inclusive nesta universidade.

No ano de 1999 as oficinas de dança continuaram dando-se especial atenção ao *break*⁷ e também a uma oficina de *fanzine*⁸ entre outras atividades como futebol, informática, alfabetização, capoeira. Mesmo sem recursos financeiros o projeto continuou funcionando, sendo muitas vezes de maneira precária. Neste ano acompanhei à distância o Projeto Amizade, participando somente quando estava presente na cidade e colaborando principalmente na elaboração de projetos a serem desenvolvidos.

Neste projeto entrei em contato com muitos e muitas jovens e adolescentes que me possibilitaram a vivência de diversas situações: o roubo para comer, mas também para comprar um tênis *Nike* nos camelôs, a morte/suicídio, a alegria da dança quando se é aplaudido, as expressões de indignação e revolta quando se canta um rap, a mistura de

⁷ Break - Estilo de dança. Um dos elementos do Movimento Hip Hop. Significa quebrar e ganhou este nome porque os primeiros dançarinos dançavam somente na parte 'quebrada' das músicas. B. Boy - menino que dança break, B, Girl - menina dançarina de break.

⁸ Fã -(fan), Magazine (revista): revista feita pelo/a fã e para o/a fã. O Fanzine é uma revista reproduzida normalmente em xerox, com uma pequena tiragem e distribuição. O primeiro fanzine foi feito no ano de 1977, na Inglaterra, chamava-se *Sniffing Glue* e era editado por Mark P. um ex-bancário.

“O que é fanzine?”

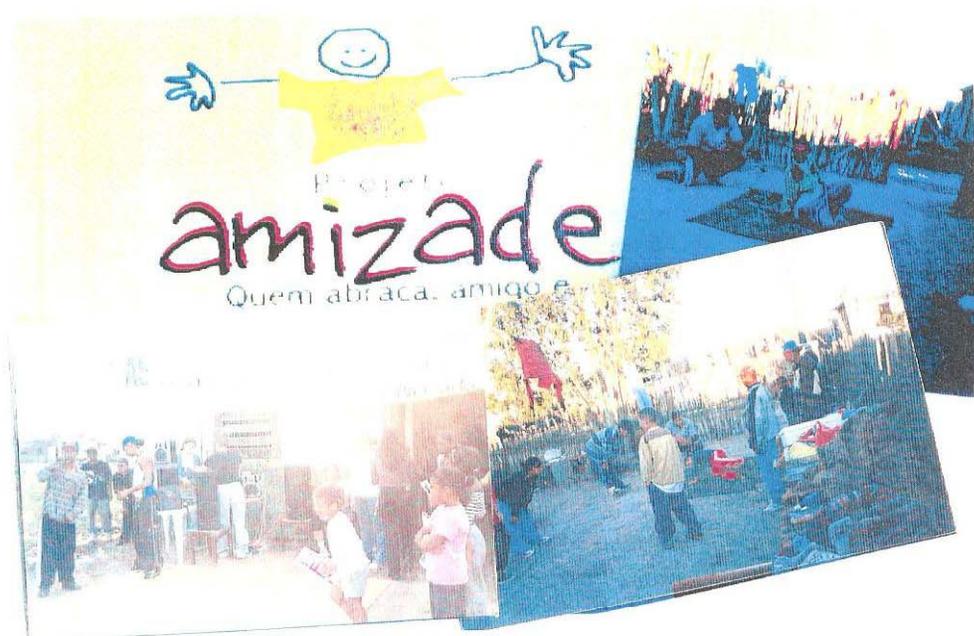
O Fanzine, hoje, é o melhor meio de se divulgar culturas alternativas, como bandas de garagem, filosofias políticas, poesias concretas, vegetarianismo, história em quadrinhos, etc. Rapidamente 'os zines' tornaram-se porta-vozes do movimento punk, daí pra frente à onda dos zines' se espalhou por todos os lugares, atingindo todos os segmentos da sociedade. Mas, o mais legal nisso tudo é o fato de ser um lance totalmente independente, que não visa lucro. Os zineiros querem apenas expressar suas idéias com total liberdade de pensamento e expressão". Rodrigo Rosa da Silva - Editor do *Paralisia Cerebral Zine*. (*Luta Zine, União Graffiti*. Ano 1 nº 3, nov. 1999. SP nov. 1999).

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

raças, a gravidez e a AIDS na adolescência, o estupro, crianças e seus filhos brincando, um novo vocabulário, uma moda ou estilo próprio nas vestimentas, às relações de amizade que compreende chamar de 'manos' aqueles amigos que são vistos como de confiança, a competição durante o break para ver quem faz melhor.

Estas vivências apontaram-me um modo diferente de viver, uma cultura diferente e cheia de expressões. Por outros caminhos, para outros projetos cheguei ao Loteamento Dunas, local onde muitos dos participantes do Projeto Amizade tinham seus familiares ou estabeleciam algum tipo de relação. Lá não foi diferente. As festas e eventos sempre eram marcados por apresentações de rap e break, alguns jovens que se aproximavam para participar dos projetos de organização comunitária já eram envolvidos com o Movimento Hip Hop. E, assim foram às fronteiras se borrando, o Movimento Hip Hop foi crescendo cada vez mais e eu fui conhecendo cada vez mais este movimento.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



Logomarca do Projeto Amizade e Fotos de Atividades realizadas pelo Projeto Amizade

"O Hip Hop me deixa
alerta
um pouco mais consciente
papo de irmão pra irmão,
esse é o toque certo"
Rap: 'Sabedoria de Rua'
Grupo Consciência Negra -
Pelotas - RS

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Hip Hop é o que nós sabemos fazer.
Nós vivemos do Hip Hop.
Isso porque o Hip Hop faz você ferver,
entende o que eu digo?
Para mim, o Hip Hop é água, é ar, é Deus (...)
(...) O que a gente vê é uma nova ordem mundial.
E essa nova ordem já estava aqui no Brasil,
esperando a música chegar dos Estados Unidos(...).
Afrika Bambaataa

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

2. "O berço da cultura Hip Hop"

O Movimento Hip Hop nos Estados Unidos da América

Nesta segunda parte, pinte uma passagem da história estadunidense, um momento que repercute até hoje, o início de um movimento cultural, criado a muitos quilômetros daqui, mas transformado e visível nas esquinas, nas praças e onde "tiver uma negadinha reunida"⁹ aqui no Brasil.

Para continuar este esboço, para pintar aqui, é preciso conhecer lá, especificamente os Estados Unidos da América. O planejador urbano Robert Moses (apud Berman, 1986), dos Estados Unidos e autor dessas palavras

"Quando você atua em uma metrópole superedificada, tem de abrir caminho a golpes de cutelo. Eu vou simplesmente continuar construindo. Vocês façam o que puderem para impedi-lo"

executou desde a década de 20, diversos projetos urbanos como rodovias, parques e projetos residenciais, modificando significativamente o perfil da cidade de Nova York. Entre os inúmeros projetos de Moses um particularmente foi influente para o surgimento de manifestações culturais, a implementação da Cross-Bronx-Expressway, uma via expressa de 13 quilômetros, que cortaria ao meio o centro do Bronx, bairro de Nova York. Para a pesquisadora Trícia Rose¹⁰, a construção desta via provocou o desaparecimento de diversas comunidades residenciais de trabalhadores e, ao longo dos anos 60 e 70 muitas residências de operários; aquelas que o urbanista nomeou de "favelas", foram demolidas. Estes trabalhadores eram italianos, alemães, irlandeses e negros. Trícia Rose afirma que

⁹ Expressão usada por uma integrante de um grupo de Rap feminino, ao entrar em contato comigo por telefone para marcarmos um encontro durante a II Conferência Municipal de cultura de Porto Alegre, quando perguntei como iríamos nos reconhecer se não nos conhecíamos pessoalmente.

¹⁰ Professora de História e Pesquisadora do African Studies Program/Faculty of Arts and Science da New York University e Autora do livro 'Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America. New York, Wesleyan Press, 1994 e do artigo "Um Estilo que Ninguém Segura: Política, estilo e a Cidade Pós - Industrial no Hip Hop" in Abalando os Anos 90 - Funk e Hip Hop, Globalização, Violência e Estilo Cultural, 1997.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Embora o bairro agredido tivesse uma população substancial de judeus, os moradores negros e porto-riquenhos foram atingidos desproporcionalmente. Trinta e sete por cento dos moradores deslocados eram não-brancos”. (p.200)

Essas construções e transformações urbanas tinham a intenção de concretizar o sonho estadunidense de modernidade. Seus fomentadores e adeptos defendiam estas obras como o único mundo moderno possível e se opor a essas construções era opor-se à modernidade, ao progresso.

No Bronx toda essa reestruturação fez com que a população branca fosse embora, o que ocasionou a falência do comércio local, proporcionando a baixa nos valores de aluguéis e levando os locatários a venderem suas propriedades ou a incendiarem-nas como forma de receber o pagamento do seguro.

Com o decorrer do tempo, os moradores negros e hispânicos foram “recolocados” no Bronx, reestruturado. Esta chamada reestruturação realizada no Bronx, conforme Trícia Rose (1997, p.200) *“renovação urbana por meio da ‘limpeza das favelas’ também repercutiu em outras metrópoles como Boston e San Francisco”*. Essas atividades feitas pela administração municipal não foram percebidas pela imprensa até 1977, se tornarem notícia quando dois acontecimentos chamaram a atenção para Nova York e especificamente para o Bronx: primeiro um extenso racionamento de energia provocou um blecaute, segundo, facilitando com que muitas lojas fossem saqueadas, principalmente aquelas localizadas neste bairro e, conforme relata Trícia Rose (1997, p.201), a imprensa publicou a notícia descrevendo o bairro como *“(…) territórios sem lei, onde o crime é sancionado e o caos borbulha na superfície”*.

Essa repercussão na mídia levou as autoridades locais a se preocuparem com a manutenção da ordem, fato que culminou com a visita do então presidente Carter, ao Bronx, “para examinar a destruição dos últimos cinco anos” e anunciar um “compromisso com as cidades”. Após estes fatos, os olhares do país se aguçaram sobre o Bronx, que passou a ser visto como um espaço de conflito, violência e desgosto americano. Trícia Rose (1997, p. 201) destaca:

“Assim, as imagens dos prédios abandonados no Bronx se tornaram o principal ícone da cultura popular. Em filmes populares, a negatividade local foi explorada por meio das fachadas devastadas das casas do bairro, que funcionaram como cenário da ruína e da barbárie social”.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Em meio a essa reviravolta, os moradores que ficaram os negros norte-americanos, jamaicanos, porto-riquenhos e outros povos do Caribe, com raízes em contextos pós-coloniais, reconstruíram suas vidas neste lugar chamado de hostil, violento, buscando novas maneiras de conviver, conquistar o seu espaço e expressar-se neste ambiente restrito.

Essa descrição do Bronx, como um cenário de desastre é somente um olhar. Entretanto, outros são possíveis; assim o Bronx pode ser visto como um espaço de construção de manifestações culturais, conforme Trícia Rose (1997, p. 202) "*Fonte de formação de uma identidade alternativa e de status social para os jovens numa comunidade, cujas antigas instituições locais de apoio foram destruídas, bem como outros setores importantes*".

Essas manifestações culturais tinham como espaço criador a rua, a mesma rua que se abria para a movimentação do tráfego através da via expressa de Moses, também foi transformada em espaço público possível de outras expressões. Nas ruas, moradores do Bronx, se encontravam procurando lazer e organizavam festas, adaptando mesas de som e alto-falantes provisórios nos postes de luz, inovavam a música negra da época - o Funk - transformando toca discos em instrumentos musicais, fazendo efeitos de som girando os discos ao contrário. Surgiram então os DJs - Disc Jockey, que, com suas festas, redimensionaram as vias públicas, transformando-as em centros de lazer para a comunidade. Com a música, os jovens começam a dançar e inventam o break - em português "quebrar", porque as pessoas só dançavam na parte 'quebrada'/parada da música. Os primeiros dançarinos imitavam as pessoas que voltavam mutiladas da Guerra do Vietnã, como forma de protesto; depois vieram à imitação de painéis egípcios, movimentos do Kung Fu (arte marcial), de robôs de filmes de ficção científica inspirados na tecnologia, danças africanas, transformando as ruas tomadas por blocos de concreto e placas em palcos e teatros públicos. Com o tempo esses jovens se apoderaram dos microfones e falavam como se estivessem declamando uma poesia, surgindo então o Rap - rhythm and poetry, ritmo e poesia - As falas sobre as transformações vivenciadas no Bronx, sobre os trens, miséria, violências, montes de concreto, surgiram nas canções e se tornaram temáticas musicais. Esses jovens cantores se chamaram MC - Mestre de Cerimônias - porque também durante suas músicas recebiam e saudavam os que chegavam para as festas.

Os convites para estas festas eram feitos "boca a boca" ou por meio de folhetos. Nestes convites era usado o *graffiti* como forma de chamar a atenção das pessoas. O *graffiti* era usado por gangues pela sua grafia

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

diferente, impossibilitando muitas vezes de seus autores serem reconhecidos. Logo o *graffiti* foi absorvido como forma de identificação, pois eles também tinham a intenção de que a linguagem e a escrita fossem diferentes das usadas em revistas e propagandas.

Os moradores do Bronx denunciaram sua inconformidade, reivindicaram seus espaços e em seu movimento cultural tentaram estabelecer relações com as estruturas físicas, com a nova economia, com a tecnologia e com as novas formas de opressão de raça, gênero que se apresentavam na América urbana. Estas relações eram estabelecidas através do *graffiti* nos trens, nas vias públicas, da linguagem e da tecnologia do *sampler*¹¹, da dança robotizada com gestos afro-caribenhos, da apropriação do espaço urbano, da postura e da aproximação em grupos.

Este movimento, que literalmente quer dizer: Hip - saltar e Hop - mexer os quadris, criado entre diferentes culturas, a africana, a caribenha e americana, que identifica a vida desses moradores, situados "às margens da América urbana e pós-industrial" levou o Bronx, conforme Trícia Rose¹² (1997, p. 199), a ser conhecido como "o berço da cultura Hip Hop", porque desconstruiu, re-interpretou e re-criou a experiência da vida urbana.

**"Toda a visão que eu tenho do mundo, toda
nossa postura a gente deve ao rap.
Sem ele a gente poderia estar preso,
no tráfico ou até morto por aí,
Porque não iríamos suportar toda esta
loucura".**

Mano Brown - Grupo Racionais MCs

¹¹ São recortes de músicas constituidoras de outra música

¹² O uso quase exclusivo dos estudos de Trícia Rose, neste capítulo, se deve à importância da autora enquanto pesquisadora do Movimento Hip Hop Norte Americano, além da pouca bibliografia referente à temática histórica do movimento.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



"Toda a visão que eu
tenho do mundo,
toda nossa postura a
gente deve ao rap.
Sem ele
a gente poderia estar
preso,
no tráfico
ou até morto por aí,
Porque não iríamos
suportar toda esta
loucura".

Mano Brown
- Grupo Racionais MCs

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

**"O Rap foi criado com o propósito crítico-social".
Quando comecei não havia CD com rap nacional e era difícil gravar demo.
Atualmente há liberdade e pode ser usado da forma que desejar.
Não me orgulho de ter sido bandido e nem de ter disparado tiros.
Não me orgulho de ter causado mal.
Embora reabilitado
ainda sofro seqüelas,
vivi o crime e digo que não é bom prá ninguém.
A importância da minha trajetória é o prestígio por ter lutado.
E consegui com esforço próprio,
sem apadrinhamento ou força de ninguém.
E o rap para mim é como o ar que respiro,
e prego como evangélico,
a exemplo do cristão que leva a palavra de Deus aonde for necessária.
Vivemos à margem, não temos voz,
e o rap é para a conscientização e não autopromoção¹³.
MV BILL - Mensageiro da Verdade**

¹³ MV Bill - Mensageiro da Verdade: Rapper Carioca em entrevista: Gogoy, Carlos. O Rap que Transforma Pobreza em Poesia. Diário da Manhã. Pelotas - RS, 21 mai. 2000. Segundo Caderno, p.9.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

3. "Eu só quero é ser feliz, andar tranqüilamente na favela onde eu nasci, é, e poder me orgulhar e ter a consciência de que o pobre tem seu lugar¹⁴".

Movimento Hip Hop no Brasil

Na continuação da pintura, pintei como essa manifestação cultural se desenhou por aqui, pelo Brasil. Apostei na fala de integrantes desse movimento para expressar com clareza a chegada nos idos dos anos 80 (oitenta) desta manifestação. Utilizei-me de excertos de revistas e livros que apresentam a fala de participantes do Movimento Hip Hop, com alguns comentários paralelos no intuito de localizar leitores e leitoras.

Em quem você se inspirou para dançar?

Foi que segunte, me inspirei na liberdade do Black Power, no Soul, nos Black Panthers.

Manifestação cultural descendente do funk, também veio a reboque da cultura black dos anos 70 e de movimentos revolucionários como os Panteras Negras.

Como começou a Funk Cia?

A Funk Cia começou há muito tempo atrás, na época do soul, do soul de verdade, no ano de 77 e 78, era no tempo da Dance Days e vem rolando aí, mas não foi fácil não.

"Quais as dificuldades que vocês tinham naquela época?"

As dificuldades eram todas possíveis, simplesmente porque a gente vinha da periferia, nós éramos uma

Vem da periferia estadunidense (norte - americana) para a periferia brasileira.

¹⁴ Rap da Felicidade - MC Cidinho e MC Doca

¹⁵ Nelson Triunfo, considerado o primeiro breaker brasileiro. Entrevista à Revista Rap Brasil, Editora Escala, Ano 1, nº 2. SP

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

minoria e de repente os outros boicotavam a gente na televisão e a gente tinha que superar e mostrar pra todo Brasil a nossa arte, era periferia de verdade e além de nós sermos da periferia tinha o preconceito do militarismo¹⁵."

"As primeiras vezes que ouvi rap, no começo dos anos 80, a gente nem sabia o que era. As pessoas chamavam de 'funk falado'. Gostei muito e queria fazer igual. Eu dizia para os meus amigos: isso são uns barulhinhos que os caras fazem com os próprios discos. Ninguém acreditava em mim¹⁶."

"Como foi o seu primeiro contato com o Hip Hop? É difícil, porque na verdade eu curtia desde o começo do soul e do funk, eu cresci junto com o Hip Hop".

"Como era o Movimento na São Bento, a policia embaçava?"

Não, na São Bento não. Era na 24 de maio que embaçava, mas daí muitas pessoas se acostumaram com aquela mistura de soul com funk e de samba de

No início dos anos 80, os/as jovens ouviam, cantavam, dançavam, mas ainda desconheciam o Hip Hop como movimento

O primeiro elemento do Hip Hop a chegar ao Brasil foi a dança - o *break*, na Estação São Bento, em São Paulo onde eram realizadas rodas de dança e diversas pessoas se encontravam, o que levou a estação a ser considerada o local de início do Movimento Hip Hop no Brasil.

Reafirmando o início do movimento nos anos 80 através

¹⁶ Entrevista com Dj Hum - um dos precursores do Movimento Hip Hop no Brasil. 5º Caderno, Folhinha - Jornal Folha de São Paulo, p.11, 10/07/99.

¹⁷ Nelson Triunfo. Entrevista à Revista Rap Brasil, Editora Escala, Ano 1, nº 2. SP.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

black power e de certa forma nós fomos conseguindo a nossa liberdade e isso aconteceu nos anos 80¹⁷".

"Em 76 a minha mãe dava bailes no fundo da minha casa, cobrava os ingressos e ia todo o pessoal da vila. Eu já nasci dentro da música. Meu tio tinha toda a aparelhagem, tinha todo aquele arquivo musical e foi aí que comecei a pegar às músicas, comecei a ouvir e fazer uns bailes, quando o rap surgiu, na época do break eu dançava bastante e fui assimilando uma coisa à outra. Sempre gostei da black, encontrei uns parceiros começamos cantar rap e estamos aí há mais de 10 anos neste ramo¹⁸".

"A cultura Hip Hop se espalha cada vez mais e o break é uma de suas expressões máximas. No Brasil por volta de 1980 a cultura começou a tomar forma e consistência, apesar das dificuldades. Nomes como Moisés, do Jabaquara Breakers, Marcelinho da Back Spin, Nelson Triunfo da Funk e Cia e muitos outros começavam a criar os alicerces da cultura Hip Hop. Nelson Triunfo, um dos caras mais considerados do meio, percorreu um longo caminho até chegar em São

do break. Somente algum tempo depois tomaram conhecimento dos demais elementos que formam o Movimento Hip Hop: o rap, o graffiti e os DJs

Cultura nascida e criada na rua, inicialmente com o break aqui no Brasil.

¹⁸ Entrevista do Grupo Verbo Pesado à Revista Rap Brasil, Editora Escala, Ano 1, nº 2. SP.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Paulo. Triunfo e a Funk e Cia deixava os transeuntes de boca aberta, muitos office-boys perdiam os empregos por entrarem na roda na hora do trabalho¹⁹"

Como foi gravar uma abertura de novela para a Globo? Na verdade a gente precisava de um destaque e a gente vinha fazendo revistas e umas coisas mais. Eu saí na Vai-Vai (escola de samba de São Paulo) misturando um samba com break e acho que foi isso que levou a Globo a convidar a gente aí nós fomos e fizemos aquela mistura de samba com break e a partir daí começou a nossa abertura²⁰"

"Estranho como o tempo passa voando, pois parece que foi ontem as primeiras performances dos nossos maninhos do movimento. Lembro dos nossos primeiros encontros nas festas do Grupo do Jara, da Kosmo Som, enfim das festas blacks onde o soul e o funk predominavam. O que era aquilo, os caras girando no chão, outros imitando bonecos com ondulações.... como sempre.... a moda nova, vamos ver no que dá... e começamos a reproduzir nos salões, nas rodas de soul

O break é disseminado no Brasil por algumas redes de televisão e emissoras de rádio.

O break chega ao Rio Grande do Sul e assim como o estadunidense e o paulista chega às periferias.

¹⁹ Matéria "Break um Ritmo Alucinante". Revista Planeta Hip Hop, Ed. Escala, Ano 1, nº 1, SP.

²⁰ Entrevista com Nelson Triunfo - dançarino de break - comentando sobre a abertura da novela 'Rainha da Sucata' da Rede Globo de Televisão, para a Revista Rap Brasil, Editora Escala, Ano 1, nº 2, SP.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

a nova onda, a dança do robozinho, luvas brancas óculos espelhados, etc. e dentro de cada comunidade foram surgindo os seguidores desta tendência... Na Restinga, no Ginásio do Cecores, o Ricardo 'Kadinho' fazia as dele. Nos bailes do Grupo Jara o mestre Geda Mil arrasava., então numa sexta-feira de abril de 1983, após o dançarino de soul Geda Mil ter girado pelos bailes da cidade convidando os dancers para uma performance ao ar livre, inauguramos a nossa primeira roda de break, na rua da Praia.... quando encontro os manos da antiga escola (old school)... relembramos e chegamos sempre a conclusão, valeu à pena²¹".

"O que significa Jigaboo?

Jigaboo é uma palavra africana que quer dizer escravo e hoje nos Estados Unidos é uma gíria que quer dizer negão²².

*Como foi o primeiro contato de vocês com o Hip Hop?
... a gente não tinha o conhecimento que a gente tem hoje dos quatro elementos. Tinha aquela música que os caras falavam em cima da música, nós não tínhamos*

Jovens dançavam o break, ouviam as músicas, mas ainda desconheciam o Movimento Hip Hop.

Em 1989 sai à primeira coletânea de rap: "Hip Hop Cultura de Rua", com vários grupos entre eles Thaíde e DJ Hum e Racionais MCs.

²¹ Relato do 'Gran Mestre Neso - O Dinossauro do Rap e Hip Hop'. Livro Atitude Hip Hop no Sul. Lar Publicações, PoA, 1999.

²² Grupo Jigaboo em entrevista à Revista Rap Brasil, Editora Escala, Ano 1, nº 2. SP.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

o conhecimento do que era Hip Hop na geral, mas a gente gostava. Primeiro a gente curtiu para depois a gente saber o que era. A primeira impressão foi a melhor possível porque a gente ouviu e já saiu dançando e foi aquilo mesmo"

Porque Xis?

Eu comecei cantando faz uns 10 anos, desde 89, naquela época a gente se inspirava muito em música americana, assim a gente acabava colocando nome tipo nada a ver e na quebrada sempre tive vários apelidos, 'corinthiano' e outros, que não tinha nada a ver com rap, morô, então eu acabei colocando Xis²³.

Rap gringo? Eu gosto de 2 Pacc, Dogg Maud, DMX pessoal das Rocca Fala selo do Jay-Z".

"Como você aprendeu as técnicas para se tornar um bom DJ?"

Eu acho que o começo de tudo é o 'dom', mano. Porque ser Dj é que nem ser jogador de futebol, tem que ter 'Dom', certo, então se você descobrir que tem o 'Dom' você tem que aperfeiçoar e aí depende de você também, porque eu comecei há 10 anos atrás fazendo festinhas em casa, casa de família, aí quando

Manifestação cultural com influências do Movimento Hip Hop estadunidense.

O Dj - Disck jockey, também elemento do Movimento Hip Hop, começa a popularizar-se.

²³ Entrevista com Xis, rapper. Revista Rap Brasil, Editora Escala, Ano 1, nº 2. SP.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

eu decidi mesmo que queria ser DJ foi quando eu vi o show do Kool Moo Dee em que o Dj ele fazia scratch em cima da música do Tim Maia, daí eu fiquei louco né meu. A partir daí eu fui ouvindo os outros caras lá de fora e fui tentando fazer que nem os caras lá de fora, entendeu"²⁴

"Formado em 1990, MRN (Movimento e Ritmo Negro) é um grupo de rap com proposta voltada mais para o lado musical do que comercial. O MRN relata em suas músicas, fatos e situações vistas e vividas pelos seus componentes no dia a dia."

Um dos nomes mais conhecidos do Hip Hop nacional: Doctors MCs há mais de 12 anos no rap"²⁵

"Meu nome é Daniel, sou integrante do grupo Rap Day, a gente taí desde 92, somos da zona norte - Humaitá. Comecei desde 86, neste ano sai pra bailes, curti Jara, baile black, música black e aí comecei a gostar. O primeiro rap que eu gostei foi Thaide, muito tempo atrás, gostar mesmo, acho que está no sangue o gostar das batidas, escretes ... aí comecei a escrever letras. A gente põe tudo pra fora: indignação sobre política,

A organização em grupos começa a aparecer a partir do final dos anos 80 e início dos anos 90.

Com o movimento organizado, começam a aparecer 'as influências de grupos nacionais.

²⁴ Entrevista com KL Jay - DJ do Grupo Racionais MCs e apresentador do Programa YO! Rap na MTV para a Revista Rap Brasil, Editora Escala, Ano 1, nº 2. SP

²⁵ Matéria da Revista Rap Brasil, Editora Escala, Ano 1, nº 2. SP, apresentando os grupos de rap: MRN e Doctors MCs.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

sobre tudo que está errado, repressão e é por aí que eu curto rap²⁶".

"A partir das 17 horas já se podia notar a chegada de vários jovens, adultos e adolescentes vindos em geral das zonas mais periféricas da cidade ou da grande Porto Alegre. (...) iam abrindo a roda onde, com o auxílio de um duplo deck davam início àquilo que é conhecido como racha. Acontece que aquele ponto central tornava-se o ideal para se o ponto equidistante para os rappers e funkeiros s zona sul ou da norte. Os rachas consistem em enfrentamentos de grupo para grupo, de região para região, onde algum B. Boy (dançarino) desafia outro de outro grupo". (Berardi 1995,p.45)

"É grupo contra grupo, né, mas só em termos de dança Por exemplo: aqueles moinhos (nome de um dos movimentos da dança), moinhos com as mãos nas costas, o outro fez moinho com a mão no meio das pernas, aqui. O outro fez o pião (outro movimento) mais rápido, então tu quer fazer o pião e tirar as mãos, então sempre um grupo quer ser melhor que o outro em termos de dança, né , ali é um racha"

O início do Movimento Hip Hop em Porto Alegre no Rio Grande do Sul. (Berardi, 1995, p.45)

²⁶ Depoimento no Livro Atitude Hip Hop no Sul. Lar Publicações, PoA. 1999.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

(depoimento de Sandro, Restinga velha, 20 anos)²⁷

"(...) Racionais vão contar a realidade das ruas que eu não medi outras vidas a minha e a sua viemos falar que pra mudar temos que parar de se acomodar e atacar o que nos prejudica(..). "

"Reparei que o pessoal ficava com vergonha de pedir para tocar determinada música (no rádio) porque não sabiam pronunciar o nome direito, em cada programa a gente batizava a música como a galera já faz sempre nos bailes. Graças a esse processo de batismo, How Much Can You Take virou melô da Sexta-feira 13, Bass Mecanic virou melô do cachorro e Smurf Rock virou melo dos Smurfs²⁸".

*"Dê uma mensagem para a galera do Brasil inteiro que está começando na arte do graffiti?
Confie em você e acredite em tudo que faz. Respeite todo mundo da cultura, independente do cara ser new school ou old school (nova escola e velha escola) e não sair criticando e nem atropelar os tramos dos caras,*

Parte da música 'Pânico na Zona Sul' do primeiro álbum 'Holocausto Urbano' do grupo Racionais MCs, em 1992. Vários grupos utilizam o rap como forma de denúncia e protesto contra as injustiças sociais.

Das poucas músicas deste estilo que tocavam nas rádios estas ainda eram em inglês, fato que não impediu a apropriação musical.

Em 1988 surgiu o MH2O - Movimento Hip Hop organizado - que aglutinou e organizou os/as jovens em torno da divulgação do Movimento Hip Hop. Segundo dados de Elaine Andrade³⁰ o movimento Hip Hop no Brasil 'divide-se em nova e velha escola'. A velha escola é composta por

²⁷ Estes 'rachas' foram reprimidos pela Brigada Militar do Rio grande do Sul desde 1993, quando surgiu uma espécie de arrastão na Rua da Praia - centro de Porto Alegre - que foi identificado como aqueles noticiados pela mídia no Rio de Janeiro.

²⁸ Pedro Tinoco, na matéria "Som Estridente da Cultura Funk" In Jornal do Brasil. Rj, 14/11/91, p.8 (apud Micael Herschmann Abalando os Anos 90 Funk e Hip Hop: Globalização, Violência e Estilo Cultural, Editora Rocco, RJ, 1997).

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

*respeite todo tipo de arte*²⁹"

jovens que iniciaram o movimento no Brasil, os primeiros dançarinos de *break*, que dançavam nas ruas da capital paulista e que trocavam informações, materiais como revistas, discos e dicas de filmes sobre o *break* e os bairros pobres estadunidenses. A nova escola é formada por jovens que iniciaram no movimento a partir da fundação do MH20; essa participação impulsionou a formação de "posses" (união de grupos de rap) levando os e as jovens a se organizarem em torno do Hip Hop. Há entre a velha e a nova escola, certa hierarquia, onde os mais novos devem respeito aos mais velhos pelo seu tempo e compromisso com o movimento.

"eu só quero é ser feliz, andar tranqüilamente na favela onde eu nasci, é e poder me orgulhar e ter a consciência que o pobre tem o seu lugar(...)."

O universo social de participantes do Movimento Hip Hop, são as favelas e subúrbios das cidades e os temas musicais contemplam a miséria, amor, religião, amizade, violência, exclusão, que são apresentados em forma de denúncia, protesto, desejos e perspectivas, as quais embora pareçam simples como nesse refrão do Rap da Felicidade, nos dão uma dimensão de suas representações sociais.

²⁹ Entrevista com Luciano Graphis - grafiteiro, à Revista Rap Brasil, Editora Escala, Ano 1, nº 2, SP.

³⁰ A Mobilização Juvenil Hip Hop: Desenvolvendo Um Recurso Alternativo de Educação - Anais do II Simpósio de Pesquisa da FEUSP. P. 225 a 237, SP, 1995.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

"(...) Ele ganhou a eleição e se esqueceu do povão e uma coisa que não admito é traição, prometeu, prometeu e não cumpriu (...) Hoje eu tô feliz matei o presidente do Brasil (...)"

Rap: "Tô Feliz Matei o Presidente", do rapper Gabriel o Pensador, lançado durante o processo de impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, com grande repercussão na mídia.

"(...) os quatro pretos pobres que são a voz da favela (...)"

Fala do grupo Racionais MCs ao receberem o prêmio de "Escolha da Audiência", no Vídeo Music Brasil promovido pela MTV, no de 1998 com o clipe "Diário de um Detento", do álbum "Sobrevivendo no Inferno."

"A maioria dos rappers vem dos guetos, só pode falar de suas próprias experiências. Sei que muita gente gostaria provar que rap é uma música do mal, algo terrível, mas não acredito num plano das gravadoras. É apenas um reflexo da origem dos garotos que fazem rap. Sobre o que pode falar a juventude do Rio de Janeiro senão da violência³¹"

O movimento Hip Hop no Brasil visto por um rapper dos Estados Unidos da América.

Estudiosos e pesquisadoras que retratam a chegada do Movimento Hip Hop no Brasil, como Micael Herschmann (1997) em seu artigo "Na Trilha do Brasil Contemporâneo", caracterizam - na como:

³¹ Ice-T - rapper norte-americano em matéria de Raimundo Barreiros: "As Gangues Saíram de Moda" In: Jornal do Brasil, Caderno B. RJ, 17/05/95, p.6-7 (apud Micael Herschmann, Abalando os Anos 90 Funk e Hip Hop: Globalização, Violência e Estilo Cultural). Editora Rocco, RJ, 1997.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

"(...) manifestações bastante comuns nos guetos negros norte-americanos vêm sendo apropriadas de modo geral pela camada menos favorecida da população que habita basicamente as periferias e favelas das grandes cidades brasileiras, como os rappers norte americanos, eles se caracterizaram pela "verborragia" e os temas de suas composições giram em torno de miséria, violência urbana, racismo (...)" (p. 76).

Através de suas manifestações, dos seus elementos, o Movimento Hip Hop apresenta sua proposta que afirma ser: instrumento de denúncia. Com um novo estilo musical, nada tradicional, os integrantes desse movimento borram identidades que mostram a diversidade conflitante do Brasil. Hermano Viana (1997) complementa *"Não foi só a tecnologia armamentista que subiu o morro, mas, também a tecnologia musical do sampler e da bateria eletrônica"* (p.18).

Um exemplo disto é a crescente facilitação de aquisição de aparelhos eletrônicos, sendo que pode cantar quem quiser e tiver algo para expressar, criando ainda um novo tipo de músico que manipula aparelhos de reprodução de sons³².

Quanto aos conflitos, principalmente culturais, é visível nas falas de participantes do Movimento Hip Hop, pois estes se dizem tratados com preconceito. Nill rapper do Grupo MRN de São Paulo (1994) cita

"A função do rapper é testemunhar o que acontece nas ruas. Incluindo a violência policial. Ignorar não dá... O problema não é música, mas quem canta. Roqueiros como os Titãs podem dizer 'polícia para quem precisa de polícia' sem sofrer as mesmas conseqüências que a gente, Nós não temos costas quentes como eles, ou como Caetano e Gil. Ninguém irá prendê-los por cantar música como Haiti³³".

Também cabe o exemplo das letras das músicas dos Racionais MCs, importante grupo de rap paulista, que denuncia a violência resultante de condições sociais injustas do país, relatando em suas músicas o cotidiano dessa

³² Os DJs - Disc Jockeys que se utilizam dos toca-discos que chamam de pickups para fazerem as bases de suas músicas.

³³ Nill - Rapper do Grupo Paulistano MRN, preso por denunciar a violência policial em um show realizado no Anhangabaú em 1994. Revista VEJA, 07/12/94, p.1 SP.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

violência

"(...) no último natal, papai Noel escondeu o brinquedo, prateado, brilhava no meio do mato. Um menino de dez anos achou um presente, era de ferro, com doze balas no pente. E o fim de ano foi melhor pra muita gente. Eles também gostariam de ter bicicletas, de ver seu pai fazendo cooper, tipo um atleta, gostariam de ir ao parque e se divertir e que alguém os ensinasse a dirigir, mas eles só querem paz e mesmo assim é um sonho. Fim de semana no Parque Santo Antônio (. ..) Tô cansado dessa porra, de toda essa bobagem. Alcoolismo, vingança, treta, malandragem, mães angustiadas, filhos problemáticos, famílias destruídas, fins de semana trágicos. O sistema quer isso, a molecada tem que aprender. Fim de semana no Parque Ipê ". (Musica dos Racionais MCs - Fim de Semana no Parque").

Muitos outros grupos e rappers, como Thaíde e DJ Hum, O Resgate Negro, Face da Morte, Legítima Defesa, Câmbio Negro, Conduta Periférica, Fruto Negro, Da Guedes (de Porto Alegre), Consciência Negra, Gagui IDV (os dois últimos de Pelotas) falam em desigualdade social, conscientização, violência, drogas, polícia, escola, cultura, cidadania, corrupção, entre muitas temáticas que entendem cumprir os seus objetivos, que dizem serem "politizar, protestar e conscientizar", ou seja, as músicas construídas são de protesto, politicamente engajadas, carregam dramaticidade e agressividade e, muitas vezes, uma indignação. Além disso, as letras de rap são extensas - superam facilmente a marca dos cinco minutos. Os *rap's* são feitos sobre uma base musical geralmente dos guetos negros estadunidenses, ou seja de rap's americanos mixados por efeitos como *scratch* (arranhões - girando os discos ao contrário), e outros acionados pelos *DJs*. Os *DJs* e *Mcs* são os responsáveis por conseguir e fazer as bases musicais, e para isso se engajaram ao que George Yúdice (1997, p.39) chama de 'tráfico transnacional' na busca de discos e fitas, o que possibilitou que o rap tenha se espalhado pelo Brasil. Hoje já há um mercado próprio do Movimento Hip Hop.

A formação de grupos que reúnem cantores e cantoras de rap, *DJs*, dançarinos e dançarinas de *break* e grafiteiros e grafiteiras, chamam-se "posses" que têm três níveis de atuação: o aperfeiçoamento artístico dos membros da posse, as ações comunitárias e as ações políticas. Para os integrantes do Movimento Hip Hop o trabalho comunitário é considerado a base de qualquer grupo que queira se construir. No Rio de Janeiro, a "posse" ATCON -

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Atitude Consciente, assim como outras posses, propõem-se a fazer trabalhos comunitários através da arte, principalmente com o *break*, o *rap* e o *graffiti* e organizar festivais onde possam mostrar o seu talento e ao mesmo tempo arrecadarem fundos ou alimentos para suas comunidades. Armindo Rodrigues Pinto (apud Herschmann, 1997) - Coordenador Cultural dos Centros Comunitários de Santo André acredita que *"o Hip Hop pode ser organizado e ajudar na luta pelos direitos sociais, é a forma que a periferia encontrou para se sentir viva, reclamar, protestar e resgatar suas raízes"*. As atividades organizadas pelas posses confirmam a escolha pelos espaços de atividades culturais e sociais nas comunidades, e em outros espaços como Casas de Detenção, onde o Movimento Hip Hop não é só ouvido, cantado, dançado, mas também construído³⁴.

Para Gottlieb & Reeves (1968) *"(...) o grupo transforma-se então numa sociedade com sua própria subcultura. A essa subcultura não faltam rituais, símbolos, modas, linguajares e um sistema de valores bastante individualizado"*. (p. 56).

Assim, disseminaram este Movimento, com um estilo próprio, um linguajar específico, símbolos compreensíveis aos participantes. Embora o Hip Hop estadunidense tenha sido apropriado pelo Brasil, às diferenças de apropriação em alguns casos, estão na diferença do local, nos nomes de ruas, na preferência por alguns tipos de passos de dança, pelas cores do vestuário, pelas formas de samplear, pelo sotaque vocal e pela possibilidade de misturas. Do seu jeito, o Hip Hop brasileiro se manifesta, borra fronteiras, cria, fabrica identidades e transforma violência, miséria e preconceito em música, em manifestação cultural.

³⁴ Muitos rappers já passaram por algumas destas casas e especificamente o grupo Detentos do Rap teve todo o seu CD gravado no Carandirú - Penitenciária de São Paulo, diversos grupos de rap fazem apologia a prisão, como o grupo Racionais MCs com o seu Cd e video-clip "Sobrevivendo no Inferno" que conta a música "Diário de um Detento"- escrita por um detento do Carandirú - e que foi premiado pela MTV. Ainda o grupo Pavilhão 9, que tem esse nome em homenagem à torcida organizada do Corinthians (time de Futebol de São Paulo), que é formada por detento e ex-detentos, ou seja, que estão ou passaram pelo Pavilhão 9 (ala do Carandirú).

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

4. “A nossa arma tem que ser a cabeça, a caneta e o papel”.³⁵

Pelotas e o Movimento Hip Hop

Na continuação da pintura, voltei de onde saí, pintei um pouco de Pelotas.

Localizada na região sul do estado, Pelotas conta com uma população estimada em 322 mil habitantes³⁶. Tendo uma média de 153 mil homens e 169 mil mulheres. Esta população está distribuída em 300.950 mil habitantes na zona urbana e 22 mil habitantes na zona rural.

De acordo com o mesmo senso (2005) as etnias estão assim divididas: branca: 269.097; negra; 31.172; amarela: 455; parda: 20.395; indígena: 977; não sabem = 1.060.

Pelotas apresentou o seu terceiro Plano Diretor³⁷, plano que organiza estruturalmente a cidade, que é dividida em seis regiões administrativas: Areal, Três Vendas, Fragata, Centro-Porto-Várzea, Colônia e Praias. Com o novo Plano Diretor está sendo organizada a subdivisão das regiões administrativas em micro-regiões, que são os bairros e loteamentos que conhecemos na cidade e que não têm seus nomes reconhecidos administrativamente, mas informal e culturalmente pela população. Pelotas caracteriza-se por constituir um pólo prestador de serviços, o que gerou um fluxo migratório que forma a base de loteamentos populares, compostos por famílias transferidas de ocupações de leitos de rua e áreas ribeirinhas e que constituem 'o lado de lá', em relação ao centro físico da cidade, ou a chamada periferia.

Para conhecer um pouco da história do Movimento Hip Hop, utilizei-me da mesma apresentação utilizada no Capítulo 3 sobre o Movimento Hip Hop no Brasil, apresentando excertos de falas e entrevistas de participantes do Movimento de Hip Hop, contextualizando a construção e o percurso deste movimento em Pelotas.

Apresento algumas falas que relatam o início do Movimento Hip Hop e Pelotas:

³⁵ Gagui IDV - no I Encontro de Hip Hop de Pelotas em 30/10/2004.

³⁶ Segundo dados do IBGE, 2005.

³⁷ O último Plano Diretor foi realizado em 1984.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

...Periferia, a gente já é envolvida com música³⁸.

"Rap-Pel".

Em Pelotas... já em 1988, Mister Pelé organizou festivais de Rap. Ali surgiu Keep Times, MC Boca e Mabeicker, Movimento de Rua, Dj Kaffa e Anjo e Calibre 12. Hoje em dia o Calibre 12 continua na ativa, juntamente com TWN Rappers, Fúria Racial, Consciência Negra, MCs Radicais, HNN, Estilo Pesado, Ideologia de Vida, Guerreiros do Rap, Realidade Pública, Lion's MCs, Mente Aberta, Revolta Black, Unicamente, MDR e MC Serginho. Só o que falta é um pouco mais de união entre os manos, pois as idéias expostas nas letras são de ótima qualidade. Perdemos muitos irmãos para o pagode, mas isso é uma questão de escolha própria, massificação e imposição da mídia (três armas muito poderosas)³⁹."

"Na cena local começou com Mister Pelé, MRS, TWN Rappers, MC Mabeicker, Boca, Dezinho o Funk Express e tinha o TransaNegra na Rádio Alfa. Era o tempo das equipes de som, dos bailes black."⁴⁰

...Black Pels, na verdade era a festa organizada onde tinha concurso de dança, praticamente cada área, praticamente cada bairro da cidade tinha um grupo de dança. Praticamente cada área da cidade tinha um... um comandante de som, tinha uma equipe de som, então na verdade... é, é, é quer dizer aquela... tipo criava aquele clima de... não de guerra, mas de disputa prá ver quem é que ia ficar com o troféu, ou melhor grupo de dança, melhor equipe de som, né? Me lembro... na verdade uma vez eu ví, eu presenciei, né? "DJA"⁴¹, DJA disbancá a

³⁸ Grafiteiro Beethoven, em entrevista na Rádio Com. 3º Programa: 22/07/06

³⁹ Fanzine "Ideologia de Vida Rapper's - Hip Hop passado a Limpo"; Pelotas - RS, out. 1999. O texto 'Rap-Pel' é assinado por Gagui e representa a chegada do Movimento Hip Hop em Pelotas.

⁴⁰ Anjo DB - Programa Lanceiros Negros - Rádio Comunidade. Mai. /2005. (rádio Comunitária 104.5, programa aos Domingos das 16h30min às 18h).

⁴¹ Equipe de som

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

TRANSANEGRA⁴², disbanca a Transanegra, porque a Transanegra era a melhor equipe de som da cidade, mas DJA começou a surgir no mercado e disbancou, tudo que a Transanegra rodava, ele rodava mixado (rindo), sabe? Eu ví no Ginásio da Agremiação isso acontecer, cara. A Transanegra rodava um som, ele rodava o mesmo som mixado. A Transanegra rodava outro som, ele rodava o mesmo som mixado, eu digo: Pô! Acabou com a Transanegra, sabe, (rindo) mas era, era super legal, assim porque não tinha aquela coisa de briga, de tiro, de treta⁴³.

... É, na verdade se a gente vai parar, vai parar prá analisar mesmo, se tivesse 5 ou 10% de pessoas brancas era muito, né? Na verdade era festa black mesmo, porque a cidade de Pelotas também, ela teve essa marca ainda do... do separatismo, né? Onde tinha na verdade, Fica Ahí, Chove não Molha que eram clubes negros e outros clubes, na verdade, só entrava branco, então quer dizer, eu acho que na década de 80 isso aí, isso ainda perdurava, entendeu? Quer dizer perdurava essa questão ainda, entendeu? Tinha brancos que iam entendeu? Só que eram, eram a sua minoria, com certeza era a sua minoria⁴⁴.

Como no Brasil, em Pelotas o Movimento Hip Hop também vem na carona dos bailes Funk ou bailes Black, dos anos 80. Neste relato dos participantes percebe-se a intensa vida cultural da cidade e principalmente no que se refere às comunidades negras da cidade.

Abaixo o relato da aproximação, do conhecimento e do envolvimento com o Movimento Hip Hop em Pelotas.

O rapper Anjo em muitas das suas falas narra situações de aproximação e envolvimento com o Movimento Hip Hop, mesmo sem ainda conhecer como movimento cultural.

⁴² Equipe de som

⁴³ Rapper Anjo, em entrevista na Rádio Com. 1º Programa: 08/07/06

⁴⁴ Rapper Anjo, em entrevista na Rádio Com. 1º Programa: 08/07/06

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

...Era, era uma coisa mais compenetrada né, não que hoje não seja, cada um com seu estilo, tá entendendo, que a pessoa....eu particularmente não uso. Não tenho calça larga. ... quer dizer eu estudava no Porto, No Laquentinie, então eu passava por ali, então, eu via aquela rapaziada ali, escorada no muro e dançando, né? e naquela época, bem na época do break mesmo, né? o pessoal de luvinha branca, de calcinha marreca eu também... usava desse estilo ai né? ... o próprio cover... daquele..... do Michael Jackson é... concurso do James Brown, entendesse?⁴⁵ (ANJO - 1º Programa: 08/07/06)

... olhando aquilo tudo e aí quando vê me surgiu em Pelotas o "Cultura de Rua", como eu era, eu sempre fui envolvido com música. Minha mãe foi cantora de rádio, eu na verdade, eu cresci, eu ouvindo a minha mãe cantar lavando roupa no tanque, os bolero, aquela coisa toda e tal, né. Aí eu digo, pô para aí, na boa é, eu disse: _ Isso o que eu quero pra mim, eu quero cantar.⁴⁶

...Já, já, era outra geração né? E eu ví o pessoal ali, né. ...tinha um dos rapaz que estudava no colégio, ... aí eu comecei na verdade a colar com eles e na verdade comecei a me entrosar e ví que realmente eram meninos eram meninas, não tinha, não tinha... como é que eu vou dizer... não tinha droga, não tinha palhaçada, realmente o pessoal se reunia em prol daquilo ali, de montar o grupo de dança, de dançar de ter uma outra estrutura e de fazer ações sociais, faziam festa beneficente na rua prá poder angariar fundo prá creche, prá isso, prá aquilo e aí depois com o passar do tempo quando começou aquela coisa da cultura Hip Hop que eu comecei a conhecer um pouco mais, a ler um pouco mais... eu fui descobri que aquilo que nós fazíamos eram as chamadas posses⁴⁷, né?⁴⁸

Na fala abaixo, o rapper Anjo relata o seu envolvimento com o rap e a origem do seu apelido que surgiu neste movimento.

⁴⁵ Rapper Anjo, em entrevista na Rádio Com. 1º Programa: 08/07/06

⁴⁶ Rapper Anjo, em entrevista na Rádio Com. 3º Programa: 22/07/06

⁴⁷ Posses - União de vários grupos do Movimento Hip Hop em um grande grupo, para a realização de projetos sociais.

⁴⁸ Rapper Anjo, em entrevista na Rádio Com. 1º Programa: 08/07/06

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Aí comecei a cantar com o Nenê, fizemos eu acho que umas duas apresentações com rap. Não deu certo, à já larguei ele e começou a dupla Anjo e Kafa (rindo). Anjo e Kafa né, cantando. "Robocop Brasileiro", aquela coisa toda. Foi daí que surgiu também o "Anjo", daí não existia, o "Anjo" não existia, nem tinha apelido, foi daí que surgiu o "Anjo"; numa roda de break, no centro, uma vez, faltou luz e eu tava com um moleton branco, com um abrigo branco e dançando break. Quando vê um gritou lá: "Olha só até parece um anjo!" (risos). Ficou, ficou, né. Eu era conhecido na cidade como o ANJO ou Robocop, porque nós cantávamos uma música que falava sobre o Robocop, o "Robocop Brasileiro", um personagem na verdade que era o salvador do Brasil, que vinha prá salvar, acabar com corrupção, acabar com isso, acabar com aquilo.⁴⁹

O B. Boy - dançarino - VOVÔ, conta da sua aproximação e envolvimento com o Movimento Hip Hop através da dança, com as chamadas rodas de break. Conta também da organização do seu grupo de dança: Piratas de Rua.

... A gente dançava ali no centro ali, a gente dançava na 7 ali, ta no calçadão ali da 7 Não... o pessoal parava e ficava olhando... nunca teve nada ... Gostavam, o pessoal ficava ali, as vezes ficavam olhando a gente treinar, ali...a gente dançava ali... a gente pediu uma... um bico de luz pro cara do fliperama ali... eles deram na boa, a gente ia ali ligava um rádio, ficava ali curtindo um som e ficava dançando, as vezes a gente ficava só trocando idéia do que a gente ia fazer e... né, então quer dizer que foi tudo bem aceito. Depois sim, depois a coisa foi... depois eu levei o grupo pra dentro da academia (de dança), depois aí já saiu, a gente foi pra dentro da escola... lá do bairro... no Navegantes ...Isso é assim, a gente trabalha... o primeiro propósito do projeto, quando eu fiz, quando a gente fez o grupo né esse trabalho, eu já vou falar um pouquinho de quando ele começou... ele começou foi eu o Jarrão, o Jorginho, o Carlos e o Lazier né. A gente começou treinando ali no centro, a gente começou só nós 5 prá dançar mesmo mas a questão do Hip Hop, depois a gente já entrou com uma proposta de: _ Seguinte vamos trabalha isso, vamos pega essa galera que tem aí, da rua, essa galera do bairro nosso aí que gostam⁵⁰.

⁴⁹ Rapper Anjo, em entrevista na Rádio Com. 1º Programa: 08/07/06

⁵⁰ B. Boy Vovô, em entrevista na Rádio Com. 2º Programa. 15/07/06

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Beethoven, o grafiteiro, relata as atividades culturais que participou os colegas de movimento que já conhecia e a importância que dá ao Hip Hop como movimento.

... Eu vi uns b.boys dançando na mesma festa com os 4 elementos, que era 2 DJs no palco abrindo a festa... Eu andava com a gurizada.... a gente já se manjava. Nas festas que eu ia eu o Anjo... A gente já sabia quem era todo mundo... Eu to participando de 95 em diante... A gente já via Biola dançando, o Zebra, o Dick TracY, Escopeta, já sabia quem era quem.. ... É por que... transformou minha vida, como eu falei no começo, me deixou com os olhos mais abertos. Deixa a gente com outra cabeça, tu ficas consciente de tudo... Tu te transformas, na verdade, tu tá ali... Com os olhos abertos... Tu tá vendo tudo que tá acontecendo, tu não é marionete, tu é, tu não é manipulado, que dizer eu agradeço sim... Eu acho que... todas as parcerias que eu fiz através do hip hop, todas as amizades assim... Eu acho que tudo tá envolvido nisso aí... As amizades, a cabeça no lugar... Aquela hora da calma que tu tem, sabe tu é usado, tu é manipulado, e tu te revolta que tem muita coisa tu não consegue mudar, tu tá dentro de uma periferia, tu vê mil coisas ruins acontecendo... então quer dizer eu acho que eu devo ao Rap eu devo ao Hip Hop, eu devo a cabeça no lugar. ...mas eu acho que cada um é cada um, o que é pra ser na vida da gente uma hora vai ser, também... é isso aí, eu acho que... agradeço muito ao rap, ao Hip Hop, muito a black music, porque acho que a gente vai longe assim... acho que é tudo na minha vida ... é sem palavras....⁵¹

No relato do rapper Gagui, ele narra o seu primeiro contato com o Hip Hop e o reconhecimento, através dos programas de rádio, desta manifestação cultural.

... eu falei a respeito da minha inserção no Hip Hop assim, eu não sei porque foi uma coisa que eu não corri atrás, parece que ele chegou até mim, sabe o Hip Hop chegou até mim, eu não corri atrás, até porque não tinha... onde eu morava não tinha ninguém que conhecia, que curtia... Não foi uma coisa que eu corri atrás. Chegou até mim, eu não

⁵¹ Beethoven, grafiteiro, em entrevista na Rádio com. 3º Programa. 22/07/06

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

sei por que de repente, foi o Hip Hop porque foi o rap. Eu não sei por que não foi o rock, o pagode outro estilo musical, não sei te dizer assim, parece que foi uma coisa predestinada, chegou, mandaram pra mim: _ Toma, isso é teu mas eu tinha 12 anos nessa época, foi 94, eu tinha 12 anos, eu não ia nas festas, mas eu me lembro que teve show do Thayde ali onde era a... na descida ali, ... É que tem gente que não me conhece hoje que não me conheceu a 15 anos atrás entendeu? Ai tipo. A mudança que teve na minha vida assim. A minha mãe morreu eu tinha 3 anos, eu tinha vários irmãos, não fui criado pelo meu pai, ai tipo foi a minha tia que nos pegou pra nos cria, a minha tia era solteira, funcionária pública até hoje, professora. Até hoje a gente mora de aluguel, sabe, mas hoje... ai tipo assim, naquela época era complicado pra ela como professora solteira, professora estadual tipo, pegar 5 crianças pra criar, entendeu? Só que aí, a gente não morava na periferia, a gente não era na periferia, mas a gente morava ali na Rafael Pinto Bandeira, antes de chegar a Juscelino, até onde é a minha zona até hoje, mas nós morava numa casa que era complicado, a televisão que nós tinha era preto e branco emprestada pelo cara do bar do colégio... as vezes... era complicado... as roupas que nós tínhamos era doada tipo por colegas... Isso, colega da minha tia que nos doava, sabe, colega meu eu não levava na minha casa por que eu tinha vergonha porque o sofá era escorado com um pedaço de tijolo e a... entendesse e era goteira dentro de casa era ... E teve gente que não me conheceu e me conhece hoje...: ... e teve uma condição de ajudar em casa e mudar a nossa realidade, mas quando a gente era pequeno, quando eu tinha 12 anos quando eu comecei a ouvir rap, era diferente do que é hoje a minha vida entendeu... ... De certa forma sim, porque aí tipo assim, os vizinhos diziam: _ Ah! Porque esses aí são marginal, não tem pai não tem mãe são criados aí solto. Entendeu? Era uma coisa que eu me identificava sim, não... sei lá talvez de forma superficial mas eu já sentia aquilo na pele, sabe. E esse cara que morava no lado da minha casa que começou a ouvir Gabriel o Pensador, eu me lembro que um dia eu fui entra na casa dele porque ele tinha piscina e a gurizada toda ia pra lá e ele: _ Não tu não vai entrar. ...Uma coisa que me marcou assim, uma coisa que até hoje eu vejo... que de repente pode ter sido a partir dali que eu comecei a mudar, para aí meu porque que existe a isso, porque que existe a injustiça, porque que uns cara tem e outros não tem, e eu vou... me acostumar de não ter e ficar parado e não tendo, acho que isso foi uma coisa que

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

mudou... Porque os cara não tinha essa preocupação social⁵²

... eu me lembro que eu comecei a ouvir... todo sábado pô... é que nem os cara hoje fazem com nós aqui, sábado chega 6 horas a gente tem que parar pra ouvir o Comunidade Hip Hop e comigo era aquilo naquela época também de ouvir o Caramão e nem sabia e nem imaginava quem era o cara, ... Eu achava louco aquilo, e aí tipo eu comecei a pegar matéria, recortava, botava na pasta tudo e ouvia sempre os programas e ouvia falar em Calibre 12, ouvia falar em MCS, Radicais MCS na época, ouvia falar em Zuca, nos cara que dançavam que faziam e aconteciam, pô.. eu idolatrava os caras sem saber que eram os cara eu me lembro que no stúdio da ALFA sempre ia o Spaguetti, o Escopeta, o X Bacon, e não sei o que... e os caras falavam tudo⁵³

Aqui, o relato do rapper Makabra contando sua aproximação desde a adolescência.

...eu chegava em casa todo sujo de terra... e de se atirar no chão e fazer e acontecer, ta ligado e... aquelas roupinhas de criança, Kichute, tenizinho de futebol de salão e aí passou um tempo ...pô os nego tudo de calça larga pá e pá. Pó! eu não tenho essas calça, loco. Olhei umas calça azul que o pai tinha loco, Pô usei aquelas calça azul durante 4 anos, que a mãe não queria me dar outras calças. _ Tá louco com as calças do teu pai, não sei o que... no Pestano, eu tinha o que... eu tinha 11 anos... tava na onda malandro, tá ligado? Se tu tinha um 3 em 1 tu tava na onda, tu tinha disco, tu tinha fita, tu pá e pum! Aí os loucos pá com 3 em 1, e radiozão e pá eu comecei a colar com os caras e os caras me apresentaram Pepeu, me apresentaram Naldinho, me apresentaram uma pá de... J. Clipe, só som da antiga, e eu: _ Pô, pode crê! ...aí pô nós era uma pá de louco, uma gurizada, 17 o mais velho acho que era eu com 16 anos meu e nós pô tudo, vamo lá no bagulho... aí o cara foi no bagulho se interesse né meu. Aí eu disse: _ Pô já conheço meio que essa parada vô vê qual é que é. A gente entrou nessa fita pá, e o negão: - Pô e aí porque vocês não

⁵² Rapper Gagui, em entrevista na Rádio Com. 3º Programa: 22/07/06

⁵³ Rapper Gagui, em entrevista na Rádio Com. 1º Programa: 08/07/06

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

cantam? ... Ih! (risos) pô! Louco! Só louco! Eu não me lembro dessas parada... aí tá ligado! ... SNS, o André, TWN teve lá, mas o TWN já era cobra marcada, o Guerreiros do Rap, Calibre 12... ..E, a minha segunda introdução então, no rap, foi o Giovane Lessa. Porque que vocês não cantam pá? O negão armário né meu. Ai pô, aí nós juntamos uns parceiros lá na zona lá. O primeiro grupo que saiu lá na zona... foi o Mensageiros do Rap... cantaram no Primeiro Hip Hop Zona Norte aí pô, eu trocando essa idéia com o Giovane, eu disse: - Pá! Vô fazê uma parada também, aí a gente montou o "MZN" que era o "Movimento Zona Norte" era eu, o Francis, o Índio e o Chinês. muito grupo surgiu na festas que a gente fez lá na zona, lá meu, ... tinha qual era aquele grupo alí do....ali do...dos....trilho meu SNS?⁵⁴

... Mensageiros do Rap era... já era Mensageiros da 1º E porque tem um Mensageiros do Rap em... São Paulo. 1º E, é a primeira entrada da Santa Terezinha, que é a qual eu tô escrevendo o livro, tá ligado? ... é o ponto da Santa Terezinha é alí, é o ponto de tudo meu, a onde sai giria, a onde saí... onde muitos começaram a usar droga, muitos começaram a namorar, muitos casaram, muitos ainda tão morando lá, muitos ainda tão usando droga lá, entendeu? (risos)... Então eu penso muito nisso, eu penso muito ali naquela minha comunidade, penso muito no pessoal que me cerca assim sabe, eu sou bem conhecido lá na minha zona, sou bem conceituado...⁵⁵

"Falando Sobre Hip Hop"⁵⁶

"O Hip Hop em Pelotas teve uma influência bastante..., como foi no começo em São Paulo, mais a música Black repercutiu um monte pra que a nossa cultura tivesse também mais visibilidade hoje. A gente sabe que a multiplicação é a evolução e foi muito grande. Relembrando os fundadores dá pra ter uma visão. Saíram os pais e ficaram os filhos, assim é no nascer do Hip Hop. Nasceu hoje é grande no mundo todo, só que na nossa realidade temos que criar consciência que conservá-lo a tradição como história, música, escola, lazer, informação, respeito, dignidade, trabalho e riqueza, porque essa é a cultura que não pára, pois não é monitorada pela mídia ou pelo sistema capitalista, como a gente vê os outros países ai fora, pois

⁵⁴ Rapper Makabra, em entrevista na Rádio Com. 1º Programa: 08/07/06

⁵⁵ Rapper Makabra, em entrevista na Rádio Com. 1º Programa: 08/07/06

⁵⁶ Matéria do fanzine Vitrine da Periferia, n.2/2004.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

conquistamos nosso mundo de diferença onde eles falam em sacanagem e nós falamos em miséria, desrespeito, justiça cega, suborno e racismo. Esses são alguns sintomas que o brasileiro sofre, se é o respeito, respeito ao irmão na luta que for, pela sobrevivência pelo resgate e a valorização". (Mano Davi - CNR e Mariana - Dunas, representando a voz das mulheres)

Mano Davi⁵⁷ - *Consciência Negra relembra o dia do Zumbi dos Palmares. Quando foi dado o nome pra banda, eu ainda não era integrante, mas eu achei esse nome legal (...) Isso é uma coisa importante porque o Guido me resgatou pela minha pessoa por eu ser humano e não saber que eu tinha meus próprios direitos, por não saber reivindicar minha situação de cidadão que vive na periferia. Então Consciência Negra, quando eu descobri que era um nome simbólico de Zumbi dos Palmares eu me senti orgulhoso porque a gente tá simbolizando um negro da nossa cultura que lutou. Então isso aí simplifica o que é ser consciência negra (...).*

O Grupo Consciência Negra, agora se chama Banca CNR - Consciência Negra de Rua - é um dos grupos dos anos 90 que continua trabalhando. Não era considerado da 'velha escola', mas atualmente é um dos mais antigos em funcionamento. São originários do Loteamento Dunas, Zona Leste de Pelotas.

"Ideologia de Vida"

O grupo foi formado em 1998 e conta com os seguintes componentes: MC Gagui, Mano Jeison e Rappers PC. A intenção do grupo é de levar mensagem a todo povo da periferia. Tentam mostrar que violência pode ser combatida com inteligência. Mensagens de positividade, auto-estima e elevação mental fazem parte das letras do grupo. Convivendo dia-a-dia com a dura realidade das ruas de Pelotas, o grupo consegue manter distância da maldade e mostra que o Hip Hop pode ser a salvação e a arma para lutar contra a desigualdade e alcançar a tão desejada e sonhada paz⁵⁸".

⁵⁷ Mano Davi - rapper do Grupo Consciência Negra e ex-integrante do Projeto Amizade.

⁵⁸ Fanzine "Ideologia de Vida Rapper's - Hip Hop passado a Limpo"; Pelotas - RS, out. 1999. O texto 'Ideologia de Vida' é assinado por Gagui, o MC do Grupo Ideologia de Vida e apresenta o histórico da formação do grupo.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Este grupo ainda existe, mas conta com outros participantes.

"Projeto Amizade - O que é Vitrine da Periferia?"

Mano Davi - É uma coisa muito legal de falar. Tô começando a voltá no tempo... Vitrine da Periferia são aquelas pessoas que são lideranças dentro da comunidade, pessoas que são de algum movimento, tipo eu que sou do movimento da cultura Hip Hop, outras pessoas que são de algum movimento negro... Então pra mim vitrine é isso aí, o que adianta eu sê músico, eu tê uma capacidade como educador, como monitor e ás vezes não me senti uma vitrine pro meu povo, porque mesmo que eu suba no palco pra pregar sobre consciência, pra fala sobre educação, pra fala sobre as necessidades da comunidade e pra falá pros meus irmãos que tão no crime, se drogando e se matando. Então eu sou uma vitrine, a minha idéia vai ser forte pra esse Zine. É uma vitrine pras pessoas que vão escutar, vão vê e vão pensar⁵⁹".

O Fanzine é um dos meios de comunicação do Movimento Hip Hop. Nesta fala apresenta a preocupação com o trabalho comunitário.

Feridos pelo Sistema⁶⁰ - Começamos curtindo o som, mas a primeira apresentação foi dia 12/10/2002, dia das crianças (...) Mas no Hip Hop, nós atuamos mesmo foi com o Davi do Fortalecendo⁶¹, aí nós começamos a vê que o Hip Hop tem outro lado, não é só cantar e pá, a gente tem que correr atrás pra ajuda e a nossa comunidade também... Essa vontade, a gente teve várias influências, aqui na cidade mesmo, vendo o Calibre 12, Consciência Negra, mas também tivemos influência dos caras de fora, Racionais, Sistema Negro, RZO, são vários manos que as vez o cara vai juntando daqui e aí nós vimos que o cara tinha capacidade de fazer um grupo, monta um grupo e aí começamos a monta nossas rimas..."

⁵⁹ Entrevista do Mano Davi ao FanZine Vitrine da Periferia, n.1. 2004. O Grupo Consciência Negra é o idealista e precursor na realização deste Fanzine, buscando apoio em outras instituições.

⁶⁰ Grupo de Rap do Bairro Santos Dumont. Pelotas/RS

⁶¹ "Fortalecendo a Periferia", atividade realizada no Loteamento Dunas, em dez. /2002, com apresentação de variados grupos artísticos da cidade".

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Vários grupos surgem a partir do ano 2000 em Pelotas, depois de conhecerem outros grupos e de identificarem-se com o Movimento Hip Hop

Eu tô vivendo e aprendendo com o rap. O Rap me trouxe muita sabedoria e muita humildade. Todo mundo tem que aprender um com o outro⁶²".

***Feridos pelo Sistema** - A gente tem que botá na cabeça de muitas pinta que discriminam o Rap, o movimento Hip Hop que o barato não é de bandido (...) É uma influência (...) é de coração o bagulho (...) Conscientiza o povo não só com a palavra mas com a atitude, projetos, correria, (...) Projeto que o cara faz tem que ir fortalecendo, dizendo que tem o nosso projeto (...) Vai saí pra nossa comunidade, então a gente tem que correr pelo Hip Hop, botá na cabeça das pessoas que não é só bandido, não é só porque o cara bota uma calça larga, um boné pra trás, uma camisa larga que o cara é considerado bandido (...) a arma da gente é o microfone, microfone em punho e verbo, verbo pesado, a rima que a gente manda no resto...*

A organização dos grupos perpassa também os encontros de discussão. Em outubro de 2004 foi organizado o I Encontro de Hip Hop de Pelotas, com a participação de vários grupos e do rapper GOG de Brasília - DF.

"Cultura Hip Hop é política. O Brasil é colônia americana. O rap vem dos Americanos. O Movimento Hip Hop é marxista é um movimento do proletariado⁶³".

... Não, sempre se engoliu enlatado (risos), como se fala... os americanos enlatavam e mandavam pra gente engolir. Essa que é a grande verdade né. Naquela época não havia essa discussão, eu acho que agora na verdade, eu acho que..... na virada do século que começou essa discussão aqui no Brasil. Começou a se produzir coisa brasileira, né? Se

⁶² Fala do rapper Guido do CNR durante o I Encontro de Hip Hop de Pelotas. 30/10/2004.

⁶³ Fala do rapper Anjo DB, no I Encontro de Hip Hop de Pelotas. 30/10/2004.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

a gente vai pegar mesmo os discos de rap... de 90 prá cá que começou as influências ... mas foi de 95 que começou realmente isso aí... e sempre foi realmente essa questão americanizada. Me lembro do 1º CD do GOG⁶⁴ que falava, uma música que ele falava sobre... Pô aquela música dele era fantástica né? Que ele falava sobre tudo aquilo que a gente realmente vem engolindo ou engolia né, dos americanos, Como ele dizia que olhava as fachadas e não via uma frase em brasileiro. Então quer dizer, e o rap por si só não ia também, não ia fazer essa mudança de uma hora prá outra. Primeiro a gente teve que engolir, digerir aquilo ali, tá entendendo? Porque na verdade a essência do Hip Hop, do rap é americana né? Não adiantava de repente a gente tenta trocar isso aí, porque não tinha como... então a gente tinha que...na verdade trabalhar essa questão e deixar o tempo por si só fazer essa mudança⁶⁵.

"Devido ao crescimento da cultura hip hop em Pelotas nos últimos anos, é de vital importância à realização deste Encontro. A partir deste primeiro passo, em termos de organização, serão deliberadas propostas e objetivos que visam o futuro do Hip Hop em nossa cidade. Será que estamos caminhando de forma unida e para o mesmo caminho? Será que sabemos a real importância do hip hop em nossas vidas e nas vidas daqueles que o vivenciam. São questionamentos que somente em grupos articulados saberemos responder. Organização, atitude e vontade de realizarmos nossos anseios, essas são as reais prioridades que o Movimento Hip Hop apresenta para o Encontro". (Gagui IDV)

Convite do Fanzine Vitrine da Periferia n.2, 2004 para o I Encontro de Hip Hop de Pelotas.

O que representa o 5º Elemento⁶⁶

"É representado por qualquer membro da cultura Hip Hop como conhecimento (sabedoria). Todo membro da Cultura Hip Hop tem o direito de escolher representar um elemento: graffiti expressado através de desenhos artísticos; B, Boy, manifestado por meio da dança; DJ responsável pela produção da melodia; MC, que é o mestre de cerimônia e faz as letras e rimas das músicas. O conhecimento é obrigatório em

⁶⁴ rapper de Brasília

⁶⁵ Rapper Anjo, em entrevista na Rádio Com. 1º Programa: 08/07/06

⁶⁶ Matéria do Fanzine Vitrine da Periferia, n.2. 2004.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

qualquer um desses elementos, para produção, palestras, execução e uma visão melhor para o futuro do Hip Hop. A sabedoria é a chave da cultura Hip Hop". O CNR vem trabalhando além destes cinco elementos também a expressão corporal através do esporte e do teatro como componentes do movimento Hip Hop. (Guido CNR)⁶⁷

O movimento Hip Hop foi e é visto ainda como um movimento cultural de modismo. Seus integrantes afirmam exatamente o contrário

... quando surgiu a cultura Hip Hop todo mundo disse que era uma onda... ...Que era uma moda... Então quer dizer, péra aí... essa onda aí, ta muito grande pro meu gosto, né... é diferente dos outros. O movimento tradicionalista ele permanece? Ele permanece, mas só que é feito uma rotatividade nas pessoas, entra uns e sai outros, assim como tu falaste, o movimento carismático da igreja católica, entra uns e sai outros, entra uns e sai outros e o pessoal da cultura Hip Hop ele vem persistindo, tanto é, pergunta pro ANJO DB, com 35 anos aí na cultura Hip Hop (rindo) (ANJO - 3º Programa: 22/07/06)

Só que ela era um Tsunami, o efeito inverso, ela veio e voltou, entendeu? (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

Em Pelotas, envolvidos com o Movimento Hip Hop estão adolescentes, jovens e adultos que 'passaram' pelo Projeto Amizade. Nesta cidade vivem e sobrevivem 'fazedores de rap', 'dançarinos de break', grafiteiros, escritores de *fanzines*, produtores de CDs e DVDs, realizadores de eventos e atividades comunitárias, radialistas de rádios comunitárias, e muitos grupos organizados. Neste território, no 'lado de lá da cidade'⁶⁸, se aglomeram produtores, fabricantes e fabricados pelo Movimento Hip Hop de Pelotas.

⁶⁷ Guido é rapper do Grupo CNR, do Loteamento Dunas/Pelotas.

⁶⁸ Farei uso da expressão 'lado de lá' apropriando-me da expressão "morador do outro lado da cidade", utilizada pelo Movimento Hip Hop Organizado - MH2O, acerca da condição dos jovens moradores/as de periferia. Ver esta discussão In. DIÓGENES, Glória Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o Movimento Hip Hop. - SP: Annablume. 1999.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



"faço do rap a minha
arma,
minha proteção,
é minha luz,
a minha benção, minha
salvação.
o que me guia,
me rege, a trilha que me
protege, corrente
renovada, periferia
fortalece".

*Rap 'Se me Chamaram' -
Gagui idv e CNR*

Tatuagem do rapper Gagui IDV - Pelotas - RS

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

5. "Hip Hop é atitude"

Movimento Hip Hop: Compondo Identidades

Conforme propunha em meu Projeto, aqui é o espaço de apresentar o esboço da minha pintura, pois esta é só uma parte do que se pretende um olhar de uma parte de um olhar...

Ao rever as partes que compõem o muro: O Projeto Amizade, o Movimento Hip Hop estadunidense, a chegada deste movimento no Brasil e o retorno a Pelotas, lancei um olhar sob as pessoas que iniciaram este movimento; as pessoas que o construíram e constroem a cada dia, quem são esses/as jovens, quais são os seus modos de ser e de se construir... Para chegar a algumas percepções de identidade iniciei trabalhando com o conceito de juventude. Busquei em alguns autores como Spósito, Foracchii, Diógenes e Heller possibilidades de conceituar o termo 'juventude'. Tinha esta necessidade por entender que o Movimento Hip Hop, sendo um movimento cultural, era também um movimento de juventude. Entendi que juventude é um conceito 'borrado'. Digo borrado porque juventude é um conceito que borra fronteiras. Juventude borra experiências teóricas, entendendo aqui juventude tanto como vivências como conceituações.

Recorro a Margulis (apud Herschmann, 1996) que nos sugere que a noção de juventude é *'mais do que uma condição natural é uma construção social que se apóia em elementos biológicos; encerra significações complexas e, às vezes, contraditórias'*. E complementa:

"Juventude é um conceito esquivo. Uma construção histórica e social e não mera condição etária. Cada etapa e setor (ou grupo) social postulam formas de ser jovem. Há muitos modos de experimentar a juventude e variadas oportunidades de apresentar e representar a pessoa nas múltiplas tribos que emergem na fervilhante socialidade urbana". (p.25)

No Movimento Hip Hop existem formas de ser jovem, mas não é um movimento de juventude. Ressaltava em meu projeto um recorte de juventude, aquela cuja vivência é o 'lado de lá'⁶⁹, ou aquilo que já introjetamos

⁶⁹ Farei uso da expressão 'lado de lá' apropriando-me da expressão "morador do outro lado da cidade", utilizada pelo Movimento Hip Hop Organizado - MH2O, acerca da condição dos jovens moradores/as de periferia. Ver esta discussão In. DIÓGENES, Glória Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o Movimento Hip Hop. - SP: Annablume. 1999.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

como o que seja periferia. Abandono então este conceito de juventude como construtor da identidade Hip Hop, mas reforço o território onde estas pessoas se movem.

Abandono esta marcação de diferença - “juventude” - porque este movimento cultural não tem idade. Porque em minha pesquisa presenciei e ouvi relatos da participação de crianças. Porque muitos dos envolvidos têm entre 8,9 anos até mais de 50 anos.

Em meu projeto utilizei-me de Michael Herschmann (1997), quando o autor contrariava a perspectiva da juventude como transformadora social, caracterizando os/as jovens

“(…) como regidos por um estilo que poderíamos chamar precariamente de ‘pós-moderno’, caracterizado por uma busca de intensidade no lazer, em contraposição a um cotidiano que se anuncia como medíocre e insatisfatório. Parecem admitir que não são capazes de produzir grandes projetos de transformação social. Sua ação genuína é, em geral, a de assumir certa perplexidade perante os fatos mas sem deixar, no entanto, de denunciar, de expor sua insatisfação com o presente. Oferecem-se, enfim, de certo modo, como espelhos de seu tempo (...)”. (p.70)

Acredito que o conceito de juventude de Herschmann pode ser utilizado para olharmos para o meio em que vivemos, somos todos e todas ‘espelhos de seu tempo’, até porque somos fabricantes deste tempo e deste meio.

Entendendo que somos fabricantes deste tempo e deste meio, dirigi meu olhar para o processo de fabricação de identidade dos e das participantes do Movimento Hip Hop de Pelotas. Aqui apresento o que construí para poder olhar.

Recorri ao conceito de Performatividade de Judith Butler (1999, p. 92) que diz

“O conceito de performatividade desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é - uma ênfase que é de certa forma mantida pelo conceito de representação - para a idéia de tornar-se, para uma concepção de identidade como movimento e transformação.”

Apreendo os processos de fabricação de identidade de participantes do Movimento Hip Hop usando o conceito de performatividade. Utilizo-me desta conceituação por entender a fabricação da identidade, por

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

consequente da diferença que fabrica a identidade, como movimento. Até porque identidade e diferença são inseparáveis. Sei que são interdependentes, embora a diferença determine a identidade que produz a diferença, ou seja, o processo de construção da diferença é o processo de produção da identidade e da diferença. Ao construir minha diferença, a minha identidade está marcada. Ou marcando-se porque como é movimento, a identidade e também a diferença são ativamente produzidas, são construções culturais.

Como construções sociais e culturais, reafirmam sua condição de processos de movimento e transformação e por isso também construtoras de relações de poder. A identidade e a diferença não são fabricadas num movimento simétrico e fixo, elas são relações de poder. São relações de poder porque, por vezes, são definidas e, por vezes, não o são, já que borradas, já que constituem espaços de disputas. A fabricação da identidade e da diferença, enquanto processo de diferenciação, apresenta marcas de poder: incluir/excluir - demarcar fronteiras - classificar. "A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas." (Silva, 1999, p. 81). E esta diferenciação se dá principalmente através de classificações; e estas classificações são organizadas, muitas vezes, em torno de posições binárias, buscando uma normalização, ou uma identidade hegemônica, explicitando as relações de poder. Mas "a identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é parte ativa da formação da identidade." (ibidem, p. 84) ou ainda "A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)." (ibidem, p. 79).

No processo de diferenciação, no qual estão inclusas as classificações e relações de poder, há um desejo de fixação da identidade, como processo ativo de formação da diferença. O que digo é que para ser diferente preciso fixar minha identidade e a identidade do 'outro' - Ao me identificar, ao dizer esta é minha identidade, estou-me identi-fixando, ou fixando minha identidade.

Entretanto, esse processo de fixação nunca é para sempre, e de uma vez por todas, a garantia de uma e somente uma identidade prevalente no indivíduo. Nunca é para sempre, e de uma vez por todas, a mesma em diferentes situações e relações sociais nas qual este indivíduo vive e/ou experimenta. A fixação da identidade deve ser entendida como posição de sujeito, que dura no tempo (e no espaço) necessário e/ou exigido pelas relações de poder atuais - aquelas que o indivíduo experimenta e experiêcia em determinados momentos, situações e lugares. Isso poderá ser mais bem visto na análise dos discursos dos participantes do movimento Hip-Hop de Pelotas como

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

um exemplo de tensão entre a tentativa de fixar suas identidades e o incessante processo de sua subversão devido a seus intermináveis processos de identificação.

Silva (1999, p. 84), diz que “o processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la.” Como o processo de diferenciação a fabricação de identidade e diferença é performatividade, é movimento, é transformação e isso implica tanto o movimento de fixação quanto movimento de subversão da identidade, através de processos de hibridismo, de diáspora, de borramento de fronteiras, de miscigenação. Movimentos que tornam a fixação da identidade uma impossibilidade.

Não é uma identidade original, essencial, embora, muitas vezes, os discursos de fixação produzidos pelos participantes da pesquisa, recorram a uma idéia essencialista do que seja ser do movimento, da periferia, etc..

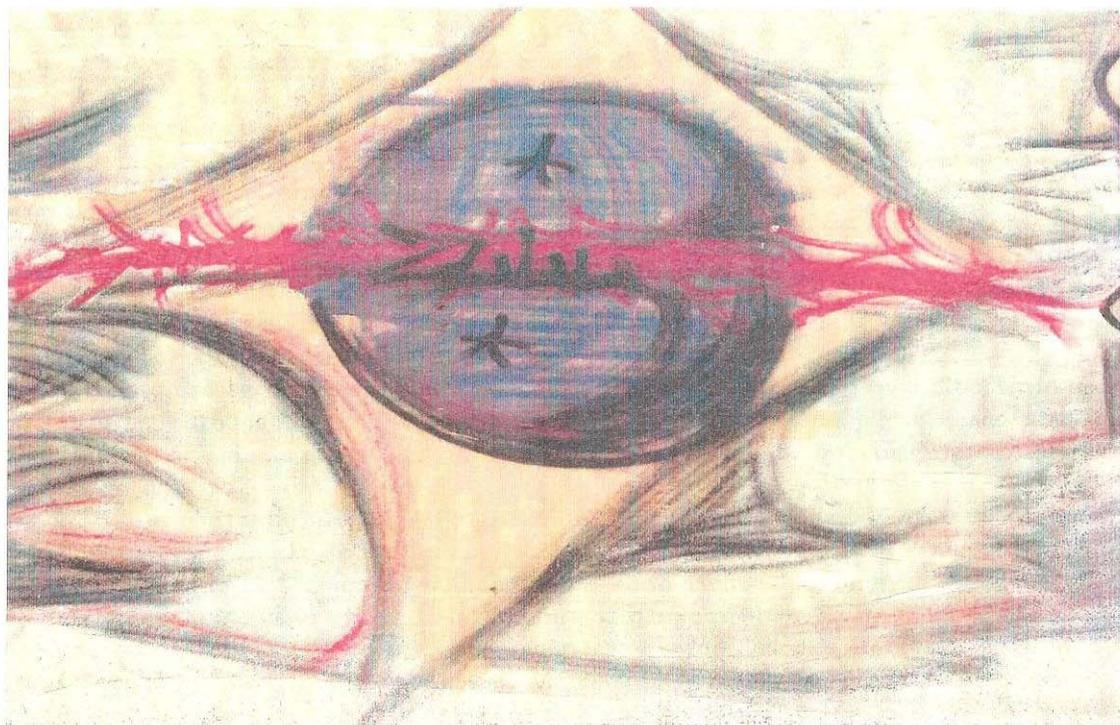
Os movimentos de fabricação de identidade e diferença são concretizados através de sistemas de representação. Representação como marcadora da diferença, como atribuição de sentido. Silva (1999 p.91) estabelece uma ligação entre representação, identidade e diferença dizendo que

“A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, a identidade é isso”.

A identidade e a diferença através do movimento de representação estão ligadas a sistemas de poder. “Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade.”

A fabricação da identidade e da diferença se dá através de sistemas de representação e de exclusão - através de sistemas classificatórios - que caracterizam o ato performativo. Não utilizo o termo representação como processo de descrição, que tende a fixar a identidade, mas como movimento e transformação, pois, uma 'uma identidade é sempre produzida em relação a uma outra (Silva, 1999 p. 92). Há, no conceito de performatividade relações que fixam, borram, mancham, marcam, desprendem e ligam as identidades e as diferenças.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



Graffiti/2005 - Loteamento Dunas
Grafiteiro: Bodão

"vida da rima mostrou
luz e foi além, resgatou,
trouxe à tona os
bandidos do bem.
só favela repito só
favela, r.a.p. é alforria,
afasta a alma do
guerreiro de dentro da
cela. e é só por ela,
pela rima eu vejo vários
irmãos, no desconforto
viu a arte como
salvação.
hoje quem conduz
microfone, spray,
technics, do crime foi
refém e afundou tipo
titanic,
fui resgatado pelo rap,
pelo dom, pela bic.
*'Se me Chamaram
Gagui idv e CNR*

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

"O rap é considerado marginal.
Mas a verdade é que a maioria da população foi colocada à margem.
A periferia é quilombo,
Senzala, gueto.
E como diz MV Bill: 'te convidam para roubar, cheirar, fumar,
Mas ninguém oferece trabalho (...)
(...) Em Pelotas mais de 44% da população é negra, e o
Hip Hop pode oferecer orientação básica de sobrevivência".
Mica - rapper de Pelotas

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

6. “Eu não achei o Hip Hop, o Hip Hop me achou¹” -

A fabricação de identidades no Movimento Hip Hop

Para analisar os processos de fabricação de identidades do Movimento Hip Hop, trabalhei com o conceito de performatividade, de ato performativo, que entendo como tornar-se; como movimento e transformação.

Através de excertos das entrevistas nos programas de rádio com os participantes do Movimento Hip Hop da cidade de Pelotas percebi diferentes atos performativos: modos de como os entrevistados operam suas vidas e, portanto, fabricam suas identidades.

Nas entrevistas apresentam-se diferentes atos: messiânicos, políticos, estéticos, lingüísticos, territoriais e étnicos. Outras operações como: mercado, mídia, família, cultura, gênero, perpassam os atos performativos. A escolha desses atos performativos se deve não tanto por sua repetitividade estabelecida em todas as entrevistas com todos os entrevistados, mas principalmente porque apresentam, nas narrativas dos sujeitos de pesquisa, fortes vínculos com suas formas de atuação cotidianas, suas leituras sobre o Movimento, a sociedade e si mesmos.

Do mesmo modo, esses atos performativos não podem ser compreendidos isoladamente, como uma espécie de taxionomia das identidades que circulam no movimento Hip Hop. Mais que isso, as identidades dos participantes do Movimento deslizam entre muitas possibilidades de identificação. Seus discursos transitam tanto de uma perspectiva messiânica quanto política, estética, lingüística, territorial e étnica.

Em grande parte talvez esse deslizamento identitário, melhor compreendido como processo de identificação, deve contas às condições de vida específicas dos participantes, as formas próprias territoriais de viverem suas vidas, geralmente na condição de cidadãos da periferia, negros e que lutam diuturnamente para garantir mínimas condições de sobrevivência. Talvez essa mistura entre classe, raça, etnia, religiosidade, territórios, postos num cadinho cultural artístico, produza discursos que atravessam questões que vão da religiosidade à política, desta a problemas raciais e étnicos. Sem dúvida, essa mistura produz formas próprias de ler e atuar no mundo; de compreender o significado do movimento, da história e da cultura do Hip Hop e da vida das populações da periferia da cidade. Compreensão muito distante das formas mais intelectualizadas ou academicistas de entender signos e significados sociais e pessoais.

Performatividade Messiânica - “vida da rima mostrou luz e foi além, resgatou, trouxe a tona os bandidos do bem”

O que classifico como performatividade messiânica é a ênfase num discurso que apresenta os fatos sob uma ótica salvacionista e redentora; é a crença num Deus ou numa prática religiosa que castiga que pune e que dá esperanças. O messianismo é a crença num tempo e espaço de felicidade perpétua, de mundo perfeito. E para isso há essa busca de redenção em seus discursos, quando dizem: “Segue o certo, faz o corre, anda pelo certo, Paz! Mensageiros da Paz, Ideologia de Vida”.

Mas o messianismo não está longe de outras performances que buscam e desejam uma reforma social, que tanto pode ser obtida pela redenção, por uma espécie de ascese - messianismo religioso - quanto pela indignação frente à violência a que estão submetidos na periferia urbana - pela experiência de discriminações que vivem diariamente - e que remetem sua estética a uma outra espécie de compromisso: ao étnico ou racial.

Mesmo que a performatividade messiânica também possa ser vista no crescente número de grupos de rap gospel no Brasil e na cidade seus compromissos sociais por justiça, igualdade e outras reivindicações mais políticas e sociais se fazem presentes.

... O meu nome é Sandro Mesquita, mas na verdade, mais conhecido como ANJO DB². Sou letrista e vocalista do grupo Mensageiros do Apocalipse e hoje estamos desenvolvendo esse projeto, que na verdade Mensageiros do Apocalipse é um projeto sócio-cultural, missionário e evangelístico, então a gente tá desenvolvendo este projeto.

Nesta apresentação do Sandro, que já tem o apelido de Anjo, há uma explícita afirmação da sua opção religiosa, tanto quando apresenta o seu grupo como um 'projeto sócio-cultural, missionário e evangelístico' como quando reafirma, no próprio nome do grupo, 'Mensageiros do Apocalipse', essa busca pela espiritualidade, pela religiosidade, por uma espécie de “boa nova”. Há o discurso do aviso, do siga o bom caminho, que “é o caminho que eu sigo e indico”; há o discurso do caminho certo, da verdade, da salvação. Mas também, seu nome (discurso) indica seu território - DB: Anjo da Baixada - e tudo aquilo que ele e seu grupo experimentam nesse lugar.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Na apresentação do Gagui - “Eu Tiago da Costa Moura, Gagui IDV, conhecido como Gagui IDV. [o grupo] Começou como o Ideologia de Vida; o grupo hoje é GAGUI IDV” - também transparece essa performatividade messiânica, quando apresenta o seu nome como 'GAGUI - Ideologia de Vida', remetendo seu discurso a um caminho claro, determinado, certo, teleológico.

É evidente também o messianismo nos discursos de suas histórias de vida. Os atos de performatividade não se esgotam no caráter messiânico, pois também são expostos em suas falas quando relatam a introdução, a aproximação ao Movimento Hip Hop, como num movimento revolucionário, num movimento de transformação, de salvação e de justiça social. E que só esse é o caminho certo a seguir.

Nas falas abaixo o caráter religioso aparece mesclado a possibilidades de transformação social, confundidos com a idéia de predestinação e de mudança de destino pessoal. Forma de vida pessoal; forma de vida em grupo.

... A cultura Hip Hop pra mim é uma forma de resgate, uma forma de resgate, a cultura Hip Hop é um mecanismo de transformação, é social, é um mecanismo de transformação de personalidade das pessoas eu acredito que através da cultura Hip Hop a gente pode transformar o caráter, o... Pode descobrir potencial, pode descobrir talentos, ...Eu vejo assim, a palavra cultura Hip Hop como forma de transformação, né... Claro que todos conhecem que eu professo uma fé, que eu sei que a transformação vem na verdade, através do poder de Jesus Cristo, né isso na verdade pra mim, é irrelevante, né..., mais eu acredito que até mesmo, porque eu faço esse trabalho em conjunto... Associando a fé em Cristo junto com a cultura Hip Hop, poxa, a gente vai ter novos "cidadãos", aí! (sorrindo). Tenho plena certeza que não só na cidade de Pelotas, mas o mundo todo seria bem melhor... (ANJO - 3º Programa: 22/07/06)

... eu falei a respeito da minha inserção no Hip Hop assim, eu não sei porque foi uma coisa que eu não corri atrás, parece que ele chegou até mim, sabe o Hip Hop chegou até mim, eu não corri atrás, até porque não tinha... onde eu morava não tinha ninguém que conhecia, que curtia... Não foi uma coisa que eu corri atrás. Chegou até mim, eu não sei por que de repente, foi o Hip Hop porque foi o rap. Eu não sei por que não foi o rock, o pagode outro estilo musical, não sei te dizer assim, parece que foi uma coisa predestinada, chegou, mandaram pra mim: _ Toma, isso é teu. ... Atitudes mudaram, mudaram, ... tem algumas coisas que eu fazia e eu deixei de fazer... no momento que eu comecei a ouvir rap e entender o rap, tipo... Mas é bem isso, mudou a postura, mudou a forma de enxergar o mundo... Porque a gente ta despertando uma consciência num cara que era pra tá lá entregue, entregue no que

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

o sistema joga pra dentro da periferia: na droga, na arma, no álcool, entendeu? E a gente ta despertando esses caras, fazendo com que eles sejam mais um num processo de construção duma nova idéia... de uma nova ordem. (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

Mas a participação no Movimento não é somente uma salvação da alma. É também vivido como uma forma de saber, de dar-se conta, de ser consciente dos problemas sociais, políticos e policiais que se vive na periferia. E mesmo que possa haver certo fatalismo ou determinismo em suas histórias de vida - 'O que é pra ser na vida da gente uma hora vai ser' - o caminho do Hip Hop é uma tomada de consciência sobre as suas próprias vidas.

... É por que... transformou minha vida, como eu falei no começo, me deixou com os olhos mais abertos. Deixa a gente com outra cabeça, tu ficas consciente de tudo... Tu te transformas, na verdade, tu tá ali... Com os olhos abertos... Tu ta vendo tudo que ta acontecendo, tu não é marionete, tu é, tu não é manipulado, que dizer eu agradeço sim... Eu acho que... todas as parcerias que eu fiz através do hip hop, todas as amizades assim... Eu acho que tudo ta envolvido nisso aí... As amizades, a cabeça no lugar... Aquela hora da calma que tu tem, sabe tu é usado, tu é manipulado, e tu te revolta que tem muita coisa tu não consegue mudar, tu tá dentro de uma periferia, tu vê mil coisas ruins acontecendo, tu vê um monte de gente... tu sabe que a droga é ruim mas tu vê um monte de gente entrando naquilo, aquilo ali e indo em fila sabe, tu ta sabendo... então quer dizer, eu to sabendo que é ruim, eu não vou entrar, então quer dizer eu acho que eu devo ao Rap eu devo ao Hip Hop, eu devo a cabeça no lugar. ...mas eu acho que cada um é cada um, o que é pra ser na vida da gente uma hora vai ser, também... é isso aí, eu acho que... agradeço muito ao rap, ao Hip Hop, muito a black music, porque acho que a gente vai longe assim... acho que é tudo na minha vida ... é sem palavras... (BEETHOVEN - 3º Programa: 22/07/06)

Em sua fala o rapper Gagui traz pra si e logo para todos os participantes do Movimento Hip Hop, a função de indicar os caminhos. Ele, como os demais entrevistados, acredita que tem um dever de dizer o que é certo e o que é errado. Quanto ao poder de dizer ele cita que tem sim este poder, mas porque está com os microfones na mão, porque tem um programa de rádio. Aqui o poder não é entendido como relação e sim como hierarquia.

... 104.5 a gente vai aqui dizendo que aqui todos os sábados das 6 até as 7:30 a gente tem esse compromisso de ta aqui nessa mesa redonda, nos estúdios da 104.5, informando passando a mensagem porque a gente deve, e tem esse poder de pegar... de empunhar o microfone e dizer pra rapaziada o que que é certo o que que é errado, faz quem quer, mas a gente tem né enquanto detentores do microfone e Mestres de Cerimônia a gente tem esse dever aí de ta informando e dizendo pra rapaziada: _ Faz o certo, anda pelo certo, estuda, faz o corre e é desse jeito que a tua vida vai mudar. (GAGUI IDV - 3º Programa - 22/07/06)

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Neste ato combinado também se faz presente um outro elemento, de caráter tipicamente pastoral, traduzido na reverência e, no limite, na veneração dos precursores do Movimento, pois há uma gratidão por terem indicado esse caminho. Os precursores são comumente chamados de Velha Escola, e a estes, então, se deve um respeito. Existe, nesse processo, uma noção de história, que precisa ser preservada, resgatada e respeitada.

... Existe uma história, e a gente que tá hoje no Hip Hop, né Makabra, no nosso caso né, que a gente que começou bem depois dos guris a gente tem que valoriza e respeita e bota os caras lá em cima porque os cara foram os responsáveis de a gente tá hoje aqui né meu... (GAGUI - 1º Programa: 08/07/06)

... que tem que rodar porque na verdade faz parte da história, ...pena não se ter mais acervo. Pena na verdade o acervo ser muito curto. Pena as condições da gente não ter sido boa naquela época prá deixar isso tudo arquivado de alguma forma através de foto através de vídeo, né, mas é muita coisa boa que a gente tem que mostrar pros outros que tão chegando agora, que existe uma história. (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

...porque eu acho que ... de maior significado no rap hoje, cara, aqui em Pelotas, esse pessoal da antiga não tem né cara, não tem, os cara deixaram uma escola muito boa... o Calibre 12³... é o espelho, ... (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

Nas falas dos rappers há o respeito às pessoas, o respeito à história, mas é muito citada a 'idolatria' aos mais antigos por parte de quem está começando. Nas falas dos entrevistados esse respeito à história parece também passar por um compromisso com a continuidade do Movimento.

... mas eu quero ter o respeito assim por fazer uma coisa séria, por representar uma comunidade, por representar um povo, por ser a voz das pessoas que não tem oportunidade de ser a voz, eu acho que por ser isso eu acho que eu tenho que me manter firme, acreditando que o rap é a minha salvação, é o meu resgate, é a coisa que eu acredito, que eu sei fazer, porque eu sei fazer.... porque eu não sei fazer... uma das poucas coisas que eu sei fazer. (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

Essas performatividades, que vão deslizando ao sabor dos discursos dos participantes do Movimento, revelam a forma como eles operam suas vidas em torno do funcionamento da sociedade e seus envolvimento em ações que oportunizam mudanças sociais. Para eles o Movimento Hip Hop é apresentado como indissociável de um movimento político. Mais que um movimento cultural, os entrevistados afirmam que o Movimento Hip Hop é um movimento sócio-político-cultural.

Performatividade política -

“Mais um guerreiro protegido e guiado por Oxalá na ira do veneno, que não se cansa de lutar contra o sistema - capitalista e burocrata, que te cria, te escraviza e depois te mata”

...Já, já, era outra geração né? E eu ví o pessoal ali, né. ...tinha um dos rapaz que estudava no colégio, ... aí eu comecei na verdade a colar com eles e na verdade comecei a me entrosar e ví que realmente eram meninos eram meninas, não tinha, não tinha... como é que eu vou dizer... não tinha droga, não tinha palhaçada, realmente o pessoal se reunia em prol daquilo ali, de montar o grupo de dança, de dançar de ter uma outra estrutura e de fazer ações sociais, faziam festa beneficente na rua prá poder angariar fundo prá creche, prá isso, prá aquilo e aí depois com o passar do tempo quando começou aquela coisa da cultura Hip Hop que eu comecei a conhecer um pouco mais, a ler um pouco mais... eu fui descobri que aquilo que nós fazíamos eram as chamadas posses⁴, né? (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

Essa dimensão política do Movimento é defendida como uma necessidade de entendimento que deve ser partilhada por todos os seus participantes:

... Eu vejo a cultura Hip Hop como um movimento de esquerda, como eu falei aquele dia, ...mais de esquerda do que os partidos de esquerda,... é um movimento é uma cultura revolucionária é... é um movimento político, a cultura Hip Hop ele é um movimento político, ele é uma vertente, ele é um braço do movimento negro tá, só que ainda não se deu conta disso, em alguns aspectos, em alguns momentos... aqui na cidade de Pelotas mesmo... eu não consegui... acho que os rappers não conseguiram se ver, se enxergar enquanto vertente ou braço do movimento negro, ou como vertente ou braço político do movimento negro, agentes políticos de transformação, eu vejo assim e é complicado essa questão porque... porque desde o momento que o rapper não sendo da periferia.... mesmo participando assim do seu grupo, mas que não participa de repente dentro do seu bairro, da sua associação de bairro, de repente não participa dentro do seu colégio, da discussão estudantil, talvez ele não vai ter uma postura de questionar ou debater com algum político que de repente venha oferecer pra ele uma opção... de proporcionar pra ele, sei lá uma grana pra ele ta participando dentro de um showmício, dentro de um palanque político, porque ele não tem de repente essa ideologia formada, ele não tem... e pergunta pra rapper: _ E vem cá , tá e qual é a tua consciência política? Tu é de esquerda, tu é de direita, tu é de qual partido político? Não, não... muito se fez esse discurso aqui na cidade de Pelotas, assim ó:

_ Política eu to fora!

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Mas eu to fora do debate, da discussão, quando alguém vem me oferecer alguma coisa pra mim pra participar de um showmício, pra mim não interessa a ideologia nem o partido do cara, eu quero é o meu no bolso e eu vou lá cantar. Por muitos e muitos anos se fez assim, aqui na cidade de Pelotas, acredito que a coisa esteja mudando... A desculpa de repente de pegar aquela migalha, que eu chamo de migalha, a desculpa de pegar aquela migalha porque eles poderiam e deveriam valorizar muito mais, porque eles sabem que a questão dos partidos políticos é que eles sabem que sem a cultura Hip Hop eles não entram dentro da periferia, sem a cultura Hip Hop eles não vão entrar. (ANJO - 4º Programa: 28/07/06)

Na fala acima, Anjo dá um direcionamento para a participação política partidária, o que não é comum nos discursos de outros participantes do Movimento Hip Hop. Há uma participação em atividades culturais como showmícios, eventos eleitorais principalmente na situação de contratados e muito dificilmente na condição de apoiadores.

Novamente a política partidária é trazida na referência de que o movimento Hip Hop é 'um movimento de esquerda mais a esquerda do que qualquer partido político'. Esta afirmação parece vir do entendimento que os entrevistados têm da relação das pessoas que vivem nas periferias e a política partidária. Quando falam que a periferia não aceita mais a politicagem, não aceita mais o político com suas promessas, estão falando que a periferia tem a sua forma política de se organizar e mais, que o Movimento Hip Hop está fazendo o que deveriam fazer os partidos políticos.

... eu acho que cada, cada movimento que existiu é um tijolo no muro, nessa construção, eu acredito que na época da ditadura teve coisas boas, eu acredito que o movimento estudantil e o movimento cultural da época... também construiu coisas boas, eu acredito que... Pois é, acredito que o movimento abolicionista construiu grandes coisas, tá... então quer dizer, acho que cada movimento, cada surgimento, cada época né, teve né a sua contribuição, nessa construção só que eu vejo que agora, nos anos 60 também tivemos aí ... o movimento rockn'roll e tal que pra min não construiu nada, ta entendendo? Era realmente sexo, drogas e rockn'roll e deu pra bola né, então na verdade, foi até uma época, que na verdade tava se dissimulando mesmo a droga no mundo, tava se dissimulando essa questão do... sexo... livre no mundo, então quer dizer, eu acho que o movimento rockn'roll surgiu pra isso, tá... ele teve uma contribuição nisso e eu vejo... eu vejo a cultura Hip Hop de uma outra forma, a cultura Hip Hop realmente... na época que nós estamos vivendo... eu ouvi uma frase do GOG que eu nunca me esqueci, e eu estudei e avaliei essa idéia e é... "O movimento Hip Hop é um movimento de esquerda mais a esquerda do que qualquer partido político", tá entendendo? Tem coisas que partido político de esquerda que tem essa ideologia de socializar, de distribuir, disso e daí, não consegue fazer, que a cultura Hip

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Hop tá fazendo, acho que é o trabalho social que ele vem fazendo, acho que na verdade é o envolvimento direto com a base, com a periferia que certos partidos políticos não conseguem fazer, né, então, eu acredito que é por aí a transformação na verdade, o pessoal da periferia vai acreditar em quem é da periferia, eles não tão mais acreditando mais em quem não é, em quem vem de... de 4 em 4 anos, que vem na verdade, com promessa, eles tão acreditando é no pessoal da periferia. E o pessoal da periferia, ele transpira a cultura Hip Hop, porque a ideologia da cultura é essa, é transformação, então acredito que, bom... prova tá aí, que na verdade, a cultura Hip Hop saiu do gueto e tá em todos os lugares, então quer dizer, o troço tá... como é que se diz... efeito dominó. ... Eu quis dizer que... em qualquer movimento, em qualquer situação né... a cultura Hip Hop é uma arma, (ANJO - 3º Programa: 22/07/06)

Na fala do rapper Gagui ele explicita este entendimento do movimento Hip Hop como movimento político quando compara este movimento ao Movimento Sem Terra. Afirma também que o movimento Hip Hop possibilita um conhecimento que 'desperta para a cidadania'.

... vamos dizer que o pessoal que nasceu na década de 50 e 60, teve naquela época deles alguma coisa pra fazer despertar uma consciência neles, naquela época... até mais política do que hoje, acredito. Naquela época de ditadura... do povo se organizar de ir pra rua lutar pelos direitos... que é do povo... Eu acho que sim, até hoje os caras dizem né: O trabalho que o MST faz no campo o Hip Hop faz na área urbana, entendeu? Tipo de dá uma consciência, de despertar, de tu saber dos teus direitos, de tu saber do teu dever também enquanto cidadão. Acho que... que pra nós que nos envolvemos com o Hip Hop a gente tem essa questão, esse conhecimento... ...O Hip Hop foi positivo nessa forma de pode despertar isso aí... não sei cada um com a sua cultura, né... (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

A performatividade política perpassa a temática educacional, que pode ser lida como uma preocupação com o conhecimento e sua forma de apropriação. Forma que pode contribuir, no discurso dos participantes, a superação das condições de injustiça que se vive na periferia e na manipulação político-partidária. Essa preocupação com o saber compõe o chamado quinto elemento do Movimento: a sabedoria. Parece que nos discursos dos participantes, a escola tem um papel a cumprir nesse processo. É explícito o entendimento que a formação educacional faz parte e é fundamental para as possíveis mudanças políticas.

... Seguinte vamos trabalhar isso, vamos pega essa galera que tem aí, da rua, essa galera do bairro nosso aí que gostam... agora a gente ta aqui no Projeto⁵, ... sendo que o propósito maior é daqui um pouco a gente ter o nosso próprio espaço, esse é... o grande desafio do grupo é ter o próprio espaço, como um centro cultural de dança onde a gente possa tá fazendo coisas maiores, então

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

quando a gente fez... a gente até quando começou não era só no Navegantes, era no Simões, no Dunas e no Navegantes, a gente tava pegando crianças do bairro e dando aula nas associações e tentava incentivar ao estudo, só acabou que por... outros meios... grana... a galera precisa, tem que se movimenta, se locomove, acabou que não deu... Então lá no bairro se fortaleceu, até... por eu ser de lá, de dentro, acho que teve essa força ...Então a gente até agora tá pensando em retomar que foi o propósito inicial, da gente volta pros bairros, começa a trabalhar em 5, 6 bairros já, a gente já tá pensando porque hoje a gente tem uma estrutura um pouco melhor, acho que já dá pra tentar voltar, retomar o que a gente começou, então... A gente tem idéia de ter um projeto grande sim, de apoiar, de ajudar, essas crianças... que através disso, acho que através da arte é que eles vão conseguir pensar em ter um futuro, se não eles ficam na rua, eles... não vão a escola, não fazem... então através disso acho que é um incentivo que dá um impulso pra eles... talvez até uns se profissionalizem nisso... outros não, mas ao menos vão ter um incentivo... É horário inverso (falando sobre atividades no horário inverso da escola)... Já tô fazendo outro caminho já... como eu falei antes, o propósito nosso até não é abranger a escola né... eu não quero afetar um pedacinho do bairro, eu quero afetar o bairro, então vou trabalhar pro bairro agora, eu não vou trabalhar prá escola, porque prá escola eu fico um pouco limitado porque aí... daqui um pouco só pode quem é da escola e eu não tenho como eu convencer aquele que tá na rua a entrar pra escola entendeu, então no momento que eu trabalhar no bairro eu tenho como trabalhar a cabeça deles e levar eles pra escola... (VOVÔ - 2º Programa: 15/07/06)

...Aqueles que conseguem ir pra escola, nem a escola é um... movimento de cultura... nem a escola, na verdade consegue despertar aquilo que a cultura Hip Hop consegue despertar.(ANJO - 3º Programa: 22/07/06)

... O rapper tem que ta qualificado em termos de estudo, de conhecimento, pra poder debater com..., debater com deputado, debater com uma pessoa que é formada... . (MAKABRA - 4º Programa: 28/07/06)

Essa preocupação com o saber e com o conhecimento, fortemente salientada na performatividade política, também se estende às relações midiáticas. Há não só o entendimento de uma exclusão da mídia formal, como também o entendimento de um aproveitamento desta mesma mídia, no que se refere ao mercado. Quanto a mídia informal - rádios e tvs comunitárias - o Movimento acredita que há sim uma inclusão.

Num primeiro momento os envolvidos com o movimento Hip Hop apresentam em suas falas a exclusão e o aproveitamento da considerada mídia formal.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

.... o Ídolo⁶ (risos)... Aí os cara consome aquilo ali, entendesse... eles não chamam os rapper mesmo. _ Pó vamos lá chamar os cara pra fazer a propaganda e vamos pagar os cara. Eles não chamam a gente porque a gente não vai fazer tudo o que eles querem que a gente faça... Justamente (MARCINHO - 4º Programa: 28/07/06)

... Pelotas é muito complicado trabalhar essa questão de mídia pelo conservadorismo, pela cabeça das pessoas que trabalham com isso aí, a gente sabe aí... eu não queria entrar no detalhe aí... mas tudo é mídia... a gente vai entrar também, nessa questão aí... cultural, de discussão cultural... a gente sabe que as pessoas que detêm essa discussão são pessoas pseudo-intelectuais, são pessoas elitizadas, que na verdade não dão valor pra cultura de rua, pra cultura de periferia. (ANJO - 4º Programa: 28/07/06)

É a Globo já vendeu, a mesma coisa que tava falando agora a pouco, ela já vendeu a imagem distorcida da coisa, de repente quanto pixador não ganhou um dinheiro naquele ano ali, de repente pixando quarto de burguesinha aí, mais venderam uma imagem completamente errada do que é o graffiti, do que a gurizada tenta passar, mas é assim com tudo. Né, eles querem, assim como a gurizada ta falando, eles querem vender aquilo ali, já vem com aquela imagem pronta, coisa que a gurizada da periferia tem postura, então é difícil trabalha com esse pessoal, porque eles querem o rapper padrão, o rapper que... pra eles é melhor vender daquele jeito, não a tua calça tem que ser assim... mas eu acho que... isso que eles vendem, não é... e com o graffiti é a mesma coisa. O graffiti também tá sendo muito usando pela mídia, pela televisão, por tudo... pelas lojas, pelas grandes marcas, né só que eu digo pra gurizada sempre o seguinte: _ O graffiti mesmo, é aquele que por mais que tu conseguiu a rapa da tinta que tu pegou da loja do seu fulano, o teu graffiti é aquela tua idéia, aquele teu particular, aquele teu fim de semana que tu vai pintar pra ti, sendo com o Hip Hop ou não, mas tu passa a tua idéia, tu passa a tua mensagem... então tem que separar o comercial do que é lazer... da arte, então...e tem que se valoriza, tu não ta fazendo graffiti pra QUEBRAMAR⁷, tu tá pintando, tu tá fazendo um trabalho no estilo de graffiti, que é particular, ele tem que te pagar aquilo ali, tu não tem que trocar pela tinta...o que eu vou fazer em particular, é o meu dia - a - dia, é o meu trampo, eu tenho que comer, eu tenho que me vestir, então dali eu quero dinheiro, eu quero o meu retorno...é com tudo, a mesma coisa o Hip Hop (BEETHOVEN - 4º Programa: 28/07/06)

Nas falas abaixo, os participantes do Movimento Hip Hop comentam a importância da mídia no acesso a outras culturas. Sendo o movimento Hip Hop uma cultura que poderia ter facilitado a sua abrangência 'por todos os confins do Brasil' por todos os tipos de mídia. Nesta fala narram a prática do Grupo Racionais MCs, de São Paulo, que recusa-se por uma questão ideológica, aparecer em programas da mídia formal. Aqui, neste caso, estes participantes do Movimento Hip Hop defendem esta aproximação da mídia formal para o espraiamento desta cultura.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

... eu acho que o rap tem que ta na mídia, mas os rapper originais, ta ligado, não o que os caras fazem, porque se os caras não vão, vai um comédia lá e vai e vão manipular e vai falar besteira e já vai distorcer o troço, todo mundo vai achar que é isso então quem é do bagulho é que vai representar. (LIGADO - 4º Programa: 28/07/06)

...Eu acho que a cultura Hip Hop, na verdade, vem como uma nova alternativa, como uma nova proposta, assim de transformação, assim como eu tenho falado no programa... Mais qualificada. ... E eu acho que não tem como de repente... embora nós tenhamos o desejo, o sonho de ter os nossos próprios meios de comunicação, não tem como a gente fugir dessa mídia que ta aí entendeu? Como a gente falou, o MV Bill vai na mídia, vários outros rappers vão na mídia, nós não estamos isentos de repente, de ta indo na mídia, ta entendendo? Não tem como fugir disso... então eu vejo assim ó... A gente dá bola pra isso a gente dá bola pra essa discussão, a gente dá bola pra que as pessoas venham, na verdade, conhecer a nossa cultura, eu acredito que ela tem muito ainda a enriquecer, de repente não é a toa que tu pegasse esse tema pra fazer e tem outras pessoas, também trabalhando em cima, são várias e várias e vários projetos, vários e várias teses sobre a cultura hip hop que tão sendo feitas pelo Brasil a fora, e uma das frases ... a cultura hip hop dá bola pra que ele venha ser conhecido e reconhecido, pra que ele venha a ser debatido pra que as pessoas venham a conhecer a nossa cultura, mas sem usar, sem abusar, sem prostituir a nossa cultura...(ANJO - 4º Programa: 28/07/06)

Num segundo momento há o relato da inclusão midiática, principalmente nos meios de comunicação considerados informais - as rádios e emissoras de televisão comunitárias - que buscam programas alternativos oportunizando que o Movimento Hip Hop se sinta representado nestas mídias. Entretanto ocorre um deslizamento entre as possibilidades de inserção na chamada mídia formal e a resistência para a continuidade e a aproximação da mídia informal. Ao mesmo tempo em que transparece um isolamento como forma de garantir certa pureza identitária, há também o entendimento da necessidade de apropriação da mídia formal, mas pelo que os participantes chamam de 'verdadeiro Movimento Hip Hop', que significa o rapper da periferia, o grafiteiro das ruas, o B.boy das calçadas e não os rappers produzidos comercialmente.

...eu não consigo me enxergar, eu não consigo na verdade me sentir representado por uma outra programação de rap que não seja o Comunidade Hip Hop, nas rádios fm aí... (ANJO - 4º Programa: 28/07/06)

... eu acho assim também, não adianta nada a Atlântida⁸ tocar som e tenta fazer a cara daquele som pra periferia e mais adiante uma festa que ela vai fazer com uma entrada de talvez 35 reais e a dona periferia não pode consumir, então não vai adiantar nada, o público dela nada é... não adianta então a gente tem que depender das comunitárias e mesmo assim a gente tira poucas né... poucas né que fazem um trabalho.... não é por a gente ta aqui falando, né, mas um trabalho verdadeiro, um trabalho com

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

informação, porque a gente vê muita rádio comunitária, sem citar nomes, mais baseada em propaganda em apoio. (BEETHOVEN - 4º Programa: 28/07/06)

...A mesma coisa é o trabalho em questão de música, o nosso trabalho que a gente tem feito aqui em Pelotas hoje em dia... hoje em dia, atualmente tá mais fácil prá tocar porque tem as rádio comunitária, né Anjo, Ligado, a galera da antiga tá vendo, tá mais fácil pra ti gravar um CD, isso tá mais perto da gente, mas quando o Hip Hop começou mesmo era difícil, o cara tinha que pega o disco, base em vinil, tocá a base na fita emenda e seguiu em frente, não tinha acesso a microfone, mixer nada, pickup's nada, hoje em dia a gente tem mais acesso, é que a gente tem que continuar nessa guerra aí aos poucos a gente vai derrubando obstáculos né, (MARCINHO - 4º Programa: 28/07/06)

Esse deslizamento revela, de alguma forma, que as operações políticas e midiáticas são perpassadas ainda pela temática de mercado. Economicamente sabemos que o movimento Hip Hop, nascido nos guetos norte-americanos e 'contrabandeado' também para as periferias do Brasil, tem sua base nas classes mais baixas economicamente.

Nos relatos dos entrevistados há um grande acordo entre os meios: mercado e mídia. O que relatam é a falta de oportunidade de se colocarem e de colocarem seus produtos em evidência, para posteriores relações econômicas. O saber que sabe da exclusão, das dificuldades de mostrar suas manifestações culturais. Certa consciência de periferia, de marginalidade. Isto também ajuda a uma identidade formada pela performance política e - de certa forma - messiânica.

...E a gente tira a prova assim ó... quer vê agora há pouco tempo, agora há pouco tempo mesmo, fechou a loja do nosso companheiro aí né, o Xande e o Cezinha fizeram uma baita de uma batalha pra coloca uma loja... 'Authentic Hip Hop' e tal, e uma coisa que eu costumo falar pras pessoas: _ O nosso público alvo ele não nos dá retorno, o nosso público alvo que é os mano que curtem rap, por dizer curtem... porque tu gosta dá parada é diferente do que tu curtir... os manos que curtem rap, eles não nos dão retorno, tá entendendo, o cara bota aí a griffe, tu acha que o pessoal aí vão deixar de comprar uma camisa lá do FACÇÃO ou seja lá de quem for lá de São Paulo, pra comprar uma camisa do... Ligado... do Che, tá entendendo, então na verdade é uma discussão que eu faço dentro da cultura Hip Hop, é essa questão de nós conseguirmos atingir o nosso público alvo com as nossas idéias, com as nossas propostas (ANJO - 4º Programa: 28/07/06)

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

...Pra concluir, isso aí, por exemplo, vamos supor numa loja de nome como a Renner a C&A, se ela pegasse a griffe do Ligado, por exemplo, comprasse um caminhão de camiseta dele, botasse pra vender, todo mundo ia comprar, porque a loja que ta vendendo tem nome, tá na mídia, entendesse. (MARCINHO - 4º Programa: 28/07/06)

Performatividade Estética -
“OS NEGUINHO CALÇA LARGA”

O consumismo de griffes atingiu também as periferias e muito compreensivelmente os envolvidos com o Movimento Hip Hop. Acredito que isto acontece porque este movimento tem sua origem, como relatado anteriormente, na cultura norte - americana, que com a globalização nos facilita o acesso a quase tudo e a quase todos, é um movimento preferencialmente composto por jovens, tem uma proposta estética específica e o mercado da imitação, do contrabando cresce desproporcionalmente.

... Não, sempre se engoliu enlatado (risos), como se fala... os americanos enlatavam e mandavam pra gente engolir. Essa que é a grande verdade né. Naquela época não havia essa discussão, eu acho que agora na verdade, eu acho que..... na virada do século que começou essa discussão aqui no Brasil. Começou a se produzir coisa brasileira, né? Se a gente vai pegar mesmo os discos de rap... de 90 prá cá que começou as influências ... mas foi de 95 que começou realmente isso aí... e sempre foi realmente essa questão americanizada. Me lembro do 1º CD do GOG⁹ que falava, uma música que ele falava sobre... Pô aquela música dele era fantástica né? Que ele falava sobre tudo aquilo que a gente realmente vem engolindo ou engolia né, dos americanos, Como ele dizia que olhava as fachadas e não via uma frase em brasileiro. Então quer dizer, e o rap por si só não ia também, não ia fazer essa mudança de uma hora prá outra. Primeiro a gente teve que engolir, digerir aquilo ali, tá entendendo? Porque na verdade a essência do Hip Hop, do rap é americana né? Não adiantava de repente a gente tenta trocar isso aí, porque não tinha como... então a gente tinha que...na verdade trabalhar essa questão e deixar o tempo por si só fazer essa mudança. (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

O movimento Hip Hop, cada vez mais apropriado por diversas camadas sociais através da mídia e do mercado, foi e é visto ainda como um movimento cultural de modismo. Mas, seus integrantes afirmam exatamente o contrário.

.. quando surgiu a cultura Hip Hop todo mundo disse que era uma onda... ...Que era uma moda... Então quer dizer, pêra aí... essa onda aí, ta muito grande pro meu gosto, né... é diferente dos outros. O movimento tradicionalista ele permanece? Ele permanece, mas só que é feito uma rotatividade nas pessoas, entra uns e sai

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

outros, assim como tu falaste, o movimento carismático da igreja católica, entra uns e sai outros, entra uns e sai outros e o pessoal da cultura Hip Hop ele vem persistindo, tanto é, pergunta pro ANJO DB, com 35 anos aí na cultura Hip Hop (rindo) (ANJO - 3º Programa: 22/07/06)

Essa reafirmação do movimento como uma cultura que veio para ficar mostra a tentativa de construção de uma estética própria, que reafirma uma cultura que nasce à margem dos grandes meios de comunicação, mas que tem seus vínculos, saberes e atitudes assentadas à história da vida nas periferias urbanas. É de certa forma, uma exigência de atitude. Uma atitude que deve ser política, mas também e ao mesmo tempo estética e ética.

...Uma vez eu vi uma frase no texto que dizia no final, que falava sobre a educação e a cultura hip hop, que no final dizia assim: Atitude: palavra indispensável no vocabulário rap e aí dizia... O que quer dizer Atitude? Atitude é tu ter postura diante das situações seja ela política, racial ou social... (ANJO - 4º Programa: 28/07/06)

A performatividade estética também é uma forma de atitude para os participantes do Movimento Hip Hop. A moda das ruas, ou a moda da periferia borrou fronteiras. Os jovens, principalmente os homens interceptados por algumas das diversas culturas juvenis, tem aderido ao estilo Hip Hop de apresentar-se, de vestir-se. As roupas são extremamente largas, mesmo um jovem que usasse a numeração de roupas 40, 42 usa roupas tamanhos 48, 50. Principalmente as bermudas e calças, que são seguradas por cintos largos bem abaixo da cintura. As cuecas, com muito estilo e preferencialmente de alguma griffe famosa, devem aparecer. Estas griffes, na maioria das vezes falsificadas, são preferencialmente ligadas aos esportes como as de times de basquete norte - americanos e a grupos de rap famosos nacionais e internacionais como: 4p (Poder para o Povo Preto), Facção Central, Pavilhão 9, FUBU...

Também os conjuntos de abrigos esportivos, muito coloridos e largos, no modelo dos uniformes de basquete norte - americanos são os preferidos. Os bonés virados para trás com a tira interna virada para fora é muito usada. Na cabeça também é possível o uso de faixas ou bandanas. Nos pés, tênis com seus modelos modernos de cano alto, cores fortes e de griffe. As mochilas são acessórios que constituem o visual Hip Hop, mas também servem como artigo de necessidade para os grafiteiros que carregam seus sprays, pincéis, máscaras...

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



No relato do rapper MAKABRA, ele narra sua transição de criança para adolescente e a mudança no estilo de vestir-se quando percebeu que outros jovens já usavam o 'estilo calça larga'.

...eu chegava em casa todo sujo de terra... e de se atirar no chão e fazer e acontecer, ta ligado e... aquelas roupinhas de criança, Kichute, tenzinho de futebol de salão e aí passou um tempo ...pô os nego tudo de calça larga pá e pá. Pô! eu não tenho essas calça, loco. Olhei umas calça azul que o pai tinha loco, Pô usei aquelas calça azul durante 4 anos, que a mãe não queria me dar outras calças. _ Tá louco com as calças do teu pai, não sei o que... (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

... Da kandesh, tinha aquele bonequinho pá, pá, pá e tem aquele rap, não é rap é funk⁷⁰ que tem do... charmeiro... A diferença, tá ligado, é mais ou menos isso... Tinha quem gostava do charme e tinha quem gostava do house, pá era totalmente diferente, o pessoal se vestia diferente, o charmeiro era meio mais romântico, meio mais socialzinho, mais estilozão. (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

A influência das griffes sempre esteve presente.

...Olha, era aquela coisa mesmo do... que na verdade era o pano de guerra, era uniforme, sempre foi o uniforme, o estilo black, porque sempre foi diferenciado né, então tinha... esses dias eu tava até vendo no "Yo!"⁷¹ aquele clipe do Naldinho⁷², as calças bag (risos de todos), eu dizia, eu usava aquilo, que ridículo (mais risos), sabe, vendo o clipe do Naldinho, as calças bag, meio que até aqui em cima assim (mostrando o peito) (risos), né? Jaquetão, o boné, o boné foi, é parte do vestuário. Boné sempre foi parte do vestuário, tá entendendo essas calça bag, os tênis também sempre cano longo. Naquela época do break mesmo era "All Star"⁷³. Os tenizinhos "All Star"... É "le Cheval"⁷⁴, ...Ah é, tinha que ter o linguetão prá fora...(ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

...na minha época eu peguei muito o "M2000"⁷⁵. ...Aquele lance dos nego bota a meia por cima das calças, aquilo ali eu achava ridículo. (MAKABRA: - 1º Programa: 08/07/06)

O estilo black se popularizou muito com o cantor americano Michael Jackson, nos anos 80. Embora o estilo de James Brown já vinha tendo certa representação para as populações negras ligadas de alguma forma a chamada cultura black.

...Era, era uma coisa mais compenetrada né, não que hoje não seja, cada um com seu estilo, tá entendendo, que a pessoa...eu particularmente não uso. Não tenho calça larga. ... quer dizer eu estudava no Porto, No Laquentinie⁷⁶, então eu passava por ali, então, eu via aquela rapaziada ali, escorada no muro e dançando, né? e naquela época, bem na época do break mesmo, né? o pessoal

⁷⁰ "Qual a diferença entre o Charme e o Funk, um anda bonito o outro elegante."

⁷¹ Programa de Hip Hop da MTV.

⁷² N de Naldinho - rapper

⁷³ Griffes de tênis.

⁷⁴ Griffes de tênis.

⁷⁵ Griffes de tênis.

⁷⁶ Escola Municipal Ministro Carlos Laquentinie

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

de luvinha branca, de calcinha marreca eu também... usava desse estilo ai né?... o próprio cover... daquele..... do Michael Jackson é... concurso do James Brown, entendesse? (ANJO - 1º Programa: 08/07/06)

...Foi daí que surgiu também o “Anjo”, daí não existia, o “Anjo” não existia, nem tinha apelido, foi daí que surgiu o “Anjo” né? Numa roda de break, no centro, uma vez, faltou luz e eu tava com um moletom branco com um abrigo branco e dançando break. Quando vê um gritou lá: _ Olha só até parece um anjo (risos). Ficou, ficou, né... (ANJO - 1º Programa: 08/07/06)

Nas falas abaixo há uma referência ao modismo que se tornou a estética do Movimento Hip Hop, inclusive com duas nuances. Há o modismo que faz uma ligação do uso da roupa larga, do boné à marginalidade e o modismo que já alcançou todas as diferentes classes sociais.

... Não, porque é cultura de marginal, é cultura do calça larga... (ANJO - 3º Programa: 22/07/06)

... eu vejo que a cultura Hip Hop abrange dos 8 aos 80... Dos 8 aos 80... é diferente dos outros, porquê na verdade, todo mundo diz... quando surgiu a cultura Hip Hop todo mundo disse que era uma onda... ...Que era uma moda... (ANJO) ...Só que ela era um Tsunami⁷⁷, o efeito inverso, ela veio e voltou, entendeu? (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

... Eu, pelo que eu to vendo é a grande maioria, até nos pano, ta ligado! Todo mundo quer se vestir rapper... (LIGADO - 4º Programa: 28/07/06)

O que difere nestes dois casos da estética do Movimento Hip Hop: o acesso das classes sociais e a representação de marginalidade é o mercado. Embora o uso de roupas de griffe ligadas ao Movimento Hip Hop não seja possibilidade somente de classes sociais mais altas. Muitas pessoas pagam verdadeiras fortunas por um tênis, um boné de uma griffe de um grupo de Hip Hop. Também existem as falsificações que favorecem a representação e o sentimento de “fazer parte/pertencimento” deste grupo.

...o cara bota aí a griffe, tu acha que o pessoal aí vão deixar de comprar uma camisa lá do FACÇÃO,⁷⁸ ou seja, lá de quem for lá de São Paulo, pra comprar uma camisa do... Ligado... do Che... (ANJO - 4º Programa: 28/07/06)

⁷⁷ Refere-se à catástrofe que ocorreu na Ásia - ondas gigantes.

⁷⁸ Facção Central - grupo de rap

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

...Pra concluir, isso aí, por exemplo, vamos supor numa loja de nome como a Renner a C&A, se ela pegasse a griffe do Ligado, por exemplo, comprasse um caminhão de camiseta dele, botasse pra vender, todo mundo ia comprar, porque a loja que ta vendendo tem nome, tá na mídia, entendesse. (MARCINHO - 4º Programa: 28/07/06)

...É que virou moda, virou um pouco de moda e banalizou, tá ligado. ...Não, é que eles fabricam também às vezes, ta ligado, o rapper? Às vezes o cara nem é, eles vestem o louco e faz o louco fazer uma propaganda (risos) e mete uma riminha assim passada, ultrapassada, uma levada assim, que pó, ta ligado, horrível! ...É todo mundo sabe, é ou não é verdade? Um ídolo tem que ser bonito, olho azul, pele clara é isso aí... (LIGADO - 4º Programa: 28/07/06)

A estética cumpre o papel de identificar grupos, seja nas opções étnicas, sexuais, de idade e de classe. Mesmo que estas fronteiras, da estética, se borrem todo o tempo, existe sim um estilo identificador de cada grupo. Os pertencentes ao Movimento Hip Hop alegam que há uma apropriação do seu estilo, de forma generalizada por outros grupos culturais. O interessante é que parece não haver uma percepção da apropriação dos estilos estéticos norte-americanos pelo movimento e da própria origem deste movimento que foi hibridizado, amalgamado, miscigenado e apropriado no e pelo Brasil.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



Show Banca CNR e Gagui IDV - II Popularte - Loteamento Dunas - Pelotas

No que se refere à miscigenação e hibridização de outras culturas, também há na linguagem, no vocabulário tanto expressões forjadas na cultura Hip Hop como nas apropriações que servem como operações performativas fabricantes de identidades. O que chamo como performatividade lingüística são as operações de comunicação e expressão dos participantes do movimento Hip Hop, mais especificamente o vocabulário, a gíria, as expressões

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

usadas para se comunicarem. A linguagem que uso, marca e demarca a cultura que pertença. O movimento Hip Hop também tem uma linguagem que o identifica. Termos como: mano, mina, tá ligado, rapear, b.boy, break, são específicos deste movimento cultural.

Performatividade Linguística-
“É nós! Tá ligado!”

...Aí ví os cara '**rapeando**', aquela coisa toda que eu nem sabia o que era, mas achava legal a batida em cima, falando sobre problemas sociais. (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

...104.5, **Vamo de pau, que daqui a pouco tem que encerrar as porteiros aqui.** (GAGUI - 1º Programa: 08/07/06)

...Muita **paz prás cabeças.** (ANJO - 1º Programa: 08/07/06)

...Comunidade Hip Hop nas ondas da 104.5, “não basta estar no ar tem que ser comunitária”. Todo sábado, **bolinho de arroz**, às vezes completo às vezes desfalcado, mas a gente **segue o baile** por aqui. Muito rap nacional, muita informação, muita notícia **tamo junto**, eu Gagui IDV o nego Maisson **na pista** (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

... Maisson **DB...** Tudo **DB** hoje aqui, tudo **da baixada** de onde vier... (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

... eu buscava, **tá ligado**, escutava o rap já queria conhece mais, até hoje tô querendo conhece coisa nova, **ta ligado!** ... eu pelo que eu tô vendo é a grande maioria, até **nos pano, tá ligado**, todo mundo quer se vestir rapper... fechou a loja do nosso companheiro aí né, o Xande e o Cezinha fizeram uma baita de uma **batalha** pra coloca uma loja tá ... Não, é que eles fabricam também às vezes, **ta ligado**, o rapper? As vezes o cara nem é, eles veste **o louco e faz o louco** fazer uma propaganda (risos) e mete uma rminha assim **passada**, ultrapassada, **uma levada** assim, que pó, **ta ligado**, horrível ...E a gente até tava conversando aqui, **ta ligado!** ... eu acho que o rap tem que ta na mídia, mas os rapper originais, **ta ligado**, não o que os caras fazem, porque se os caras não vão, vai **um comédia** lá e vai e vão manipular e vai falar besteira e já vai distorcer **o troço**, todo mundo vai achar que é isso então quem é **do bagulho e representa**. O nosso rap é **louco, ta ligado!** Então o **bagulho ta louco** hoje em dia, mas... só os verdadeiros vão ficar ainda **na cena representando, e é desse jeito, tá ligado?** (LIGADO - 4º Programa: 28/07/06)

...sem os MCS saber que tão **na fita**, tá entendendo? (BEETHOVEN - 4º Programa: 28/07/06)

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Algumas expressões o Movimento Hip Hop se apoderou de outros movimentos culturais. E há um reconhecimento por parte dos próprios participantes deste movimento quanto ao uso de diferentes gírias e expressões em diferentes regiões da cidade e do país. Há uma adequação territorial.

...Era **biti**, veio depois aquela coisa de mina, da gíria mesmo ela veio só acompanhando né... porque não mudou muita coisa, claro que tem certas cidades, certas áreas que tem a gíria própria pra certo tipo de situação... como de repente falar de polícia, hoje o pessoal fala de... como é que é... os **gambé** ... **gambé** é gíria de paulista, não rola aqui entendesse, pelo menos eu... **Tiozinho**, **tiozinho**, como é que fala o pessoal lá do, do... trilha sonora do Gueto (série de televisão) que fala os... os coxinha, os coxinha e tal (risos) ... Os **coxinha** é a polícia né. Os coxinha... mas isso aí é mais gíria de São Paulo. Quer dizer esse negócio de gíria é até mais restrito, até mesmo aqui na cidade tem aquela coisa ... tal zona da cidade tem as suas gírias...

...O “**Navega**⁷⁹”, **baixada**⁸⁰ ali tem a sua gíria, na Terezinha⁸¹ tem... . (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

... eu já coloco assim ó, o Brasil é uma miscigenação muito louca né cara, então cada estado que tu vai, é um jeito, é um jeito de falar diferente, cada cidade é diferente, dentro de cada cidade como Pelotas tem um Navegantes, tem Dunas, tem Terezinha, tem Getúlio¹⁸ e cada área tem a sua maneira de se expressar, tem a sua maneira de chamar a **mina**, tem a sua maneira de chamar o **mano**, tem a sua maneira de falar tal coisa, acho que cada área tem isso.. (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

Reforçando essa existência de diferentes gírias em diferentes regiões, nas falas abaixo aparecem gírias que são usadas por diversos grupos culturais e foram apropriadas pelo Movimento Hip Hop.

...Olha, era aquela coisa mesmo do... que na verdade era o **pano de guerra**, era uniforme, sempre foi o uniforme, o estilo black, porque sempre foi diferenciado né, então... ...Olha eu acho que a coisa veio mais ou menos nessa linha, do **mano** mesmo, aquela coisa aí sempre existiu. Do **mano** mesmo, do **pode crê**, até tinha a revista Pode Crê ...foi mais ou menos nessa linha, **mano**, **pode crê**, mulher geralmente era aquela coisas de **mina**. (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

... na casa de **um louco** ó, que faz mais de 10 anos que eu não vejo o **cara**... O Biola cara pô, eu chegava... eu chegava lá no... no Pestano, eu tinha o que... eu tinha 11 anos... **tava na onda malandro**, **tá ligado?** Se tu tinha um 3 em 1 tu **tava na onda**, tu tinha

⁷⁹ Refere-se ao Bairro Navegantes - Pelotas

⁸⁰ Chama de baixada os bairros que se localizam na parte baixa da cidade.

⁸¹ Bairro Santa Terezinha, localizado na Zona Norte da cidade.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

disco, tu tinha fita, tu pá e pum! Aí os **loucos** pá com 3 em 1, e radiozão e pá eu comecei a **colar com os caras** e os caras me apresentaram Pepeu, me apresentaram Naldinho, me apresentaram **uma pá** de... J. Clipe, só som da antiga, e eu: **_ Pô, pode crê!** ...aí pô nós era **uma pá de louco**, uma gurizada, 17 o mais velho acho que era eu com 16 ano meu e nós pô tudo, vamo lá no **bagulho**... aí o cara foi no bagulho se interesse né meu. Aí eu disse: **_ Pô já conheço meio que essa parada** vô vê qual é que é. A gente **entrou nessa fita** pá, e o negão: - Pô e aí porque vocês não cantam? ... Ih! (risos) pô! **Louco! Só louco!** Eu não me lembro **dessas parada**... aí **tá ligado!** Aí desci, a gente cantou... a gente escreveu a música numa tarde, num **bagulho** relâmpago assim, sabe? Uma coisa bem..., bem amador mesmo, **tá ligado?** A gente ainda é amador, mas, mas tem um pouquinho mais de cuidado em escreve uma letra, de, de coloca uma idéia em cima, aí a gente, pô, fez a letra e como é que a gente vai fazer o **bagulho** se a gente não tem o instrumental? Aí o Índio começou a fazer: Ah! deixa que eu faço. **Bah! que isso lock?** ... SNS, o André, TWN teve lá, mas o TWN já era **cobra marcada**, o Guerreiros do Rap, Calibre 12...(MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

... ai a gente se **encarnou** e tamo até hoje. ...A **coroa** que botou **nessa reta** aí, eu acho que eu devo muito a ela. ... A **verdadeira malandragem** (BEETHOVEN - 3º Programa: 22/07/06)

A performatividade lingüística dos participantes do Movimento Hip Hop é compreendida no uso das gírias, mas também nas expressões, nas palavras escolhidas e no modo de articular e expressar essas palavras. Nas narrativas abaixo, além de aparecem algumas expressões apropriadas pelo Movimento aparecem também expressões que caracterizam este grupo, que caracterizam esta cultura. Na fala do Gagui, abaixo, ele não usa especificamente de gíria e sim de um vocabulário também pertencente 'a periferia. É na periferia que ouvimos as expressões: barraco, cela, além de se referir aos presidiários como irmãos.

... Certo rapaziada é 104.5 é Comunidade Hip Hop²⁰ que **chega e pede licença pra invadir cada lar, cada barraco, cada favela, cada cela, também não esquecendo também dos irmãos que tão lá dentro**. ...faz a sintonia, liga prá cá, entra em contato, porque aqui é do povo também, Makabreichon vamos começa com que? (GAGUI - 1º Programa: 08/07/06)

Na apresentação do rapper Makabra, há uma imposição de identidade 'eu sou o Makabra' bem como certa melancolia, um saudosismo quando se refere ao tempo em que iniciou e as dificuldades que enfrenta hoje.

...Boa tarde senhoras e senhores aqui quem vos fala é Almir Basques Silva Junior conhecido, julgado e... assassinado e carimbado como Makabra, **poh! brother** eu já fiz tanta coisa no rap, acho que como todo mundo começou, acho que todo mundo começou com

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

aquela idéia de dançar né **meu**, eu sou do tempo que o cara dançava e pá pá pá é pá pá pá, hoje eu canto **meu**, to tentando gravar uma **parada** minha já faz um tempo e é isso, por enquanto eu tô nisso (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

O rapper Anjo usa expressões específicas de uma cultura 'black'. Relembra as festas, os comandantes de som, as disputas, os concursos, as discotecas.

...Black Pels, na verdade era a festa organizada onde tinha concurso de dança, praticamente cada área, praticamente cada bairro da cidade tinha um grupo de dança. Praticamente cada área da cidade tinha um... um comandante de som, tinha uma equipe de som, então na verdade... é, é, é quer dizer aquela... tipo criava aquele clima de... não de guerra, mas de disputa prá ver quem é que ia ficar com o troféu, ou melhor grupo de dança, melhor equipe de som, né? Me lembro... na verdade uma vez eu ví, eu presenciei, né? “DJA²¹”, DJA disbancá a TRANSANEGRA²², disbanca a Transanegra, porque a Transanegra era a melhor equipe de som da cidade, mas DJA começou a surgir no mercado e disbancou, tudo que a Transanegra rodava, ele rodava mixado (rindo), sabe? Eu ví no Ginásio da Agremiação isso acontecer, cara. A Transanegra rodava um som, ele rodava o mesmo som mixado. A Transanegra rodava outro som, ele rodava o mesmo som mixado, eu digo: Pô! Acabou com a Transanegra, sabe, (rindo) mas era, era super legal, assim porque não tinha aquela coisa de briga, de tiro, de **treta**. (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06).

Abaixo uma defesa do Anjo DB sobre o entendimento que muitas pessoas tinham sobre o movimento Hip Hop como moda, o que eles negam substancialmente, porque afirmam que é um movimento que teve um crescimento, uma continuidade e reformulações através da amálgama com outras culturas. Inclusive o argumento é que quem inicia no movimento nunca se afasta, diferente de outros movimentos culturais que podem fugir ao modismo, mas que tem sempre uma rotatividade de pessoas.

...Então quer dizer, pêra aí... essa onda aí, ta muito grande pro meu gosto, né... é diferente dos outros. O movimento tradicionalista ele permanece? (ANJO - 3º Programa: 22/07/06)

Na defesa deste movimento, suas falas reforçam o investimento que fazem no Movimento como transformador de uma realidade. Como uma doutrina que tem o dever de indicar caminhos, de possibilitar a mudança não só individual, mas de toda a sociedade.

... É desse jeito que segue os guerreiros, o ar que prossegue, comunidade Hip Hop muito amor pelo rap! (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

... como Mestres de Cerimônia a gente tem esse dever aí de tá informando e dizendo pra rapaziada: _ Faz o certo, anda pelo certo, estuda, faz o corre e é desse jeito que a tua vida vai mudar. Certo, (MAKABRA - 3º Programa: 22/07/06)

Anjo DB, complementa

... Eu acho assim ó... sem querer, na verdade, vir com discurso fechado - O Hip Hop ele sempre vai ser da periferia, a grande verdade é essa, o Hip Hop ele, sempre vai ser da periferia, embora, na verdade, ele tenha conseguido issar outros vãos, e como a gente tem falado nos programas que ele já tomou conta da classe média, da classe alta, né, tá tomando conta... é realmente é ...isto eu escrevi uma vez num zine, a bem uns 5, 6 anos atrás, escrevi uma matéria num zine que falava sobre isso..., do movimento Hip Hop tomando conta, porque pra mim é a música do futuro, pra mim é a música do futuro. (4º Programa: 28/07/06).

No argumento, do Anjo DB há uma expressa delimitação de território quanto ao Movimento Hip Hop. Essa essencialização do Movimento como cultura da periferia é evidente nas falas, de forma geral, de participantes do Movimento Hip Hop, mas novamente se percebe um deslizamento, ou um borramento de fronteiras, porque eles mesmos admitem que seja um movimento que alcançou outros espaços. Há um deslocamento de entendimento, para os participantes deste Movimento, pois assim como há o orgulho da origem de periferia deste Movimento e do alargamento a outros territórios há também a intenção de prisão, de fixação do movimento, como essência da periferia.

... O cara tem medo. O que aconteceu com a capoeira na academia. É uma cultura negra que foi tomada, o samba da mesma forma, o pagode universitário. Eles perderam o domínio de uma coisa que era deles. Não vamos deixar ninguém nos tomar... Da periferia. (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06).

... Eu acho assim ó... sem querer, na verdade, vir com discurso fechado - O Hip Hop ele sempre vai ser da periferia, a grande verdade é essa, o Hip Hop ele, sempre vai ser da periferia, embora, na verdade, ele tenha conseguido issar outros vãos, e como a gente tem falado nos programas que ele já tomou conta da classe média, da classe alta, né, tá tomando conta... é realmente é ...isto eu escrevi uma vez num zine, a bem uns 5, 6 anos atrás, escrevi uma matéria num zine que falava sobre isso..., do movimento Hip Hop tomando conta, porque pra mim é a música do futuro, pra mim é a música do futuro. (4º Programa: 28/07/06).

Performatividade Territorial -

“Periferia, a gente já é envolvida com música.”

É interessante à análise de apropriação cultural que os participantes do Movimento Hip Hop fazem, pois em outras falas e situações reverenciam a amálgama cultural que o Hip Hop consegue fazer.

...Eu acho que com esse tempo que passou, eu acho que até ficou mais bonito, né? O rap né, ficou mais melodioso, porque tu tem tanta coisa prá usar dentro da cultura brasileira, da cultura musical brasileira...que tem o baião, tem a vanera, tem o samba, tem esse ...esse pessoal aí de seresta, tem capoeira ...Mais a nossa cara, tá ficando mais a cara do Brasil esse rap eu acho (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

Fica distante a percepção e o entendimento dos participantes do Movimento Hip Hop, de que este também é mais um movimento cultural híbrido. A performatividade territorial se dá nas intervenções dos participantes do Movimento Hip Hop em relação à delimitação de espaços e à dimensão geográfica das periferias, mas também na forma de como produzem e são produzidos nas suas referências culturais neste território.

Aqui apresento falas que mostram como estes participantes atuam e operam suas vidas em relação à dimensão geográfica. Como se posicionam 'as margens' do que se chama sociedade. Quais relações estabelecem entre centro e periferia.

O B.boy Vovô relata o seu início no break, imitando a chegada deste movimento no Brasil, começam dançando nas ruas do centro da cidade.

... A gente dançava ali no centro ali, a gente dançava na 7 ali, ta no calçadão ali da 7... Não... o pessoal parava e ficava olhando... nunca teve nada ... Gostavam, o pessoal ficava ali, as vezes ficavam olhando a gente treinar, ali...a gente dançava ali... a gente pediu uma... um bico de luz pro cara do fliperama ali... eles deram na boa, a gente ia ali ligava um rádio, ficava ali curtindo um som e ficava dançando, as vezes a gente ficava só trocando idéia do que a gente ia fazer e... né, então quer dizer que foi tudo bem aceito... (VOVÔ - 2º Programa: 15/07/06)

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

A demarcação territorial aparece, tanto nos seus nomes, nos nomes dos grupos, como nas saudações, sempre há o registro dos locais de origem. Estes locais de origem não são o 'centro é sempre a periferia', ou periferias. E há um orgulho disso.

Anjo DB, Maïsson DB... Tudo DB hoje aqui, tudo da baixada de onde vier... (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

Pá! Vô fazê uma parada também, aí a gente montou o “MZN” que era o “Movimento Zona Norte” era eu, o Francis, o Índio e o Chinês... muito grupo surgiu na festas que a gente fez lá na zona, lá meu, ...tinha qual era aquele grupo ali dos... trilho meu SNS? (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

...Cara, eu conheci... a primeira música de rap que eu escutei foi no Pestano ... lá numa igreja que tem lá do Pestano agora, ...e o Biola ensinava nós a dançar lá na cancha, brother, na cancha dos azul (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

Era da Xavier Ferreira, era da Várzea, chamada várzea porque Navegantes, Balça, Ambrósio Perret, tudo, tudo é várzea, né? E era ali na Xavier Ferreira entre Tiradentes, entre Tiradentes e Teles, então... quer dizer eu estudava no Porto, No Laquentinie, então eu passava por ali,... bem na época do break mesmo, né? Passava do colégio prá lá e prá cá... (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

... ô cara canta rap, o cara é daqui da cidade, o cara mora no Navegantes... eu não conhecia Navegantes, pá nunca tinha ido no Navegantes, (GAGUI - 1º Programa: 08/07/06)

Um abração aí a todo mundo que ficou ligado e a galera toda da periferia, de todas as periferias de Pelotas, e do Brasil aí, até. (BEETHOVEN - 3º Programa: 22/07/06)

Não, sempre se engoliu enlatado (risos), como se fala... os americanos enlatavam e mandavam pra gente engolir. Essa que é a grande verdade né. (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

Em Pelotas as periferias são muitas. O Dunas, a Terezinha, o Navega, a Guabiroba, O Getúlio são algumas das periferias da cidade e estão lotadas de rappers. b.boys, grafiteiros. Embora o Movimento Hip Hop tenha penetrado outros espaços, a periferia continua sendo o seu território cultural.

...Periferia, a gente já é envolvida com música. (Beethoven - 3º Programa: 22/07/06)

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Na fala do grafiteiro Beethoven, ele sintetiza o seu entendimento quanto ao envolvimento cultural da periferia. Ele demarca que além do Hip Hop, a música, seja ela o samba, o pagode são estilos vivos dentro da periferia. Mesmo havendo um estigma territorial - como morar no Dunas ou morar na periferia - há também um sentimento de pertencimento, um orgulho do que 'é daqui'.

Eu acho assim ó... sem querer, na verdade, vir com discurso fechado - O Hip Hop ele sempre vai ser da periferia, a grande verdade é essa, o Hip Hop ele, sempre vai ser da periferia, embora, na verdade, ele tenha conseguido issar outros vãos, e como a gente falado nos programas que ele já tomou conta da classe média, da classe alta, né, tá tomando conta... é realmente é ...isto eu escrevi uma vez num zine, a bem uns 5, 6 anos atrás, escrevi uma matéria num zine que falava sobre isso..., do movimento Hip Hop tomando conta, porque pra mim é a música do futuro, pra mim é a música do futuro, então quer dizer... é inevitável, é inevitável, na verdade ...a mídia não se apropria, de repente como o pessoal falou aqui, de repente eu o Ligado nós não vamos, mas eles fabricam um que vá, tá entendendo... (ANJO - 4º Programa: 28/07/06)

As referências culturais deste território também são demarcadas.

... o Davi o Gabriel são formadores de opinião, são formadores de opinião, eles tem um respeito em qualquer área que eles vão, eles tem um respeito, eles são conhecidos, a gurizada sabe que eles cantam rap, que eles levam uma palavra, ... o lado que a gente tenta busca, vamos pega e vamos caminha pelo certo, porque o lado do rap é este, é caminhar pelo certo é levar o pessoal pro lado certo... (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

O rapper Gagui explicita a sua aproximação deste território cultural. Aqui ele ressalta que mesmo não nascendo na periferia - como relatou na sua aproximação com o Movimento Hip Hop - ele foi apropriado e apropriou-se deste território cultural.

... o negócio que eu sempre digo: _ eu não achei o Hip Hop, o Hip Hop me achou, do nada, um vizinho ouvindo e eu comecei a ouvir através do muro da minha casa e aquela coisa tipo começo, sabe? (GAGUI - 1º Programa: 08/07/06)

O rapper Anjo aprofunda dizendo que o território cultural Hip Hop é ainda mais 'conscientizador, transformador' do que a própria escola.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Aqueles que conseguem ir pra escola, nem a escola é um... movimento de cultura... nem a escola, na verdade consegue desperta aquilo que a cultura Hip Hop consegue desperta. 3º Programa: (ANJO - 3º Programa: 22/07/06)

... e é por isso que o Hip Hop, ele é visto por maus olhos, porque? Porque a gente ta despertando uma consciência num cara que era pra ta lá entregue, entregue no que o sistema joga pra dentro da periferia: na droga, na arma, no álcool, entendeu? E a gente ta despertando esses caras fazendo com que eles sejam mais um num processo de construção duma nova idéia... de uma nova ordem. (GAGUI - 3º Programa: 22/07/06)

Afirmando sua 'origem' cultural que é a periferia - local de concentração da etnia negra - o movimento Hip Hop também se constitui como um território racial. A grande maioria de seus participantes é da etnia negra. Em nossa cidade, que teve na sua constituição populacional uma grande maioria negra, existiram muitos clubes destinados a essa etnia. O rapper Anjo relata

... É, na verdade se a gente vai parar prá analisar mesmo, se tivesse 5 ou 10% de pessoas brancas era muito, né? Na verdade era festa black mesmo, porque a cidade de Pelotas também, ela teve essa marca ainda do... do separatismo, né? Onde tinha na verdade, Fica Ahí, Chove não Molha que eram clubes negros e outros clubes, na verdade, só entrava branco, então quer dizer, eu acho que na década de 80 isso aí, isso ainda perdurava, entendeu? Quer dizer perdurava essa questão ainda, entendeu? Tinha brancos que iam entendeu? Só que eram, eram a sua minoria, com certeza era a sua minoria.

... Geralmente era em ginásio, no Ginásio da Agremiação, ou Ginásio do Paulista ou até no próprio Fica Ahí, sabe? Uma vez por mês, quando muito duas. Tinha muita produção de festa mesmo, muita coisa trazida de fora é... o próprio cover... daquele..... do Michael Jackson é... concurso do James Brown, entendesse? (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

Reafirmando a história do Movimento Hip Hop na cidade de Pelotas, que chega primeiramente nas periferias e vem através dos bailes 'blacks' a reboque da música Funk dos anos 70 e dos concursos de dança.

... a música negra, era funk, era funk, rithm and blues. ...Black Pels, na verdade era a festa organizada onde tinha concurso de dança, praticamente cada área, praticamente cada bairro da cidade tinha um grupo de dança. Praticamente cada área da cidade tinha um... um comandante de som, tinha uma equipe de som, então na verdade...criava aquele clima de... não de guerra, mas de disputa prá ver quem é que ia ficar com o troféu, ou melhor grupo de dança, melhor equipe de som, né? Me lembro... na verdade uma

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

vez eu ví, eu presenciei, né? “DJA⁴²”, DJA disbancá a TRANSANEGRA⁴³, disbanca a Transanegra, porque a Transanegra era a melhor equipe de som da cidade, mas DJA começou a surgir no mercado e disbancou, tudo que a Transanegra rodava, ele rodava mixado (rindo), sabe? Eu ví no Ginásio da Agremiação isso acontecer, cara. A Transanegra rodava um som, ele rodava o mesmo som mixado. A Transanegra rodava outro som, ele rodava o mesmo som mixado, eu digo: Pô! Acabou com a Transanegra, sabe, (rindo) mas era, era super legal, assim porque não tinha aquela coisa de briga, de tiro, de treta (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

Performatividade Étnica -

“Explorados pelo dinheiro, Manipulados, 500 anos e ainda somos escravos, Minorias que dominam, habitam a burguesia, Maioria sofrida atirada na periferia”

Há um discurso acirrado em torno da temática étnica, não só pela afirmação do território geográfico - a periferia - quanto do território cultural - movimento negro - como também pela compreensão da continuidade do racismo velado. A discriminação racial foi e ainda é uma opção política nas letras de músicas

... essa questão política, essa questão racial, sempre teve né, e eu sempre escrevi dessa forma, né, sempre escrevi dessa forma, nunca fui rap festinha, aquela coisa toda. . (ANJO DB - 1º Programa: 08/07/06)

No movimento Hip Hop nacional existiram grandes discussões a cerca da temática étnica porque um dos primeiros rappers a aparecer na mídia televisiva foi 'Gabriel o Pensador' - rapper branco e da classe média carioca - Num determinado momento houve muitos atritos entre ele e os rappers negros e de periferias que inclusive o acusavam de não conhecer o Movimento Hip Hop e se quer escrever rap's. O rapper Gagui - também branco - comenta este momento

...E daí chega um cara branco e começa a dizer que o hip hop não é organizado. ... Na verdade ele ia na televisão e dizia que o movimento Hip Hop não era organizado. ...os caras batalhavam desde 84. (GAGUI - 1º Programa: 08/07/06)

Em Pelotas, os participantes do Movimento Hip Hop são em sua maioria negros, existem alguns rapper's brancos bem atuantes e reconhecidos pelos seus pares. Mesmo em Pelotas não sendo esta aproximação conflituosa, houve por parte de alguns participantes certa desconfiança. O rapper Gagui relata

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

...A gente não se conhecia ai... tipo a gente chegou ali e ai ele pó... esses 2 branquinhos querendo saber, coisa de rap, pá... e eu era cabeludo naquela época também né... pô meu (GAGUI - 1º Programa: 08/07/06)

O próprio rapper Gagui sentiu que houve certa comparação dele com o rapper Eminem⁸², mas atribui que a sua convivência fez as poucas pessoas que o comparavam a mudarem de idéia.

... Independente da onde tu venha da cor ou não... Os caras vão te respeita...Acho que muda um pouco ...Abre portas pro teu talento... Hoje já não tenho esse problema... Poh! o Eminemde Pelotas. ...Independente da forma que tu sejas. Eu não gosto cara... Uma comparação. ... Eu não senti (preconceito) por parte dos caras do Hip Hop de repente no início, quando a gente tava se apresentando pelas primeiras vezes. Tu vê que os caras te respeitam pelo que tu faz. ... Aqui no Rio grande do Sul os caras que mais se destacaram foram os caras do da Guedes. É o cara que veio de uma classe legal. A nível nacional tem muita coisa da mídia, de gravadoras querer construir um Eminem no Brasil, o CABAL, os caras começam a criar figuras. Que muda. É que é complicado. Porque a maioria do pessoal que faz rap é negro... branco vamos deixar os caras se criar primeiro... Depois pra representar dá espaço... Vamos esperar pra julgar, não vamos julgar o cara... (GAGUI - 1º Programa: 08/07/06)

A temática étnica é muito mencionada nos nomes dos grupos. Muitos trazem como referência a cor, a etnia para apresentar seus grupos.

... O grupo do RADOX, na verdade era HNN - Herdeiros de um Navio Negreiro, o grupo do RADOX. (GAGUI - 1º Programa: 08/07/06)

... Irmãos de Cor, Consciência Negra... Consciência Negra ensaiava com nós na báiá do Francis, era só o Davi e o Fagundes, o começo deles, o começo foi com nos lá na zona, o Consciência Negra... (MAKABRA - 1º Programa: 08/07/06)

Nas falas, as expressões como 'negão, neguinho, preto, são de uso corrente. Expressam ícones que fazem parte da cultura negra e que foram de certa forma democratizada ou apropriada por outras culturas. Os participantes do Movimento Hip Hop entendem que o preconceito racial existe e que além da cor, o território de origem, a classe social são aspectos oriundos de discriminação. O rapper Ligado - branco relata

⁸² Rapper branco e norte americano.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

É todo mundo sabe, é ou não é verdade? Um ídolo tem que ser bonito, olho azul, pele clara é isso aí... Branco pobre já não tem vez, eu sou branco pobre tô ralado (risos) (LIGADO - 4º Programa: 28/07/06)

Também o rapper Anjo afirma

... Eu vejo a cultura hip hop como um movimento de esquerda, como eu falei aquele dia, mais de esquerda mais de esquerda do que os partidos de esquerda,... é um movimento é uma cultura revolucionária é... é um movimento... é um movimento político, a cultura hip hop ele é um movimento político, ele é uma vertente, ele é um braço do movimento negro tá, só que ainda não se deu conta disso, em alguns aspectos, em alguns momentos... aqui na cidade de Pelotas mesmo... eu não consegui... acho que os rappers não conseguiram se vê, se enxergar enquanto vertente ou braço do movimento negro, ou como vertente ou braço político do movimento negro, agentes políticos de transformação, eu vejo assim e é complicado essa questão porque... porque desde o momento que o rapper não sendo da periferia...

No processo de diferenciação, no qual estão inclusas as classificações e relações de poder, há um desejo de fixação da identidade, como processo ativo de formação da diferença. O que digo é que para ser diferente preciso fixar a identidade e a identidade do 'outro' - Ao me identificar, ao dizer esta é minha identidade, estou-me identificando, ou fixando minha identidade. A fixação da identidade deve ser entendida como posição de sujeito, que dura no tempo (e no espaço) necessário e/ou exigido pelas relações de poder atuais - aquelas que o indivíduo experimenta e experiencia em determinados momentos, situações e lugares. Performatividade. Movimento. Transformação. E isso implica tanto o movimento de fixação quanto movimento de subversão da identidade, através de processos de hibridismo, de diáspora, de borramento de fronteiras, de miscigenação. Movimentos que tornam a fixação da identidade uma impossibilidade.

Fui finalmente pintar o que me propunha. Já tinha o muro, o esboço, as tintas e os pincéis.

Graffitei!

Graffitei alguns modos de como os entrevistados operam suas vidas e, portanto, fabricam suas identidades. Pinte e chamei esta performatividade de atos messiânicos, políticos, estéticos, lingüísticos, territoriais e étnicos, atravessados pelo mercado, mídia, família, cultura, gênero. Atos performativos, que mostram o deslizamento (e as tentativas de fixação) das identidades dos participantes do Movimento. Identificação. Talvez por suas condições

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

de vida, por seus territórios geográficos e culturais. Talvez por suas condições étnicas. Ou tudo isso junto. Mistura entre classe, raça, etnia, religiosidade, territórios, num movimento cultural atravessado por religião, política, ração, etnia... Formas próprias de ler e atuar no mundo. Periferia.

Assim tentei mostrar as identidades dos participantes do Movimento deslizando ao sabor dos discursos que operam suas vidas. Mostrando que o Movimento Hip Hop é também um movimento político, messiânico, estético, lingüístico, étnico perpassando suas performances, criando assim suas diferenças culturais, estéticas e éticas.

Certamente | Movimento Hip Hop veio para ficar, revelando a construção de uma estética própria, que reafirma uma cultura que nasce à margem dos grandes meios de comunicação, mas que tem seus vínculos, saberes e atitudes assentadas à história da vida nas periferias urbanas. É de certa forma, uma exigência de atitude. Uma atitude que deve ser política, mas também e ao mesmo tempo estética e ética, como já disse.

É nesta tensão, no retoque dos contornos da pintura, que as identidades dos participantes do Movimento Hip Hop da cidade de Pelotas vão experimentando seus processos de identificação.

*Então Consciência Negra,
quando eu descobri que era um nome simbólico de Zumbi dos Palmares
eu me senti orgulhoso
porque a gente tá simbolizando um negro da nossa cultura que lutou.
Então isso aí simplifica o que é ser consciência negra (...).
Mano Davi - Banca CNR*

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



“E a vitória justa, foi à consequência,
pra quem achou a luz na rima
e não na violência,
E a paciência,
foi à chave pra desenvolver,
Trazer os irmãos pro lado certo,
pra fazer o gueto se fortalecer,
No microfone quem vos fala aqui
Gagui idv.
Se quer saber, quer saber,
guerreiro de verdade aqui Gagui idv,
ressuscitado pela rima,
recuperado pelo R.a.p.
R.a.p. que mata, maltrata, destrói,
os pensamentos de desprezo,
da elite, os boy,
Que esbraveja
e se revolta com o que pensa a favela,
o estopim aqui responde em forma de
guerra”.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

7. Para recolher as tintas, limpar os pincéis... - O Graffiti

Ao terminar esta dissertação chegou a hora de recolher as tintas, limpar os pincéis e mostrar o que ficou. Tinha como intenção unir a obra artística e a intelectual para compor um *graffiti* que mais adiante poderia se tornar este trabalho. Neste momento acredito que posso ser melhor pintora já que como intelectual nem sempre soube usar os pincéis adequados.

Pintei com algumas dificuldades a obra que gostaria que se tornasse um graffiti.

Comecei pintando a minha aproximação com esta temática e principalmente com o Movimento Hip Hop através do Projeto Amizade - projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas -, momento em que conheci meninos e meninas que se encontravam em situação de abandono, viviam nas ruas, cometiam pequenos delitos e haviam se afastado de seus familiares na sua grande maioria. Neste projeto, conheci também alguns bairros das periferias da cidade. Vi estes meninos e meninas brincarem, participarem de oficinas, brigarem muito. E eles e elas tinham um jeito 'diferente' de se vestir, de falar - muitas palavras e expressões eu nem entendia - as relações iam da extrema amizade até atos de profunda violência. Esta cultura eu desconhecia. Para mim, estudante universitária, aquelas danças, aquelas músicas, aquelas palavras e inclusive aqueles rostos e suas cores eram muito diferentes. Mas para eles e elas era a sua cultura, a sua música, a sua dança, as suas gírias. Inclusive já percebia o medo, por parte destes meninos e meninas, da apropriação e da fixação dessa cultura por parte de nós, os outros - universitários, mais velhos, brancos e todo o manancial de diferenças que tínhamos e temos. Também não sei se foi a minha identificação e/ou a minha diferenciação de 'outra' que me levaram a querer conhecer e pesquisar este movimento cultural.

Continuei pintando e fui ver de onde vinha tudo isso. Não fui buscar origens, mas sim caminhos. Fui olhar os percursos que este movimento cultural fez pra chegar até ali ao Projeto Amizade e especificamente até mim. Descobri que este movimento cultural se constituiu na periferia de Nova York - cidade norte-americana - através da ocupação de espaços viáveis e da resistência para a possibilidade da expressão cultural. Os Estados Unidos da

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

América, na década de 60 passa por grandes transformações e o que compete à criação do Movimento Hip Hop é a construção de grandes estradas que cortavam de fora a fora a cidade de Nova York como forma de garantir o indiscutível progresso. Para este progresso não importava a vida de imigrantes negros e caribenhos. As famílias que foram deslocadas de suas casas, de seus espaços culturais, religiosos, econômicos ao serem novamente territorializadas têm suas referências desencontradas. Nos canteiros de obras, nas esquinas, nos muros essas pessoas encontraram outros jeitos de viver. Os jovens foram pintar os muros, fazer música, buscar novos sons e inventar passos de danças. Pintaram, cantaram, dançaram o que viram o que pensaram o que entenderam. Surgiu então o Movimento Hip Hop.

No meio da pintura, tinha mais o que pintar. Precisava saber a continuidade deste percurso, como especificamente esta música e esta dança saíram da periferia norte-americana e foram pisar as avenidas de São Paulo, os morros de Porto Alegre, o bairro do Dunas, da Getúlio, aqui em Pelotas. Fui pintando então do distante pro mais perto. Descobri que no Brasil não foi diferente. No meio de muitos contrabandos da América do norte para o Brasil vieram discos e revistas de rap. Também as rádios importaram as músicas americanas que foram bem recebidas principalmente nas periferias de São Paulo que já conheciam a cultura funk. A dança - o break - que foi divulgada através de filmes foi disseminada por muitos jovens que se reuniam em rodas e realizavam concursos de quem dançava melhor. Aos poucos a mídia televisiva percebe e se utiliza desta cultura para abertura de uma novela de horário nobre. Foi o que bastou para que aquela cultura das ruas, das periferias invadisse 'cada lar, cada barraco' de norte a sul do Brasil.

Na busca deste percurso acompanhei a chegada deste movimento aqui em Pelotas. Aqui também chega às periferias. Periferias onde a música e a dança já são pertencentes à cultura negra, como o samba, o funk. Cultura que é disseminada por ídolos como James Brown e Michael Jackson. Chega à cidade além da dança, também as músicas, o estilo de se vestirem, as gírias.

Então conheci todo este percurso. Reconheci o 'neguinho' do Bronx ali na quadra do Projeto Amizade. Busquei então entender porque deste reconhecimento. Já conhecendo o Movimento Hip Hop, seu percurso, fui saber como se dava a fabricação dessas identidades. Fui pintar as operações performativas de fabricação de identidade dos participantes do Movimento Hip Hop da cidade de Pelotas.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Qual a pintura e o muro a ser pintado. Metodologicamente esbocei um desenho. Fui acompanhar em um programa - Hip Hop Comunidade - em uma rádio comunitária a Rádio Comunidade para primeiramente esboçar os traços que compõe a fabricação das identidades. Queria olhar e ouvir qual o significado do Movimento Hip Hop, como opera em suas vidas, que representação, que importância tem nas suas construções individuais; conheci através dos participantes a história do Movimento Hip Hop em Pelotas, bem como as histórias de suas vidas neste movimento; visualizei as construções estéticas de cada participante e do Movimento, suas vestimentas, vocabulário e expressões, aspectos que contribuíram para identificar estas fabricações.

Após o esboço, escolhi as tintas e os pincéis. Fui então pintar os processos de fabricação de identidade dos participantes do Movimento Hip Hop usando o conceito de performatividade. Pintei entendendo que a fabricação da identidade, por conseguinte da diferença, que fabrica a identidade, é movimento. Ao construir a diferença, a identidade está marcada. Ou marcando-se porque como é movimento, a identidade e também a diferença são ativamente produzidas, são construções culturais. Como construções sociais e culturais, reafirmam sua condição de processos de movimento e transformação e, por isso também construtoras de relações de poder. A identidade e a diferença não são fabricadas num movimento simétrico e fixo, elas são relações de poder. São relações de poder porque, por vezes, são definidas e, por vezes, não o são, já que borradas, já que constituem espaços de disputas.

No processo de diferenciação, no qual estão inclusas as classificações e relações de poder, há um desejo de fixação da identidade, como processo ativo de formação da diferença. O que digo é que para ser diferente preciso fixar a identidade e a identidade do 'outro' - Ao me identificar, ao dizer esta é minha identidade, estou-me identificando, ou fixando minha identidade. A fixação da identidade deve ser entendida como posição de sujeito, que dura no tempo (e no espaço) necessário e/ou exigido pelas relações de poder atuais - aquelas que o indivíduo experimenta e experiencia em determinados momentos, situações e lugares. Performatividade. Movimento. Transformação. E isso implica tanto o movimento de fixação quanto movimento de subversão da identidade, através de processos de hibridismo, de diáspora, de borramento de fronteiras, de miscigenação. Movimentos que tornam a fixação da identidade uma impossibilidade.

Fui finalmente pintar o que me propunha. Já tinha o muro, o esboço, as tintas e os pincéis.
Graffitei!

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

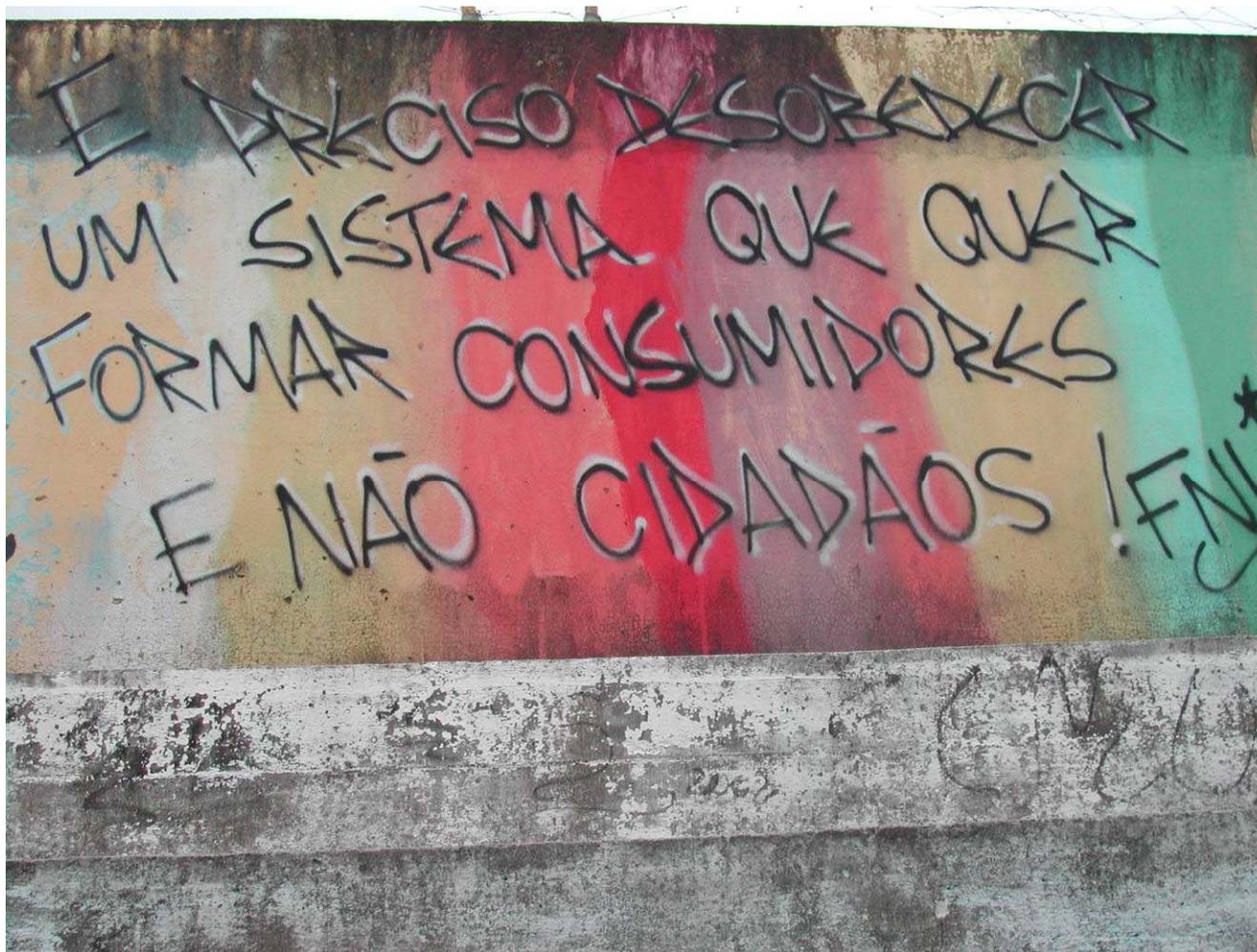
Graffitei alguns modos de como os entrevistados operam suas vidas e, portanto, fabricam suas identidades. Pinte e chamei esta performatividade de atos messiânicos, políticos, estéticos, lingüísticos, territoriais e étnicos, atravessados pelo mercado, mídia, família, cultura, gênero. Atos performativos, que mostram o deslizamento (e as tentativas de fixação) das identidades dos participantes do Movimento. Identificação. Talvez por suas condições de vida, por seus territórios geográficos e culturais. Talvez por suas condições étnicas. Ou tudo isso junto. Mistura entre classe, raça, etnia, religiosidade, territórios, num movimento cultural atravessado por religião, política, ração, etnia... Formas próprias de ler e atuar no mundo. Periferia.

Assim tentei mostrar as identidades dos participantes do Movimento deslizando ao sabor dos discursos que operam suas vidas. Mostrando que o Movimento Hip Hop é também um movimento político, messiânico, estético, lingüístico, étnico perpassando suas performances, criando assim suas diferenças culturais, estéticas e éticas.

Certamente o Movimento Hip Hop veio para ficar, revelando a construção de uma estética própria, que reafirma uma cultura que nasce à margem dos grandes meios de comunicação, mas que tem seus vínculos, saberes e atitudes assentadas à história da vida nas periferias urbanas. É de certa forma, uma exigência de atitude. Uma atitude que deve ser política, mas também e ao mesmo tempo estética e ética, como já disse.

É nesta tensão, no retoque dos contornos da pintura, que as identidades dos participantes do Movimento Hip Hop da cidade de Pelotas vão experimentando seus processos de identificação. Processo tenso entre a tentativa de fixação e o incessante processo de subversão das identidades - das deles e, talvez das nossas. Será que podemos ver aqui outras dimensões educativas?

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.



**“Uma cultura menos
música
e mais literatura.
É mais fácil
escrever um rap
num livro
do que numa
partitura”.**

Gabriel 'O Pensador'

Graffiti do Comitê de Desenvolvimento Dunas - Loteamento Dunas/Pelotas - RS. 2005
Grafitreiro: Beethoven

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Grafitadores e grafitadoras - REFERÊNCIAS

No muro grafitado, não pinte e nem assine sozinho, são múltiplas as vozes que me constituíram e que assinaram comigo. Eis os grafitadores e grafitadoras

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis - punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994. 172 p.

A BANCA CNR. Pelotas: selo independente, 2004. 1CD. 72 min.

ALFORRIA. Pelotas: selo independente, 2005. 1CD. 63 min.

ALVES, César. **Pergunte a quem conhece: Thaíde**. São Paulo: Labortexto, 2004. 124p.

ANDRADE, Elaine Nunes de. A mobilização juvenil hip hop desenvolvendo um recurso alternativo de educação. In: II Simpósio de Pesquisa da FEUSP, 2, 1995, São Paulo. **Anais II Simpósio de Pesquisa da FEUSP**, São Paulo: 1995. p. 225 - 239.

ARTE D'AQUI. Vol II. Pelotas: selo independente, 2004. 1CD. 59 min.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 229 p.

BATIDA DE RUA. **Hip Hop Zine**. n. 04, Pelotas, jul. 1999. Fanzine

_____. **Hip Hop Zine**. n.06, Pelotas, jun. 2000. Fanzine

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

BERARDI, Ben. Relatório de Observação Participante sobre Microculturas. In REPERTÓRIO DE ELEMENTOS URBANOS NA ÁREA CENTRAL. Porto Alegre, 1995. (Pesquisa elaborada pela unidade de Estudos Ambientais - Urbanismo e Ambiente para a Prefeitura Municipal de Porto Alegre no Âmbito do Inventário dos Bens Culturais da Área Central)

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria I. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 362 p.

BOGDAN, Robert C. BIKLEN Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Ed., 1994. 337 p.

BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes; **Movimentos culturais de juventude.** São Paulo: Moderna, 1990. 120 p.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. 227 p.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução: Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1998. 385 p.

CANEVACCI, Máximo. **A Antropologia da Comunicação Visual.** São Paulo - SP: Brasiliense, 1990. 211 p.

_____. **A Cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.** Tradução: Cecília Prada. São Paulo: Stúdio Nobel, 1993. 240 p.

_____. **Uma exploração das hibridações culturais.** São Paulo: Stúdio Nobel, 1996. 102 p.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

CAROS AMIGOS - Edição Especial. n.3. Casa Amarela, São Paulo - SP. set. 1998.

_____. Edição Especial. n.24. Casa Amarela, São Paulo - SP. jun./2005.

COGOY, Carlos. Hip Hop. O rap que transforma pobreza em poesia. **Diário da Manhã**, Pelotas (RS), 21 mai. 2000. Segundo Caderno, p.9.

_____. Hip Hop: rapper xis apresenta show com o grupo estado crítico. **Diário da Manhã**, Pelotas (RS), 9 jul. 2000. Segundo Caderno, p. 8.

_____. Hip Hop. cd 'sabedoria de rua' do grupo consciência negra. **Diário da Manhã**, Pelotas (RS), 06 ago. 2000. Cultura, p. 15.

_____. Rap de grupos locais no música urbana. **Diário da Manhã**, Pelotas (RS), 19 nov. 2000. Cultura, p. 10.

_____. Política Cultural: oficinas de hip hop na rede municipal. **Diário da Manhã**, Pelotas (RS), 11 fev. 2001. Cultura, p. 13.

_____. Hip Hop: compromisso aos candidatos. **Diário da Manhã**, Pelotas (RS), 24 ago. 2004. Cultura, p. 12.

_____. Pioneiro do rap pelotense no palco do teatro sete de abril. **Diário da Manhã**, Pelotas (RS), 25 ago. 2004. Cultura, p. 10.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1991. 164 p.

CLAVELIN, Isabel. Hip Hop estimula cidadania e auto estima. **Conexão Negra. Política, Economia E Cultura.**

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Porto Alegre, ano 1, n.1, edição especial, p.11, dez. 2002.

COHEN, Jeffrey Jerome. A Cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 24-59.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**: introdução às teorias do contemporâneo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993. 229 p.

CORDEIRO, Julio. Gaúchos na fila do sucesso nacional. **Zero Hora**, Porto Alegre, 5 jun. 1999. Segundo Caderno, p.6-7.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares. In: _____. Estudos Culturais em Educação. Porto Alegre: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1999. p.13-36.

CRUZ NETO, Otávio. MOREIRA, Marcelo Rasga. SUCENA, Luís Fernando Mazzei. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 1999. Ouro Preto, MG.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo., v.28, n.1, p.117-136, jan./jul. 2002.

DIAS, Cláudia Augusto. Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação e Sociedade: Estudos** - v.10, n. 2 - 2000.

DIÒGENES, Glória. Rebeldia urbana: tramas da exclusão e da violência juvenil. In HERSCHMANN, Micael. (org.) **Abalando os Anos 90**: Funk e Hip Hop, Globalização, Violência e Estilo Cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

p. 113-133.

_____, Glória. Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998. 246 p.

DJ TR. Acorda hip hop. **Grupo Cultural Afro Reggae**. Rio de Janeiro, ano VII - n.38, p. 4-5, mar. 2000.

FÁVERO, Lavínia. Os manos estão na fita. **Folha de São Paulo**, SP. 10 jul. 1999. Folhinha, p.1,4-6.

FERLA, Marcelo. A voz da favela. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 ago. 1998. Revista ZH, p.1,6-9.

_____. Celebração do rap. **Zero Hora**, Porto Alegre, 25 jun. 1999. Segundo Caderno, p. 7.

_____. Piá quer hip hop sem estereótipos. **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 jun. 2000. Música., p. 6.

FERRAZ, Kátia. Grafite é Arte, Sim Senhor. **Cultural**, São Paulo, Ano 1, n.12, p. 10,11, abr. 2000.

FORACCHI, Marialice Mencarini. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1972. 172 p.

_____. Marialice M. A . Juventude: ascensão social e rebelião. In _____. **A Participação Social dos Excluídos**. São Paulo: Hucitec, 1982. p.24-38.

FOUCAULT. Michel. Microfísica do poder. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 295 p.

FRADIQUE, Teresa. Nas margens...do rio: retóricas e performances do rap em Portugal. In VELHO, Gilberto (org.). **antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p.121-140.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

FRENETTE, Marcos. Sobre os Racionais MCs". **Caros Amigos**, São Paulo. ano 1, n.12, p. 12 -14, mar./ 1998.

GABRIEL O PENSADOR. São Paulo: Gravadora Chaos/Sony, 1994. 1Cd. 052 min.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 324 p.

GIROUX, Henry A. O filme kids e a política de demonização da juventude. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.21, n.1, p.123-135, jan./jun. 1996.

GIUSTI, Carmen Lúcia Lobo (coord.) et al. Normalização de teses, dissertações e trabalhos acadêmicos da universidade federal de Pelotas: manual de orientação. Pelotas, 2005.

GOMES, Renato Bittencourt. A cidade desde a margem. **Veredas (Centro Cultural Banco do Brasil)** Rio de Janeiro, ano 3, n. 34, p. 16 - 18, out./1998.

GONDIM, Sônia M. G. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com a formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 229 -309, 2002

GOTTLIEB, David e REEVES, J. A Questão das Subculturas Juvenis. In: BRITO, S. (org.). **Sociologia da Juventude II: para uma sociologia diferencial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v,2. p. 53-72.

GOTTSCHALK, Simon. Postmoderns Sensibilities and Ethnographic Possibilities. Tradução Ricardo Uebel. In: BANKS, Anna; BANKS, Stephen P. (eds.) **Fiction and Social Research: by ice or fire**. London; Altamira Press, 1998.

GROSSBERG, Lawrence; THEICHLER, Paula; NELSON, Cary. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis:

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Vozes, 1995. p.7-38.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; et al. OLIVEIRA, Fernanda Pacheco de; GIANNECHINI, Letícia Goldenberg; COMUNELLO, Luciele Nardi; NARDINI, Milena; PACHECO, Milena Leal; As relações raciais na construção das identidades. **Estudos de Psicologia**. V.7, n.2, p.55-64, jul./dez. 2002.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; et al. OLIVEIRA, Fernanda Pacheco de; GIANNECHINI, Letícia Goldenberg; COMUNELLO, Luciele Nardi; NARDINI, Milena; PACHECO, Milena Leal; Pobreza, violência e trabalho: a produção de sentidos de meninos e meninas de uma favela. **Estudos de Psicologia**. V.8, n.1, p.45-53, 2003.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: Notas Sobre as Revoluções Culturais do Nosso Tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.2, p. 15-45, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu Da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 102 p.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do Ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 144p.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Império**. Tradução Berilo Vargas. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 502 p.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 7. ed. São Paulo: Loyola. 1998. 340 p.

HERSCHMANN, Micael. (org.) **Abalando os Anos 90 - Funk e Hip Hop, Globalização, Violência e Estilo Cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 220 p.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

HIP HOP EM MOVIMENTO. São Paulo, ano 1, n. 1. Editora Escala. 1999.

HOGGART, Richard. **As Utilizações da Cultura**. Lisboa: Presença, 1973. v.2. 420p.

HOLOCAUSTO URBANO. São Paulo: Zimbabwe, 1990. vinil. 60 min.

IDEOLOGIA DE VIDA RAPPERS. **Hip Hop Passado a Limpo**. Pelotas, out. 1999. Fanzine

KALILI, Sérgio. Mano Brown é um fenômeno. **Caros Amigos**, São Paulo. ano 1, n.10, p. 30-34, jan./1998.

LUDKE, Menga. ANDRÈ, Marli E. D. **A Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo : EPU, 1986. 99 p.

LUTazine. Que País è Este?. **Grupo União Graffiti**. Ano 1, n.3, Butantã, nov. 1999. Fanzine

MACEDO, Luciana. Jovens aprendem hip hop de graça no abc. **Folha de São Paulo**, SP. 27 mar. 2000. Folhateen, Cultura de Rua, p.7.

_____, DJs mulheres juntam as pick ups. **Folha de São Paulo**, SP. 9 mar. 2000. Folhateen, p.6.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p.288-300, jan./jun. 2004.

MC CIDINHO E MC DOCA. São Paulo: selo independente. 1993. vinil. 58 min.

MOREIRA, Eliezer. Cidade de Deus templo do hip hop. **Veredas (Centro Cultural Banco do Brasil)** Rio de Janeiro,

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

ano 4, n. 47, p. 6-10, nov./2000.

_____. Música: sons da Amazônia. **Veredas (Centro Cultural Banco do Brasil)** Rio de Janeiro, ano 5, n. 49, p. 16-19, jan./2000.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX**. o espírito do tempo - II: Neurose. 2, ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986. v. 2. 206 p.

MOVA-SE STREET DANCE. Cambuci - SP. ano 1. n.1. Editora D+T. 2000.

O ZINE. MULHERADA NA ÁREA - Ed. n.1, Porto Alegre, dez. 1999.

PAIVA, Marcelo Rubens. Capão Redondo enquadrado. **Folha de São Paulo**, SP. 9 mar. 2000. Folha Ilustrada, 5º Caderno, p.1,5.

PIMENTEL, Spensy. A força do movimento. **Show Bizz**, São Paulo, ano 15, n. 10, p. 26-33, out. 1999.

PLANETA HIP HOP. São Paulo, Escala, ano 1, n.1, 1999.

PONZIO, Ana Francisca. Break dance busca profissionalização. **Folha de São Paulo**, SP. 02 fev. 2000. p.5.

RAIO X BRASIL. São Paulo - SP: selo independente. 1993. 1CD. 68 min.

RAP BRASIL - CULTURA DE RUA. São Paulo, Escala, ano 1, n.1, 1999.

_____. São Paulo, Escala, ano 1, n.2. 1999.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

_____. São Paulo, Escala, ano 1, n.3. 1999.

RAP RIMA. São Paulo, ano 1, n.1., edição especial da Revista Rap Brasil. 1999.

RIBEIRO, Roberto. Hip Hop è a linguagem da periferia. **Diário Popular**, Pelotas, 28 mai. 2000. Cultura, p.16.

_____. Xis, O preto bomba na antiga lang. **Diário Popular**, Pelotas, 16 jul. 2000. Cultura, p.15.

_____. Teatro, capoeira e hip hop na colônia z-3. **Diário Popular**, Pelotas, 06 ago. 2000. Cultura, p.16.

RODRIGUES, Leandro. O Brasil tá uma merda. **Nação Jovem**, Canoas, ano 1. n.3, p.3, jun./jul. 1999.

ROSE, Trícia. "Um Estilo que Ninguém Segura: Política, Estilo e a Cidade Pós-Industrial no Hip Hop". Tradução de Valéria Lamego. In; HERSCHMANN, Micael. (org.) **Abalando os Anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 192 a 212.

RYZEWSKI, Antônio; RODRIGUES, Rosi. XAVIER, Carla. **Atitude Hip Hop no Sul.** Porto Alegre: Lar Publicações, 1999. 48 p.

SABEDORIA DE RUA. Pelotas: selo independente, 1998. 1CD. 58 mi

SALOMONE, Roberta. O rap do Speech. **Grupo Cultural Afro Reggae.** Rio de Janeiro, ano VII. n.38, p.10, mar. 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos.** Petrópolis: Vozes, 1994. 258 p.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

_____. (org.) et al. **O que é, Afinal, Estudos Culturais?**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 240 p.

_____. **Teoria Cultural e Educação**: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 128 p.

SOARES. Rosângela. Adolescência: monstruosidade cultural?. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.25, n.2, p.151-159, jul./dez. 2000.

SOBREVIVENDO NO INFERNO. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. vinil. 65min.

SOM NA CAIXA by Kaskatas, Cambuci, ano 2, n.2. D+T Ltda, 1999.

SOUZA. Janice Tirelli Ponte de; DURAND, Olga Celestina. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. **Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação** - (UFSC) Florianópolis, v.20, n. Especial, p.163-181, jul./dez. 2000.

SPÓSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**. São Paulo, v.5, n.1/2, p. 168, 1993.

_____. Juventude: Crise, Identidade e Escola. In: DAYRELL, Juarez (org.) **Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 97-104.

VIANA. Hermano (org.) **Galeras Cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 280 p.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

VITRINE DA PERIFERIA. n.1, Pelotas, 2004. Fanzine

_____. 2 ed. n.2, Pelotas - RS, 2005. Fanzine

YÚDICE, George. A Funkificação do Rio. In: HERSCHMANN, Micael. (org.) **Abalando os Anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 22 - 51.

ZEZÊ, Preto. Movimento hip hop de resistência e luta. **Sem Terra**, São Paulo, ano V, n.17, p.51-56, out./dez.2002.

WAINER, João. A voz da cadeia. 509 - e eleva elite do rap no carandiru. **Folha de São Paulo**, SP, 20 mar. 2000. Folhateen, p.7.

WALLETTA, Marcelo. A escalada do rap. **Folha de São Paulo**, SP, 4 ago. 2000. Folha Ilustrada, p.1.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 240 p.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: Escola, Resistência e Reprodução Social**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 241 p.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

**"O meu rap é tudo
com ele eu faço meu
estudo
e com certeza eu não
vou ser escravo do
mundo."**

**CNR - Escravos do
Mundo**

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Anexos

RAP'S

Rap - MC Bodão e Mano Leco (Os autores fizeram este rap quando participavam do projeto Amizade, 1999.)

“A escola falhou, a família falhou
e o Hip Hop chega para resgatar através da arte,
da música”

Te liga na mensagem que nós vamos te mandar - Dois poetas de atitude que vão relatar - A violência em Pelotas que não dá prá agüentar - MC Bodão está na área prá te acompanhar - Também tem mano Leco que vai te ajudar - Tudo começou eu era pivete - Eu dormia na rua - A brisa fria na pele - As estrelas a lua - Eu vi que não dava prá viver assim - Queria muito dinheiro - O melhor prá mim - Consegui uma pistola virei um assaltante - Terras da minha área e também dos bailes funk - Sempre quando pintava eles na parada tinha um pivete que avisava a rapaziada - Corre que lá vem os homens - Vamos dispara quando a bala pega ela pode te matar - Não entre nessa meu amigo - Você pode se dar mal - A sete palmos do chão ou no tribunal Graças a Deus consegui olhar prá trás - Vida de bandido eu não quero nunca mais Agora pare, pense, olhe para trás - Não entre nessa meu amigo se torne um bom rapaz Agora pare, pense, olhe para o lado - Estenda a sua mão para o menor abandonado - Eu mando essa mensagem prá ti abalar - Escuta esse refrão prá você se ligar - Tire essa arma da mão Largue essa arma no chão - E agora é minha vez de me explicar - Escuta esse recado não precisa se apavorar - Só porque roubei uma vez e não roubo nunca mais - Me chamam de mano Leco o mensageiro da paz - Nunca se esquecendo daquele que foi longe demais - Cemitério Boa Vista aqui jaz mano Riba - Descanse em paz - Que merda meu oitão tá até a boca que vida louca porque tem que ser assim - Essa noite eu sonhei. Que um fulano aproximou de mim - Agora eu quero ver ladrão pa pa pá enfim - Eu queria agradecer a nossa musa tia Patrícia - Que nos trouxe até aqui - Mostrando a nossa certeza sua bola prá frente que a luta continua - Agora pare, pense, olhe para o lado - Estenda a sua mão para o menor abandonado - Tire essa arma da mão - Jogue essa arma no chão - Essa é a mensagem de mano Leco e Bodão.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Rap da Felicidade

MC Cidinho e MC Doca

Eu só quero é ser feliz
E poder me orgulhar e ter a consciência de que o pobre tem o seu lugar
Minha cara autoridade não sei o que fazer
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
Diversão, hoje em dia não podemos nem pensar
Pessoas inocentes que não têm nada a ver
Nunca vi um cartão-postal em que se destaque uma favela
Se eles não fazem nada, faremos tudo aqui.

- Andar tranqüilamente na favela onde eu nasci, é..
- Fé em Deus, DJ
- Com tanta violência que sinto medo de viver
- O pobre é humilhado e esculachado na favela
- Pois até nos bailes eles vem nos humilhar
- Estão perdendo hoje seu direito de viver
- O povo tem a sua força só precisa descobrir

Rap: “To Feliz” (matei o Presidente)

Gabriel o Pensador

Todo mundo bateu palma quando o corpo caiu
Fácil um tiro só
Saí voando com a polícia atrás de mim
O que vejo na TV?
Ah! Dona Rosane não fode não enche
Mas se você quer saber por que matei o Fernandinho
Ele ganhou a eleição e se esqueceu do povão
Prometeu, prometeu e não cumpriu
Matei o Presidente do Brasil

- Eu acabava de matar o presidente do Brasil
- Bem no olho do safado
- Quando chego em casa
- Primeira-dama chorando perguntando (por quê?)
- Não é de hoje que o seu choro não convence
- Escute direitinho
- E uma coisa que não admito é traição
- Hoje eu to feliz

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

SABEDORIA DE RUA

Grupo: Consciência Negra

Sabedoria de rua - Periferia sangrenta
Cotidiano selvagem - Vida violenta
Muitos anos se passaram - Eu não consigo entender
Tem mais maldade nas ruas do que dentro da TV - Hoje em dia ficção se tornou realidade
Som da periferia revela a verdade - Encare a vida de frente e não de as costas pra ela
Pois se ficar embaçado - Creio que não vai ser belo
Então eu me pergunto - O que a gente faz
Como não tem escolha eu luto pela paz - Tem um pá de mano meu apodrecendo na prisão
Uma pá de mano meu - Aí matando em vão
Por quanto tempo isso irá continuar - Sim é tempo de fazer isso parar
Eu guardo o dia estampado dentro da na minha mente - O Hip Hop me deixa alerta
Um pouco mais consciente - Papo de irmão pra irmão
Esse é o toque certo - Viva a vida na paz com seu caminho aberto
Não caia em treta errada - Não dê mancada
Não dê motivo pros manos te apagar numa quebrada
Pisou na bola - Bum, Morre, Essa é a lei - Quem será o próximo - Você, eu, não sei
Infelizmente vendo as coisas, aqui são assim
Consciência negra tá no ar e vai até o fim - Maldade é como papel
Pega na mão e amassa - A união foi pro saco
Um abraço - Pra mim já chega de ver morte pra todo lado - Nossos manos se matando - Nosso mundo acabado
Então se liga meu irmão de tudo ao seu redor - Faça meu amigo na quebrada a união
É bem melhor - Espero que prestem atenção - Entenda bem
sabedoria de rua.....

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Escravos do Mundo

Letra: Ng e mano Davi

Música: CNR

Minha Mente em chamas virada num vulcão - Disposto a tudo e arrumar confusão - Essa é minha guerrilha
Não paro na trilha - Alvo na mira direto da periferia - Guerrilheiro da verdade de força e de coragem
No gueto só preto e branco - Sem respeito, discriminado - Isolado sem perdão - Sem nenhum direito, então
A luta cada vez mais difícil diante do juízo - Juízo - Que a verdadeira justiça - Justiça
Malucos são os poderosos, donos - Donos de tudo
E fazem de nós os escravos do mundo
Cresci sozinho na vida sem ninguém pra ajudar
Somente a força de vontade e Deus prá me guiar
Aos 15 fumava o meu primeiro baseado
A sensação muito louca e fiquei irado - Mais um noiado - O mundo se prepara prá receber
Sem formação mais um cuzão faz o que faz - Sem saber - Solitário
Fui obrigado a conquistar meu espaço
Somente eu, Deus e meu três oito prateado
Num barraco esfumaciado - Som a toda altura, cuidando a malandragem que passava pela rua
A noite com os parceiros - Garantia troco alto - Metê mansão, rádio de carro, expert,
Assalto, latrocínio, 157, 171
Não sou o último nem o primeiro, apenas mais um - Sem chance, sem saída
Mano a fita é essa mesmo - Mete a quadrada na cinta - Sempre se dá um jeito -
Correria dia a dia e folga virou rotina - Na neurose fica louco sem cocaína
O futuro fudido como de vários irmãos
São Francisco, Boas Vista, sete palmas do chão - Mas aí, - Tenta mudar, resistir bá

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Com essa vida bandida eu preciso parar - São três paredes uma grade
Sem liberdade, voltar atrás não dá
Infelizmente já é tarde - Da liberdade fiz pouco caso - Não valorizei
E hoje eu tô colhendo o mal que eu plantei
Mais um guerreiro protegido e guiado - Por Oxalá na ira do veneno
Que não se cansa de lutar contra o sistema
Capitalista e burocrata, que te cria - Te escraviza e depois te mata
Com fome cansado de ser, Brasil delatado
Que anda desesperado - Explorados pelo dinheiro
Manipulados - 500 anos e ainda somos escravos
Minorias que dominam, habitam a burguesia
Maioria sofrida atirada na periferia
Considerado entre aspas a margem - Um alto índice de miséria, violência
Realidade do chefe de família que trampa o mês inteiro - Por um salário descarado nem dá pro sustento
Meninas que na flor da idade já são mãe e pai
Meu filho com fome, tristeza - Bate, não agüenta e cai
Alternativo - Prostituição, humilhação é dar o rabo por dinheiro - Ladrão, moleque novo
Que nem chega aos 15 anos - Só vê futuro no assalto - Na cinta o cano
A conclusão é uma só vai prá Febem, irmão
De lá sai formado um marginal padrão
Apenas mais um perigo pra sociedade - Mais um moleque confuso jogado atrás das grades
Politicagem mal concluída do sistema falido que segue na mesma merda -
Que segue fudido, filhos da puta, - poderosos - Donos de tudo
São os que fazem de nós
Escravos do mundo
Escravos do mundo

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Viagem Suicida

Rapper: Jair Brown

Na viagem suicida - Mais um que vai pro fundo do poço - A corda enrolada no pescoço
O doido, assassino do telejornal que eu rimo com malícia - É igual a mim, na displicência - Me dá licença
Próximo capítulo não é novela - Eu não tô na globo - Meu olhar intimida - Preto sem ferro na cinta
Mas inciso na rima - Preciso no verso - Me entrego ao verbo - Te dou de presente a neurose -É - Falando da área,
Do sonho falido - Um brinde ao destino que se tem - Se tem, tem - Se não tem, não tem - Nem tenta roubar
Esquece a captura - Esquece a vida fácil - Esquece o crime - Esquece o revólver e só presta atenção na paz
Quanto se foram - Quanto caíram - Quanto se salvam do banco dos réus - O sonho cada um cada dois tem
Tem ver o filho crescer tem seis - Longe da arma, longe do presídio - Longe da droga
Faça sua escola da forma exata - O caminho é caminho - O falso amigo
Te deixar sozinho sorrindo no espelho da ignorância - Fatal realidade - Arrogância, o tolo não cansa
Deus Jason na fissura - Quer cheirar - Deus Jason - Na ação quer roubar - Pouca inspiração, prá tira
Maldade é o que reina - Maldade é o que há - A aranha tece a teia, - O mal te espreita
Tipo sereia, te hipnotiza, te leva pro mar - Oceano de sangue - O que será que será, que será que andam suspirando
pelas masmorras - Quanto se foram - Quanto caíram - Quanto se salvam do banco de réus
Por todo lado o mal te ronda planejando seu fracasso - Num vacilo seu o demônio te cata
Talvez na madrugada ou em plena luz do dia - Usando o disfarce que você nem desconfia
Pode ser alguém que diz que te ama, te apunha-la - Pode ser o amigo que pro abismo te arrasta
A verdade abala - O verso não falha - Vida bandida te leva pra dentro da cova se você marca
Quanto manos - Quantas minas - Sem futuro, sem saída - O crime ensina
Sair da linha - Não, não, não

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Revolucionário Parte II

Rapper: Gagui IDV

Aí rapaz, a cada um dos guerrilheiros periféricos que acreditaram na transformação, na revolução e no resgate através das palavras, enquanto houver descaso e injustiça, o coração bate pelo rap irmão.

Observei na caminhada, na minha jornada até aqui, os verdadeiros, os que deram sangue, os que vieram só pra Dividir, desacreditou no bagulho, então segura aí -

Disseram que ele não vinha, olha ele aí

Olha ele aí, o guerreiro que o esculachou, se resgatou, retornou, pelo pobre que o desprezou,
Aquele maluco que rimava de outrora,

Gagui idv voltou. cada vez mais doido, cada vez mais terrorista, cada vez mais revolucionário,
O perverso adverso do adversário.

Ainda boto fé, ainda acredito na periferia, se sou do povo, do meu lado, Mais a maioria. camisa 10 ainda veste a pele, - Dolos zumbi, mandela, tupac. a lágrima do seu olhos ainda escorre pelo rosto,

Pois do sistema guarda mágoa, rancor, desgosto. 30 anos de favela,

Tipo de vida, com a temática do rap se identifica.

A burguesia continua aterrorizada, pois minha rima tipo bomba de hiroshima, abala, decapta,

Capta, o que acontece ao meu redor, - Se for pela favela eu nunca fico sem o desgraçado do playboy acha que dos bom, - Mas se esquece que no gueto que se tem o dom, que se planta, que se colhe a flor da humildade,

Que o dinheiro aqui no compra nossa dignidade, o nosso sonho, o desejo de uma vida a pampa,

Ainda paga um pau e escuta o rap na caranga, mas de troxa, de intrometido que,

A voz ativa pelo gueto, a favela z. a gente entende, - Vários boys hoje quer ser bandido,

Sem passar fome, com dinheiro, a divertido. - Escuta rap, calça Larga e diz que é do gueto, trança o cabelo, dread Lock, - Pra dizer que é preto. brown, hip hop pelotense - Mesmo o eixo do mal, normal. filho da puta que tem ira,

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

que contra a nossa rima, fica louco quando ve o opala Marrom dos irmos na avenida,
Tocando rap nacional, nossa trilha. Deus deu o dom, eu agradeço e sigo a minha conduta, se o rap guerra,
Eu mais armado e não fujo da luta. servindo de inspiração pros moleques mais novo,
O exemplo, o espelho, o benefício, a paz para o meu povo. eu sempre quis acreditar que o rap ia resgatar, os
Malucos do gueto, pra vida do crime não se aproximar, encontrar escapatória, a chave, a luz, sucesso, ressurreição,
Alegria. eu sempre peço, progresso, em cada letra que verso, pra que eu seja do playboy um eterno adverso. sem
Sucesso, vida inteira atrás de luxúria, só falsidade, só ilusão, eu sei só falcatrua, quem perpetua o meu povo
Como coadjuvante, sem ascensão, segundo plano, vai pagar com sangue,
Que dá desmanche, na estrutura toda arquitetada, - Que a manso desmorone e a riqueza fique soterrada. pra puto
vive, - Como triste de sobreviver, num lugar amaldiçoado, como a casa que me viu crescer,
Da até desespero, lembrar hoje me faz sofrer, - Mas o destino viu o guerreiro, batalhar e vencer.
E a vitória justa, foi a consequência, pra quem achou a luz na rima e não na violência,
E a paciência, foi a chave pra desenvolver, - Trazer os irmãos pro lado certo, pra fazer o gueto se fortalecer,
No microfone quem vos fala aqui Gagui idv. - Se quer saber, quer saber guerreiro de verdade aqui Gagui idv,
ressuscitado pela rima, recuperado pelo R.a.p. - R.a.p. que mata, maltrata, destrói, os pensamentos de desprezo, da
elite, os boy, - Que esbraveja e se revolta com o que pensa a favela, o estopim aqui responde em forma de guerra.
Política, justiça, periferia, Um salve pros parceiros que dividem com 15 uma cela.
E faz vibrar o meu nokia 1100, ressurreição de quem estava a porta do inferno, - Pra ser sincero o que eu espero
regeneração, do interior de cada um que habita a prisão. - Porta fechada e preconceito o que te espera, - É como
consequência, trago comigo a resposta - A seqüela, de ser a voz que enobrece um pedaço de terra, tão maltratado e
sofrido chamado favela, - Que verte lágrima desgosto por tanta miséria, quem me conhece sabe bem que o que me
desespera, - O que fazem com o habitante do gueto que espera, ascensão um mundo novo, uma nova era.
Que antes fosse nas conquistas só periferia, medalha ouro, prata e bronze pela correria,
Infelizmente a maldição veio na profecia, acomodou o meu povo tipo anestesia, pra reerguer só percebendo que foi
fantasia, que no passou de uma farsa a alforria, não contemplou e ainda Prossegue a escravização, mas enquanto eu
tiver força, minha bic e a sabedoria, vou ser um eterno adverso da Burguesia.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Mundo Invertido

Ggagui idv

Mundo que se inverte se perde, ao avesso, - hoje a sobrevivência paga um alto preço.
domínio da guerra, o caos comanda a terra, - bem-vindo à escuridão, ao mal, à nova era.
onde o sangue é comum estilo água, onde é normal apagar um, sem vacilo, sem mágoa.
fazer a mãe do próximo chorar vale medalha, a maldade age certo sem boi, sem falha.
quem governa, estraçalha sonhos, quem me dera aquecer seu coração em pleno outono.
em cada rosto, um semblante de tristeza e dor, só o desgosto é o restante, é o que traz o horror.
pensar em deus, buscar a paz, pra muitos ih! capaz. uma vida boa no sossego, não, não satisfaz.
só o que vale é o peso do cano na cinta, não compensa,
educar seu filho, constituir família. que bom seria, o mundão só na paz, sem os problemas que atingem a periferia.
quanta lágrima derramada pela maria, mãe guerreira, abandonada e maltratada, pela pátria amada, idolatrada nação
brasileira. que deserda seus filhos, jogados ao léu, na grama verde, na madruga deitado, esperando, desnorteado,
uma resposta que virá do céu. será que vem? - não sei. me preocupar, preocupe, mas do destino não sei.
o que será que nos é reservado? o ponteiro da evolução hoje tá atrasado. e o conflito que prossegue, segue e se
sucede, apavorado e sem breque, o futuro promete. - daqui uns 20 qual a vida meu povo terá? sem esperança de
melhora, aonde vai chegar? - a inteligência sendo usada pro lado inverso, a guerra é apenas um exemplo desse
retrocesso. - as armas apontadas às nossas próprias mentes, o campo de batalha onde só morre a nossa gente.
o conflito está travado de forma errada, entre mortos e feridos é o meu sangue,
é o seu sangue que se esvai na calçada. - a mãe que chora é a sua, é a minha,
e é justamente ela que sobrevive e segue sozinha. entre retratos, lembranças e acender de velas,
enquanto isso o sangue escorre e suja a favela.
dentro da cela, é dos meu, é dos teu no xis, sem direito a liberdade, no cárcere privado, infeliz. entrou de embalo,
disfunção na vida do crime, no regional, na cohab ii,
grade não é vitrine, mais um que chora, que ora, que paga no regime.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

mais um nascido e criado na periferia: - o caos, mais um moleque mata e morre só por um real.
e é bom saber que hoje eu sirvo de inspiração, moleque ouve, adere a rima, esquece do oitão.
tipo vários que o sistema tacha de bandido, tipo os guerreiros eu sei são vários na beira do abismo.
são aliados que motivam a seguir com fé, no hip hop eu vou que vou sem dar marcha ré.
o fracasso dos otários é a minha luz, o nocaute do diabo é saber que meu parceiro é Jesus.
invista certo, busque a paz, vai, vai, corre atrás, nunca desmereça, segue a vida rapaz.
não perca tempo perdido, envolvido com parada errada, a vida que passa, a rima relata, os mano na balada.
buscou a paz de Deus onde não existia, procurou conforto em outro credo, outra profecia, só o que encontrou foi o diabo e a hipocrisia. - alerta na minha rima, final que se aproxima, invertidos papéis, valores, doutrinas. idolatria a tudo que não presta, drogas, armas, maldades e guerras. enferruja o cano que cê traz na cinta,
dou um troféu pra irmandade que chegar aos trinta. a morte súbita aos 18, 20, 22, com 38, pistola, sem dó, sem boi.
é o que destrói a alma da coroa, que vive de juro, apenas à toa.
sonhava com o filho formado, diplomado: odontologia, informática, o que encontrou foi a covardia de uma automática. - mais uma mãe que sobrevive em meio ao pesadelo, - mais uma lágrima que escorre e traz o desespero.
- mais um coração parado de forma violenta, - mais um baque, mais um choque, uma vida sangrenta. - crucificado enquanto vida, cicatrizado enquanto ferida, no labirinto do terror não se encontra saída. - aí se os guerreiros pudessem abrir os olhos e enxergar o final que se aproxima, - iam dar mais valor a vida, - mundo invertido, - onde as armas traz a sangria e lágrima no rosto da mãe, do pai, do filho que fica, - prêmio pros irmãos que sobreviver na batalha, - medalha de honra ao mérito a quem for mais malandro e sobreviver em meio ao caos, a podridão, ao fim dos tempos, ao apocalipse. - o ódio presente em cada olhar, - a vontade, a sede, a ânsia de matar.
hoje em dia o ser humano tá disposto pro mal, puxar o gatilho, desferir o golpe fatal,
mundo do avesso, George W. Bush, a besta do apocalipse, - em nome da honra e da ganância patrocina a matança desenfreada de inocentes, - vítimas sem poder de reação, abatidas, mortas no Iraque, Afeganistão,
Auschwitz ressurgiu no século XXI, - mas não faça da sua mente um campo de concentração. pregue o bem, busque o bem, alforria, o eterno desejo de libertação.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Se Me Chamaram...

Gagui IDV e CNR

vida da rima mostrou luz e foi além,
resgatou, trouxe à tona os bandidos do bem.
só favela repito só favela, r.a.p. é alforria,
afasta a alma do guerreiro de dentro da cela.
e é só por ela, pela rima eu vejo vários irmãos,
no desconforto viu a arte como salvação.
hoje quem conduz microfone, spray, technics,
do crime foi refém e afundou tipo titanic, fui resgatado pelo rap, pelo dom, pela bic.
se me chamaram pra somar, então tá, tô aqui,
um dos últimos que ainda resta com fama de bamba, Gagui.
que tá na fé, na batalha e na guerrilha é forte,
que não desanda pra não dar motivo à própria morte.
que sempre deu razão para ser respeitado,
não fraquejou e na favela é considerado.
faço do rap a minha arma, minha proteção,
é minha luz, a minha benção, minha salvação. o que me guia, me rege, a trilha que me protege, corrente renovada,
periferia fortalece.
mais um gangueiro que investe naquilo que crê,
nenhuma puta nem dinheiro vai me corromper.
se assinei meu juramento com a favela eu cumpro, se precisar ir pro arrebento não mudo de assunto.
minha alforria é minha rima que me libertou, é vitamina, luz divina que me abençoou.
cada obstáculo que a vida me proporcionou,
soube driblar e cada bem que conquistei sou merecedor.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” – Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

independente dos erros e acertos eu sobrevivo,
entre percalços, pedras, tropeços, tô vivo e me motivo, a cada hora pra seguir na luta, e na resposta pela paz não mudo minha conduta.
mesmo refém percebo quem quer me ver além. eu não guardo mágoa de ninguém,
meu desejo espontâneo é fazer o bem.
juntô, só quem não prestava e virô terrô,
Gagui idv pelo rap eu vô, me chamaram pra somar, então tá, aqui tô.
eu sei é foda ver na cohab II, na Cristóvão José dos santos,
frente ao presídio e a FASE,
família aos prantos. deixar pra trás um irmão, um filho guardado,
a liberdade é só uma cela maior eu tô ligado.
anestesiado dentro do presídio, querer estar na rua e não poder é difícil.
eu não desisto, da morte eu tô distante, tem que ser guerreiro tipo um índio xavante,
avante com todo o esquadrão. - é sem se entregar, sem se abater, sem se omitir, pois o tropeço e a derrota é o que me faz prosseguir.
eu tô de pé, -
distante do back, minha religião, minha doutrina é o rap.
contra tudo e todos aqueles que pensam, periferia noite e dia rima desavença. tem lado bom,
tem parceiro que é correria, herdou a garra e a bravura, supremacia.
pra vencer, pra driblar, pra ganhar, pra correr, tem que ser,
só querer, que a vida se encarrega da vitória destinada a você. e com medalha no peito é bem mais,
vencedor, lutador, pra mostrar que com justiça se conquista a paz.
deixar pra trás cansaço, angústia, mágoa, fracasso, tipo Robinho arregaçá pedala e parte pro abraço.
ih!!! aí já viu guerreiro, fodeu cê fica em primeiro, seu filho vira herdeiro,
dinheiro fecha puteiro, Dom Joaquim na pajero, eu sou bem mais a humildade que me faz ser verdadeiro.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Fim de Semana no Parque

Racionais MCs - 1993

Chegou fim de semana, todos querem diversão. - Só alegria e nós estamos no verão desde janeiro,
São Paulo zona sul. Todo mundo à vontade, calor, céu azul,
Eu quero aproveitar o sol, encontrar os camaradas num basquetebol.
Não pega nada! Estou há uma hora de minha quebrada. - Logo mais quero ver todos em paz.
Um.. dois, três carros na calçada - feliz e agitada, toda a playboyzada.
Asgaragens abertos, *eles lavam os carros, desperdiçam a água, eles fazem a festa!* Vários estilo, vagabundas,
motocicletas. Coroa rico, boca aberta, isca predileta.
De verde fluorescente, queimada e sorridente, a mesma vaca louca circulando como sempre.
Roda a banca dos playboys do Guarujá. *Muitos manos se esquecem*, na minha não se cresce, Sou assim, tô legal.
Até me leve a mal. Malicioso e realista, sou eu: Mano Brow, Me de quatro bons motivos pra não ser.
Olhe o meu trampo nas favelas e vai perceber.
Daqui eu vejo uma caranga *do ano*, toda equipada, e um tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado, estão indo ao parque, eufóricos, brinquedos eletrônicos.
Automaticamente eu imagino a molecada lá do área como é que tá. Provavelmente, correndo pra lá e pra cá,
Jogando bola, descalços nas ruas de terra. - É, brincam do jeito que dá.
Gritando palavrão, é o jeito deles. Eles não tem videogame, as vezes nem televisão, mas todos eles tem Dom
Hum, São Cosme e São Damião - a única proteção.
No último natal, papai Noel escondeu o brinquedo, prateado, brilhava no meio do mato.
Um menininho de dez anos achou um presente: era de ferro, com doze balas no pente. E o fim de ano foi melhor pra
muita gente. Eles também gostariam de ter bicicletas. De ver seu pai fazendo cooper, tipo um atleta.
Gostam de ir ao parque e se divertir,
E que alguém os ensinasse a dirigir. Mas eles só querem paz, e mesmo assim é um sonho.
Fim de semana *no Parque Santo Antônio*. - Olha só aquele clube, que do hora! Olha aquela quadra. Olha aquele campo.

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Olho! Olha quanta gente. Tem sorveteria, cinema, piscina quente.

Olha quanto boy, olha quanta mina. Afoga *essa* vaca dentro do piscina! Tem corrida de kart, dá pra ver.

É igualzinho o que eu vi ontem no Tv. - Olha *só* aquele clube, que do hora.

Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora.

Nem se lembra do dinheiro que tem que levar pro seu pai bem louco, gritando dentro do bar.

Nem se lembra de ontem, de hoje, futuro, ele apenas sonha através do muro.

Milhares de casas amontoadas, ruas de terra. - Esse é o morro, área de espera

Gritaria na feira: vamô chegando - Pode crê eu gosto disso, mais calor humano.

Na periferia a alegria é geral. - È quase meio dia, a euforia é igual.

É lá que moram meus irmãos, meus amigos. - E a maioria por aqui se parece comigo.

É eu também sou bam-bam -bam e o que manda; - O pessoal desde as dez da manhã está no samba

Preste atenção, eu repito, e atenção e aprovo: Como é que é Mano Brown? - Pode crê é da hora.

A número um em baixa renda na cidade, comunidade zona sul é dignidade.

Tem um comunista, tem uma tiazinha, e desce o morro polícia a morte, polícia socorro.

Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo pra molecada frequentar, nenhum incentivo.

O investimento no lazer é muito escasso. - O centro comunitário é um fracasso

Mas aí se quiser se destruir está no lugar certo. - Tem neguinho de cocaína sempre por perto.

A cada esquina, cem duzentos metros - E é sempre bom ser esperto

Nomes estrangeiros que estão em nosso meio pra matar

Merda. Como se fosse ontem ainda me lembro - Sete horas, sábado, 4 de dezembro.

Uma bala, uma moto, com dois imbecis. - Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz e indiretamente ainda

faz - Mano Rogério esteja em paz. - Vigiando lá de cima...a molecada do Parque Regina

Tô cansado dessa porra, de toda essa bobagem, alcoolismo, vingança treta, malandragem

Mães angustiadas, filhos problemáticos, famílias destruídas - Fins de semanas trágicos. - O sistema quer isso, a

molecada tem que aprender - Fim de Semana no parque Ipê.

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Diário de um Detento

Racionais MCs - 1997

São Paulo, - Dia primeiro de outubro de 1992, oito horas da manhã.

Aqui estou, mais um dia sob o olhar sangüinário do vigia

Você não sabe como é caminhar com a cabeça no mira de uma HK, Metralhadora alemã ou de Israel

Estraçalha ladrão que nem papel - Na muralha em pé mais um cidadão José, servindo o Estado, Um PM bom -

Passa fome, metido a Charles Bronson -

Ele sabe o que eu desejo, sabe o que eu penso - O dia tá chuvoso, o clima tá tenso

Vários tentaram fugir, eu também quero mas de um a cem, a minha chance é zero - Será que Deus ouviu minha oração?

Será que o juiz aceitou a apelação? - Manda um recado lá pro meu irmão: se estiver usando droga tá ruim na minha mão

Ele ainda tá com aquela mina? Pode crê, o moleque é gente fina - Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá tanto faz

Os dias são iguais, acendo um cigarro, vejo o dia passar - Mato o tempo pra ele não me matar

Home é homem, mulher é mulher - Estuprador é diferente, né?

Toma soco toda hora, ajoelha e beija os pés e sangra até morrer na rua 10

Cada detento uma mãe, uma crença

Cada crime uma sentença, cada sentença um motivo, uma história de lágrima, sangue, vidas e glórias

abandono/miséria/ódio/sufrimento/desprezo/desilusão/ação do tempo

Misture bem essa química - Pronto: fiz um novo detento

Lamentos no corredor, na cela, no pátio, ao redor do campo, em todos os cantos

Ma eu conheço o sistema, meu irmão - Aqui não tem santo

Ra, ta, ta, preciso evitar que um safado faça minha mãe chorar

Minha palavra de honra me protege pra viver no país das calças bege

Tic, tac, ainda é nove e quarenta, o relógio na cadeia anda em câmera lenta

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Rá, ta, tá, ta, mais um metrô vai passar
Com gente de bem, apressada, católica, lendo jornal, satisfeita, hipócrita
Com raiva por dentro, a caminho do centro - Olhando pra cá, curiosos, é lógico
Não, não é não, não é o zoológico - Minha vida não tem tanto valor quanto seu celular, seu computador,
Hoje tá difícil, não saiu sol - Hoje não tem visita, não tem futebol
Alguns companheiros têm a mente mais fraca, não suportam o tédio, - arruma quiaca
Graças a Deus e a Virgem Maria falta só um ano, três meses e uns dias
Tem uma cela lá em cima fechada desde terça-feira ninguém abre pra nada
Só o cheiro de morte e Pinho Sol - Um preso se enforcou com lençol
Qual que foi? Quem sabe? Não conta ia tirar mais uns seis de ponta a ponta
Nada deixa um homem mais doente que o abandono dos parentes
Aí moleque, me diz então? - Cê qué o quê? - A vaga tá lá esperando você
Pega todos os seus artigos importados, seu currículo no crime e limpa o rabo
A vida bandida é sem futuro - Sua cara fica branca desse lado do muro
Já ouviu falar de Lúcifer? Que veio do inferno com moral um dia? - No Carandiru, não, ele é só mais um
Comendo rango azedo e com pneumonia - Aqui tem mano de Osasco, do Jardim d'Abril, Parelheiros, Moji, Jardim Brasil,
Bela Vista, Jardim Ângela, Heliópolis, Itapevi, Paraisópolis, Ladrão, sangue bom, tem moral na quebrada
Mas pro estado, é só um número mais nada, nove pavilhões, sete mil homens
Que custam trezentos reais por mês cada - Na última visita, neguinho veio aí, trouxe umas frutas
Marlboro, Free, ligou que um pilantra lá da área voltou
Com Kadett vermelho, placa de salvador, pagando de gatão, ele xinga, ele abusa, com uma 9 milímetros em baixo da blusa
Aí. Neguinho vem cá, e os manos onde é que ta?
Lembra desse cururu que tentou me matar? - "Aquele puto é ganso, pilantra, corno manso
ficava muito doido e deixava a mina só - a mina era virgem, ainda era menor - agora faz chupeta em troca de pó"
esses papo me incomoda - se eu to na rua é foda.... - "é, o mundo roda, ele pode virar pra cá" ...
Não, já, já meu processo ta aí - Eu quero mudar, eu quero sair - Se eu trombo esse fulano...

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Não tem pá. - Não tem pum, vou ter que assassinar um 121 - Amanheceu com sol, 2 de outubro
Tudo funcionando, limpeza jumbo - De madrugada eu senti um calafrio - Não era do vento, não era do frio
Acerto de conta tem quase todo dia - Ia ter outro logo mais., eu sabia - Lealdade é o que todo preso tenta conseguir, a
paz, de forma violenta - Se um salafrário sacanear alguém leva ponto na cara igual frankstein
Fumaça na janela, tem fogo na cela - Fudeu, foi além...
Se pô! Tem refém na maioria se deixou envolver - Por uns cinco ou seis que não tem nada a perder
Dois ladrões considerados passaram a discutir - Mas não imaginavam o que estaria por vir
Traficantes, homicidas, estelionatários - Uma maioria de moleques primários
Era a brecha que o sistema queria - Avise o IML
Chegou o grande dia, depende do sim ou não de um só homem que prefere ser neutro - Pelo telefone
Rá, ta, ta caviar e champanhe - Fleury foi almoçar que se foda a minha mãe
Cachorros assassinos, gás lacrimogênio.... - Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio
O ser humano é descartável no Brasil - Como modess usado ou bombril - cadeia?
Claro que o sistema não quis - Esconde o que a novela não diz - Ra, tá, ta, ta, sangue jorra como água
Do ouvido, da boca e nariz - O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez
Morreu de bruços no salmo 23 - Sem padre, sem repórter, sem arma, sem socorro - Vai pegar HIV na boca do
cachorro - Cadáveres no poço, no pátio interno - Adolph Hitler sorri no inferno
O Robocop do governo é frio
Não sente pena, só ódio e ri como a hiena
Rá ta ta tá, Fleury e sua gangue
Vão nadar numa piscina de sangue
Mas quem vai acreditar no meu depoimento
Dia 3 de outubro,
diário de um detento

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Pânico Na Zona Sul

Racionais Mc's

"Aqui é Racionais MC's, Ice Blue, Mano Brown, KLJay e eu EdyRock."

- E ai Mano Brown, certo ?

- Certo não está né mano, e os inocentes quem os trará de volta?

- É...a nossa vida continua, e ai quem se importa ?

- A sociedade sempre fecha as portas mesmo...

- E ai Ice Blue...

- PÂNICO...

Então quando o dia escurece - Só quem é de lá sabe o que acontece

Ao que me parece prevalece a ignorância - E nós estamos sós - Ninguém quer ouvir a nossa voz - Cheia de razões calibres em punho - Dificilmente um testemunho vai aparecer - E pode crer a verdade se omite

Pois quem garante o meu dia seguinte - Justiceiros são chamados por eles mesmos

Matam humilham e dão tiros a esmo - E a polícia não demonstra sequer vontade

De resolver ou apurar a verdade - Pois simplesmente é conveniente - E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes - E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum

Continua-se o pânico na Zona Sul. - Pânico na Zona Sul - Pânico...

Eu não sei se eles - Estão ou não autorizados - De decidir que é certo ou errado - Inocente ou culpado retrato falado - Não existe mais justiça ou estou enganado? - Se eu fosse citar o nome de todos que se foram

O meu tempo não daria pra falar MAIS... - Eu vou lembrar que ficou por isso mesmo

E então que segurança se tem em tal situação - Quantos terão que sofrer pra se tomar providência

Ou vão dar mais algum tempo e assistir a seqüência - E com certeza ignorar a procedência

O sensacionalismo pra eles é o máximo - Acabar com delinquentes eles acham ótimo

Desde que nenhum parente ou então é lógico - Seus próprios filhos sejam os próximos

E é por isso que - Nós estamos aqui - E ai mano Ice Blue...

“Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição.” - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Pânico na Sona Sul - Pânico... - Racionais vão contar - A realidade das ruas
Que não media outras vidas - A minha e a sua - Viemos falar - Que pra mudar - Temos que parar de se acomodar
E acatar o que nos prejudica - O medo - Sentimento em comum num lugar - Que parece sempre estar esquecido
Desconfiança insegurança mano - Pois já se tem a consciência do perigo - E ai?
Mal te conhecem consideram inimigo - E se você der o azar de apenas ser parecido
Eu te garanto que não vai ser divertido - Se julgam homens da lei - Mas à respeito eu não sei
Muito cuidado eu terei - Scraeth KLJay - Eu não serei mais um porque estou esperto
Do que acontece Ice Blue - Pânico na Zona Sul - Pânico na Zona Sul - Pânico... - Ei Brown
Você acha que o problema acabou? Pelo contrário ele apenas começou
Não perceberam que agora se tornaram iguais - Se inverteram e também são marginais Mas...
Terão que ser perseguidos e esclarecidos - Tudo e todos até o último indivíduo
Porém se nos quisermos que as coisas mudem - Ei Brown qual será a nossa atitude?
A mudança estará em nossa consciência - Praticando nossos atos com coerência
E a consequência será o fim do próprio medo - Pois quem gosta de nós somos nós mesmos
Tipo porque ninguém cuidará de você - Não entre nessa a toa - Não de motivo pra morrer
Honestidade nunca será demais - Sua moral não se ganha, se faz - Não somos donos da verdade
Porém não mentimos - Sentimos a necessidade de uma melhoria - A nossa filosofia é sempre transmitir
A realidade em si - Racionais MC's
Pânico na Zona Sul - Pânico... Certo, certo...Então irmão
Volte a atenção pra você mesmo
E pense como você tem vivido até hoje certo?
Quem gosta de você é você mesmo
Nós somos Racionais MC's
DJ KLJay, Ice Blue, Edy Rock e eu...Brown.
PAZ...
Pânico...

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

O que é fanzine

A maioria das pessoas desconhece o que realmente é fanzine. Alguns dizem: Ah! Fanzine é aquele programa de televisão. Estão enganados. Fanzine é mais que isso. Dissecando a palavra Fanzine: Fan (fã) e Magazine (revista)

Ou seja, revista do fã, feito pelo fã e para o fã. Fã de quê? Ora, fã de qualquer coisa. É isso aí, o Fanzine é uma revista, normalmente reproduzida em xerox, com pequena tiragem e distribuição, que você pode fazer. O Fanzine, hoje, é o melhor meio de se divulgar culturas alternativas, como bandas de garagem, filosofias políticas, poesias concretas, vegetarianismo, história em quadrinhos, etc. O primeiro fanzine foi feito no ano de 1977, na Inglaterra, chamava-se *Sniffing Glue*, era editado por Mark P., um ex- bancário de 19 anos que ficou de saco cheio do emprego. Rapidamente 'os zines' tornaram-se porta-vozes do movimento punk, daí pra frente a onda dos zines' se espalhou por todos os lugares, atingindo todos os segmentos da sociedade. Mas, o mais legal nisso tudo é o fato de ser um lance totalmente independente, que não visa lucro. Os zineiros querem apenas expressar suas idéias com total liberdade de pensamento e expressão. Rodrigo Rosa da Silva - Editor do *Paralisia Cerebral Zine* - (Luta Zine, nov. 1999).

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

GLOSSÁRIO

A -

B - BASEADO: cigarro de maconha

B.BOY: abreviação de Break Boy, menino - dançarino de break

B.GIRL: abreviação de Break Girl, menina - dançarina de break

BREAK: dança do movimento Hip Hop. Primeiro elemento do Hip Hop a aparecer. A dança tem o nome de Break porque em inglês quer dizer 'quebrar', porque as pessoas só dançavam na parte 'quebrada' da música. Os primeiros grupos de break eram formados por gangues (nos EUA), que não brigavam nas ruas, mas se enfrentavam nas pistas de dança.

BAGULHO: maconha, coisa, contrabando, objeto roubado

BRODI: ou Brother, irmão

BEATBOX: imitação de sons com a boca

BECK: cigarro de maconha

C - CAMELO: bicicleta

CHEGADO: amigo

CHEGAR NA HUMILDADE: entrar sem diferença com ninguém

CONFIRMADO: pessoa de confiança

CAIU A CASA: expressão usada em shows quando um grupo conquista o público ou, ao contrário algo deu muito errado.

D - DJ- DISC JOCKEI: quem faz o som, as bases para as músicas

E -

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

F - FAZER A CORRERIA: Arrumar dinheiro ou realizar um trabalho, projeto
FALCATRUA: vagabundo

G - GRAFFITI: expressão gráfica do Movimento Hip Hop, pintura em muros, paredes. Diferente da pichação
GROOVE: parte da música que se repete, determinando o ritmo

H -

I - ISLÂMICO: "o negócio ta islâmico" - a situação está muito complicada;

J -

K -

L - LATINHA: lata de tinta spray
LOOPING: repetição do groove ao longo da música

M - MANO: irmãos, amigos
MINA: mulheres ou namoradas/esposas
MC - abreviatura de Mestre de Cerimônias; Nas primeiras festas uma pessoa apresentava os DJs que iam se apresentar, estas pessoas eram chamadas de MCs. Hoje o MC é o cantor de Rap mas também conversa durante os shows com o público 'mandando um salve' para as comunidades presentes.
MIXER: aparelho que o DJ usa para 'colar' uma música a outra
MANDAR UM SALVE: dar um oi, um alô, mandar lembranças, cumprimentar

N - NO FECHADO - no presídio, cadeia

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

NÓIA - noiado: paranóia, desconfiado

NÓIS NA FITA: "nós no acontecimento", expressão utilizada para indicar que estão em evidência,

O - OS HOMI: Os homens - polícia

P - PICK UP: toca discos do DJ

POSSE: grupos ou pessoas reunidas envolvidas com o Movimento Hip Hop

PLAYBOY: ou Boys: rapazes da classe média e alta

PROCEDER: o jeito que se faz as coisas, as atitudes

Q - QUEBRADA: 'na quebrada', no lugar onde se mora, se fica, na rua

R - RAP: abreviatura de Rithm and Poetry, ou Ritmo e Poesia. Quando os DJS jamaicanos chegaram aos EUA, organizavam suas festas nas ruas. Os MCs ficavam falando de suas vidas e da realidade das comunidades a que pertenciam enquanto os Djs faziam as músicas, então surge o rap.

S - SAMPLER; aparelho que copia 'cola' sons para os DJs usarem nas músicas

SCRACHT: efeito que o Dj faz girando os discos ao contrário

T - TÁ LIGADO: 'tá entendendo?'

TRETA: briga, problema

TRAMPO: trabalho

U -

V -

X -

Z -

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

Relação de Participantes do Movimento Hip Hop de Pelotas - Convidados para a Pesquisa

1. Beethoven (grafiteiro)

Bairro: Navegantes

2. Brown (Mestre de Cerimônia - rapper - produtor cultural)

Bairro: Guabiroba

3. Banca CNR - Consciência Negra de Rua

Participantes: Mano Davi, MC Guido, Éder, Jorginho, NG

Bairro: Dunas

4. Gagui IDV

Participantes: Gagui IDV (Ideologia de Vida), Dj NF

Bairro: Centro, Cohab II

5. Guerreiros do Rap

Participantes: Izair, Mozar

Bairro: Fátima

6. MCS Radicais

Participantes: Ligado, Éfy

Bairro: Guabiroba

7. MC Mabeicker

Bairro: Simões Lopes

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

8. Mensageiros do Apocalipse

Participantes: Anjo DB, Eddy Cristo

Bairro: Navegantes

9. Piratas de Rua (grupo de dança)

Participantes: Té, Gugu, Paulinho, Jorginho, Lasier.....

Bairro: Navegantes

10. Preta G

Bairro: Getúlio Vargas

"Minha Palavra Vale Um Tiro. Eu Tenho Muita Munição." - Movimento Hip Hop e a Fabricação de Identidades.

SITES do Movimento Hip Hop:

www.bocadaforte.com.br

página da associação 'serumano' e apoiada pela 'Prince Claus Fonds'- apresenta um informativo do Movimento hip Hop

www.pretobomba.com.br

página de moda Hip Hop

www.abrilprorap.com.br

página do festival de Hip Hop 'Abril Pro Rap'

www.omegahiphop.com.br

página de Porto Alegre com informações, chats, agenda cultural, mercado livre, entrevistas;

www.batalhafinal.com.br

página dedicada as competições de Break. Batalha Final também é uma competição anual de break, criada em 1998 no Brasil e atualmente faz parte do calendário mundial de competições do Movimento Hip Hop.

www.dmn.com.br

página do grupo de Rap de São Paulo

www.tramavirtual.com.br

página de lançamento de bandas de músicas